QUEM É QUEM

No Setor Segurador em Portugal

2020

JE O Jornal Económico

FICHA TÉCNICA

Propriedade
Megafin, Sociedade Editora SA

Diretor
Filipe Alves

Diretor Adjunto
Shrikesh Laxmidas

Subdiretor
Leonardo Ralha

Conteúdos Editoriais
Vítor Norinha

Área Comercial
Cláudia Sousa (Diretora),
Elsa Soares, Isabel Silva,
Ana Catarino e Cristina Marques

Fotografia
Cristina Bernardo e Reuters

Design e Paginação
Rute Marcelino (coordenadora)

Impressão
Jorge Fernandes

Revista distribuída
com **O Jornal Económico** nº 2034
de 27 de Março de 2020

Sede e Redação
Rua Vieira da Silva 45,
1350-342 Lisboa

JE O Jornal Económico

Catástrofes pandémicas

Vítor Norinha
vnorinha@jornaleconomico.pt

Quando se esperava que os grandes temas da indústria seguradora para 2020 fossem as alterações climáticas, as catástrofes naturais, os riscos demográficos, o crime cibernético e os riscos políticos, eis que tudo passa a secundário perante a catástrofe pandémica que primeiro a China e depois a Europa, passaram a viver.

Os seguros e a cobertura dos riscos associados, nomeadamente a paragem da atividade económica, a recessão económica em múltiplos países, o disparo do desemprego, a crise social com o encerramento de escolas e serviços, e a perda de projetos de vida são as consequências visíveis no atual contexto. Mas falamos da indústria e do que ela pode fazer para mitigar as várias crises. Dos analistas, investigadores e profissionais da indústria que o Jornal Económico consultou para este trabalho, há uma nota que surge em todos eles: a necessidade de adaptação. E não falamos apenas da indústria em si, dos contratos e da capacidade de ter a necessária previsibilidade, falamos de comportamentos das pessoas, da sociedade e das empresas. Todos terão de mudar, e que é sinónimo de adaptação.

Os seguros com modelos preditivos, paramétricos e tábuas de mortalidade apoiam-se no passado para definir termos de custos e condições para o futuro. Isso vai mudar. As catástrofes naturais passaram a ser recorrentes, as pandemias são globais como a economia, as alterações climáticas parecem ser a base das alterações de fundo do planeta e a sofisticação dos sistemas produtivos alimentou um novo tipo de criminalidade. A indústria seguradora antecipou muitas destas realidades e está a responder, mas esta é uma indústria que tal como a da banca, telecomunicações ou retalho tem evoluído, mas trabalha-se com base em números e resultados que terão de ser positivos. Mutualizar todas as responsabilidades do mundo não é possível ser feito por um setor de atividade, terá de ser pelos Estados. É por isso que perante a pandemia do covid-19 se questiona tanto os seguros e sobre o que eles cobrem. Tal como refere a especialista da broker MDS, Ana Mota, ainda há alguns seguradores que cobrem pandemias, mas será cada vez menos e no futuro, frisamos nós, não existirá nenhuma entidade privada que faça esse trabalho. E adiantamos que essa cobertura não será sequer realizada mesmo que se apliquem prémios exorbitantes. Simplesmente passará a ser unicamente tratada pelos Estados. E já hoje os doentes com sintomas recorrem unicamente ao serviço público de atendimento. E é por isso crucial que a mutualização de catástrofes envolvam entidades privadas e públicas, com papéis bem definidos. Fora da pandemia do Covid-19 é relevante lembrar o fundo de riscos sísmicos que o setor está disponível para assumir em Portugal, mas que precisa do aval do Governo. No início de abril, quando sai esta publicação, as atenções estão apenas focadas na pandemia, mas as catástrofes naturais são um tema que pode passar a emergente de um momento para o outro.

ÍNDICE

05 **Análise**
Qual o impacto do Covid-19 nas economias mundiais e, em particular, em Portugal. O que podem esperar as empresas com coberturas específicas.

06 **Entrevista**
José Galamba de Oliveira, presidente da APS – Associação Portuguesa de Seguradores fala da pandemia e de outras catástrofes e da capacidade de resposta dos seguradores.

08 **Análise**
Como se irá comportar o setor segurador perante catástrofes, pandemias e ataques cibernéticos. O que está excluído para as famílias e para as empresas e ainda o impacto na economia global.

14 **Análise**
As pequenas empresas e os riscos cibernéticos com o contributo de Carla Zibreira, consultora da S21sec.

22 **Entrevista**
David Pereira, presidente da APROSE fala da modernização dos mediadores profissionais e do papel na literacia nas famílias e nas pequenas empresas.

26 **Fórum**
Os líderes do setor segurador, tecnológico e consultoras falam da adaptação da indústria às novas exigências de mercado e dos consumidores e ainda como reagir às pandemias.

Por Vítor Norinha

Impacto da Covid-19 será astronómico nas economias

O que podem esperar as empresas perante acontecimentos como pandemias, perdas de negócio ou catástrofes.

Especialistas de todas as áreas de seguros responderam às grandes questões do momento. Como mitigar prejuízos, recuperar empresas e repor infraestruturas. O tema do momento é as pandemias. José Monteiro da Coface Portugal, uma seguradora vocacionada para as empresas, com destaque para as que têm a vertente exportadora, diz que aquilo que terá de ser analisado "é o impacto económico das mesmas, que numa perspetiva empresarial resulta, inevitavelmente, no incumprimento de pagamentos das empresas devido à brusca quebra de resultados, o que se traduz num risco comercial, estando assim ao abrigo das coberturas das apólices". Fernando Rocha, diretor da Sabseg, afirma que as diretrizes que surgiram com a pandemia da Covid-19 "acarretará certamente um impacto significativo nas organizações e nas empresas. No entanto, quer pela forma como cada uma dessas entidades implementará tais diretrizes, bem como pela forma como os seus planos de contingência salvaguardam situações como a presente, esse impacto neste momento não será ainda passível de quantificação. O impacto da pandemia Covid-19, naturalmente terá efeitos diretos sobre a economia e o mercado de trabalho de que ainda não há qualquer quantificação conhecida, mas o reflexo das quedas das Bolsas de Valores em todo mundo, o receio e a falta de confiança antecipam uma tendência para a degradação de todos indicadores económicos em que somente medidas de políticas públicas robustas ajudarão a mitigar num pós surto pandémico". António Bico, da seguradora Zurich vai no mesmo sentido e salienta que "os mais de 150 anos do Grupo Zurich e os mais de 100 anos da Zurich Portugal já nos ensinaram que os planos de crise, de contingência e de continuidade de negócio são mesmo necessários e têm de estar muito bem afinados". Adianta que "os impactos globais, locais e da Zurich em relação ao Coronavírus Covid-19 ainda estão longe de identificar, no entanto, temos os impactos de outras situações quantificados ao pormenor".

Mas o mercado segurador tem sofrido com outros eventos e Anabela Araújo, da Aon Portugal, salienta que "o crescente impacto dos riscos associados às alterações climáticas e catástrofes naturais, bem como a sua maior frequência de ano para ano, tem levado a um reforço da capitalização do setor segurador, por forma a que este consiga gerir os custos relativos aos danos causados por estes fenómenos. Apesar de 2019 ter sido, em comparação com outros anos do atual século, o ano com a quinta percentagem mais baixa de "protection gap" para os prejuízos relacionados com catástrofes (uma percentagem de 69%, em que foram cobertos custos na ordem dos 64 mil milhões de euros face aos prejuízos económicos de mais de 210 mil milhões de euros), a realidade é que se prevê um crescimento dos custos financeiros para as seguradoras nos próximos anos, o que levará a uma reavaliação em alta dos preços aplicados ao contratos de seguros que contemplem estes riscos". E relativamente às pandemias o gestor diz: "Estamos convictos de que o impacto negativo que o surto do novo coronavírus trará à economia numa escala global vai obrigar o setor a repensar as suas soluções, com o objetivo de assegurar a proteção das empresas e pessoas, e ao mesmo tempo salvaguardar a sua sustentabilidade". E sobre eventuais indemnizações perante a pandemia diz ser "prematuro perspetivar a capacidade das seguradoras e resseguradoras ao nível do cumprimento das indemnizações previstas nos contratos com os seus segurados, uma vez que o setor está a avaliar qual o impacto que a atual pandemia terá nas economias internacionais". E sobre Portugal diz que não se tendo ainda atingido a fase de mitigação "ainda é cedo para medir o impacto que este trará às organizações e empresas, apesar de ser praticamente certo que o mercado e o país irão sofrer fortes consequências socioeconómicas".

Coberturas restritivas

Ana Mota, diretora da broker MDS, diz ser preciso "ter noção de que as seguradoras responsáveis não podem cobrir todo e qualquer risco. Fazê-lo seria colocarem todo um sector à beira do colapso e, consequentemente, toda a sociedade. Ou seja, há riscos em que as seguradoras não podem substituir o Estado. E as pandemias são um deles! Hoje ainda há seguros que têm coberturas para situações de pandemia, mas a tendência é para que esta oferta seja cada vez mais restritiva. O crescente número de situações e a sua gravidade têm influência nos modelos preditivos dos seguros, que têm que considerar uma maior probabilidade de que pandemias aconteçam. Esta crescente probabilidade vai tornar os prémios de seguros cada vez mais elevados e potencialmente incomportáveis, o que faz com que seja necessária uma maior assunção de responsabilidades pelos Estados".

Por Vítor Norinha

ENTREVISTA

José Galamba de Oliveira, presidente da APS

PANDEMIAS

“Haverá contratos com essa exclusão e outros não”

A declaração de pandemia não determinou qualquer alteração ao funcionamento dos seguros de saúde, afirma o presidente da Associação Portuguesa de Seguradores (APS), José Galamba de Oliveira.

O tema dos riscos sísmicos vai voltar a ser prioridade do Governo. O momento atual é, no entanto, dominado pelas medidas de controlo da pandemia com o novo coronavírus. O futuro da economia dos países ocidentais está dependente da rapidez com que a crise venha a ser superada. O presidente da APS frisa que a indústria se tem mostrado solidária e com capacidade para ressarcir os segurados.

Está o setor segurador em Portugal pronto para assumir riscos simultâneos a nível de doenças/pandemias, alterações climáticas, riscos catastróficos e crimes cibernéticos?

A capacidade para assumir em simultâneo este tipo de riscos não depende apenas do mercado português. Os riscos referidos são riscos que são sempre assumidos de forma global, numa estreita relação e parceria entre seguradores e resseguradores. Até à data, o setor segurador, no seu conjunto, mostrou sempre ter essa capacidade. Mas há acontecimentos que podem fazer alterar essa disponibilidade. Por exemplo, as alterações climáticas. O setor segurador, a nível internacional, já deu conta que se a temperatura aumentar mais do um determinado valor, muitos riscos deixam de ser seguráveis porque deixam de ser risco e passam a certeza.

Considera ser este o momento em que a indústria seguradora se pode afirmar como complemento de garantia de proteção social das pessoas e proteção das empresas, em conjugação com o Estado?

A atividade seguradora, pela sua natureza, confere, através da mutualização dos riscos, uma proteção contra riscos que as pessoas e as empresas tendem a valorizar mais em contextos de insegurança e de incerteza como o que vivemos e em que as pessoas adquirem uma perceção e consciência acrescida que o Estado não poderá responder a tudo e a todos. Quanto maior for a complementaridade e a articulação entre a proteção conferida pelo Estado e a proteção que as seguradoras podem dar, maior será a proteção efetiva das pessoas e das empresas, da sua integridade física e do seu património.

O que explica que o projeto da APS sobre riscos catastróficos apresentado há dois anos ainda não tenha avançado?

Este tipo de iniciativa, como é habitual, tem o seu desenvolvimento próprio no tempo. Mais precisamente a proposta apresentada inclui a criação de um fundo para mitigar o risco sísmico em Portugal de oito mil milhões de euros, o que representa a capacidade inicial de financiamento para uma situação de catástrofe. Estes são temas que levam meses, às vezes anos, pois implicam alterações legislativas. Entretanto, é expectável que nos próximos tempos existam condições para voltar a debater o tema e operacionalizar a ideia, tendo em conta a abordagem positiva do Governo em relação à temática.

O setor segurador ganhou visibilidade e credibilidade ao responder rapidamente a riscos ambientais e catastróficos como os incêndios de verão. Como está a responder perante o risco de saúde pública provocado pelo novo coronavírus?

As empresas de seguros que operam em Portugal manifestaram já ao Governo o seu empenho firme em colaborar na implementação das medidas recomendadas pelas autoridades públicas para controlar a propagação do coronavírus - COVID-19. As seguradoras, elas próprias, já adotaram os planos internos alinhados com os procedimentos de prevenção, controlo e vigilância, incluindo o recurso ao trabalho remoto. As empresas de seguros têm vindo também a adotar as medidas ao seu alcance para assegurar

a continuidade da atividade, nomeadamente ao nível da gestão de sinistros, e reduzir ao mínimo os impactos de toda esta situação na vida das pessoas. Estão também a prestar todo o apoio e esclarecimentos necessários aos respetivos clientes, e assim continuarão a fazê-lo, quanto às coberturas dos respetivos contratos e estão também a acelerar projetos e ideias inovadoras para colocar ao serviço dos clientes, facilitando a sua vida num período tão complexo como o que vivemos.

Uma pandemia exclui a responsabilidade dos seguradores?

Não existe uma exclusão global de coberturas em caso de pandemia. Haverá contratos que têm essa exclusão e outros não. Há que fazer uma análise caso a caso.

As seguradoras já assumiram, por exemplo, que a declaração oficial de pandemia não determinou, por si, qualquer alteração no normal funcionamento dos seguros de saúde e assim continuarão a ser pagas as prestações contratualmente devidas e que, com o objetivo de facilitar a deteção atempada evitando a propagação do vírus, mobilizaram as suas linhas de assistência aos clientes no esclarecimento de dúvidas e no apoio ao diagnóstico e estão a suportar os custos dos testes de diagnóstico sempre que haja a necessária prescrição médica.

Também afirmaram que:

- os contratos de seguros de vida não têm, em regra, qualquer exclusão das coberturas contratadas por efeito da declaração de epidemia/pandemia.
- serão considerados como acidentes de trabalho, nos termos da legislação em vigor, os acidentes ocorridos no desempenho de funções em regime de teletrabalho, seja por indicação de autoridade pública ou da entidade empregadora. Mas que é importante que as empresas documentem o teletrabalho, nomeadamente identificando os trabalhadores, datas e horas autorizadas, e as respetivas moradas onde vai ser prestado o trabalho.
- em relação aos seguros de assistência e seguros de viagens, os clientes que tenham contratado diretamente o seguro e se vejam impedidos de viajar por infeção (deles ou de quem deles dependa) com COVID-19 podem, na maioria dos casos, acionar esta cobertura, desde que ocorra internamento hospitalar e/ou quarentena (imposta por entidade competente) da pessoa infetada, conforme se tem verificado nos casos até agora detetados. A diversidade dos contratos dos seguros de viagem aconselha a consulta à respetiva seguradora. Também nos casos de viagens contratadas através de agência de viagens se aconselha a consulta à seguradora.

Para além disso, as empresas de seguros têm dado provas no passado da sua capacidade de serem solidárias quando o país, as pessoas e a economia, mais precisam e não deixarão de o voltar a fazer. Por isso reiteram a sua disponibilidade para colaborar quer na implementação das medidas recomendadas para controlar a propagação do COVID-19, quer na procura de soluções concertadas com as autoridades públicas, designadamente no quadro de protocolos de natureza assistencial que venham a ser celebrados.

Como estão a ser preparados os seguradores para atuarem em Portugal perante o potencial de novos riscos?

Existe um conjunto de novos desafios para o setor, muitos dos quais são uma consequência direta do desenvolvimento tecnológico. As empresas seguradoras têm também beneficiado destas inovações, nomeadamente através da utilização de novas ferramentas através das quais é possível mapear e desenvolver produtos específicos, adaptados às necessidades de cada cliente individual ou negócio. Nesta área têm sido realizados importantes investimentos em inovação, através da qual é possível desenvolver produtos com maior qualidade.

No que se refere às soluções de seguros paramétricos, embora a sua implementação esteja ainda numa fase incipiente, espera-se que ganhe relevo enquanto solução de gestão de risco, num cenário onde o fator climático será cada vez mais relevante. Já no caso das tábuas de mortalidade, estas continuam a ser uma ferramenta fundamental, através da qual é possível definir as tendências nacionais para alguns parâmetros, embora a informação posteriormente tenha de ser analisada ao detalhe.

Por Vítor Norinha

Será que o setor segurador vai sobreviver

É relevante compreender não só o impacto de cada risco mas a interligação dos vários riscos segurados. Esta é uma visão integrada dos analistas da indústria seguradora que tem vindo a responder a catástrofes naturais e agora a pandemias.

Os riscos para pessoas e empresas começam nas alterações climáticas e na biodiversidade, passam por doenças e pandemias e continuam com recessões económicas e riscos políticos. Pelo meio temos mercados financeiros em quedas acentuadas e ataques cibernéticos. Nuno Arruda, senior diretor da Willis Towers Watson não tem dúvida de que o setor segurador mundial e nacional vai sobreviver. Diz que "a indústria seguradora, embora nem sempre tenha o devido crédito nem a melhor publicidade, sempre foi pilar de resiliência das empresas e agora não será excepção. Terá obviamente que evoluir, adaptar-se a novas realidades, criar novos modelos, mas vai prevalecer a manter o seu papel estruturante na economia". E quando se fala em riscos é relevante o impacto de cada um deles, mas também a interligação entre os vários riscos do mundo. O mesmo gestor afirma: "Temos ao longo dos últimos anos feito vários surveys aos diferentes stakeholders sobre a sua perceção relativamente aos maiores riscos a que estão expostos e é curioso verificar que há consideráveis diferenças de acordo com a geografia ou indústria. São relativamente consensuais as alterações climáticas, a incerteza regulatória, a geopolítica ou a atração e retenção de talento. Na nossa ótica, no entanto, o grande desafio que se coloca é compreender não só o impacto isolado de cada risco mas a interligação entre os vários riscos e a forma como afetam indústrias que estão elas próprias conectadas numa economia global".

A ideia é partilhada pelo CEO da broker MDS Portugal, Ricardo Pinto dos Santos. Diz que "hoje vivemos tempos em que, mais do que nunca, esta pergunta faz sentido não apenas para os seguradores e corretores de seguros, mas para todos setores de atividade e para todos nós enquanto cidadãos". O gestor cita o "Global Risk Report 2020" e o World Economic Forum para afirmar que naqueles documentos são indicadas "as formas como os riscos globais podem evoluir e interagir na próxima década e aponta os riscos mais iminentes e com mais amplo impacto: aquecimento global, falha de medidas climáticas, perda de biodiversidade, roubo ou fraude de dados, ataques cibernéticos, ou bolhas em classes de ativos são apenas algumas das ameaças.

No entanto, não devemos olhar de forma isolada para os grandes riscos, como as pandemias, o colapso dos mercados ou as alterações climáticas, mas sobretudo para a interconectividade desses riscos. A atual pandemia, além da perda trágica de vidas, poderá levar a um efeito devastador na economia com quebras nas cadeias de abastecimento, falência dos sistemas económicos, perturbações sociais, entre muitas outras situações. Por exemplo, o

comércio global tem sido historicamente um pilar e um mecanismo de crescimento e uma ferramenta essencial para tirar as economias da crise, que agora é fortemente comprometido, nomeadamente pela interrupção da cadeia de fornecimento, pela quarentena imposta a milhões de pessoas e pelo pânico dos consumidores e dos investidores". Recorda o gestor que "na primeira sessão da bolsa depois da pausa para o Novo Ano Lunar e após ter sido confirmado na China a epidemia de Covid-19 com 361 mortes confirmadas, as vendas de pânico dos investidores provocaram a queda da capitalização bolsista das empresas chinesas em 400 mil milhões de dólares, segundo a Reuters. No dia 9 de Março as transações na bolsa de Nova Iorque foram suspensas por 15 minutos depois de o índice S&P 500 ter registado, no início da sessão, uma queda de 7% devido ao pânico associado às consequências económicas do novo coronavírus".

Lisboa com impacto de 60 milhões

Um estudo relativamente recente do Lloyd's City Risk Index colocava o PIB em risco em Lisboa em cerca de 60 milhões de USD dólares/ano perante um risco de pandemia. Estes números estarão certamente já desatualizados. O mesmo estudo aplicado às cidades americanas colocava a pandemia humana a custar uma média de 9,79 mil milhões de dólares por ano - o quarto maior risco para o seu PIB.

António Bico, CEO da Zurich, recorda também o "Global Risk Report 2020", elaborado pelo Fórum Económico Mundial, em parceria com a Zurich e a Marsh, e onde se conclui que os riscos climáticos dominam as principais preocupações globais a longo prazo. Afirma que o relatório também refere que "dada a severidade e frequência dos episódios climáticos extremos - como as ondas de calor ou a destruição da biodiversidade e dos ecossistemas naturais – os riscos climáticos são também as principais preocupações no imediato. Uma vez que os fenómenos naturais têm forte impacto na natureza, infraestruturas, património, bens e, obviamente nas comunidades, os seguradores não podem estar alheios à interligação global e local de todos estes riscos. Um exemplo desta interligação são as epidemias e a reviravolta a que assistimos nas últimas semanas com o escalar dos casos do novo coronavírus covid-19. A nível económico, 2020 era um ano que se previa, à partida, dominado pelo abrandamento sincronizado das grandes economias mundiais, mas a pandemia do novo coronavírus covid-19 veio reforçar esta preocupação. Ainda não há estimativas para o impacto económico desta pandemia, mas já se sabe que a Bolsa de Wall Street caiu 11% na semana de 24 de fevereiro, a pior semana desde a crise de 2008 e que os índices Dow Jones e S&P 500 encerraram a 12 de março, com o pior desempenho diário desde 19 de outubro de 1987. Estas quedas financeiras não aconteceram com as epidemias da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), em 2003, e da Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS) em 2012.

Esta realidade tem que nos levar a refletir sobre os sistemas de saúde que vivem hoje momentos de alta pressão, risco também antecipado no "Global Risk Report 2020", que evidenciou as fragilidades globais do setor da saúde perante o envelhecimento da população e o esforço na resposta a doenças crónicas, como por exemplo, as doenças cardiovasculares ou diabetes.

Perante estes grandes riscos, é preciso não esquecer outros desafios que já tinham sido sinalizados pelo setor segurador, como a cibersegurança ou a polarização da política interna que se verifica em muitos países".

No mesmo sentido vão as ideias de Anabela Araújo, da broker Aon. Diz que o cenário atual "está a gerar, inevitavelmente, alguma apreensão junto do setor segurador, sobretudo porque muitas empresas - tanto em Portugal quanto no resto do mundo - não estão totalmente capacitadas para responder aos riscos que uma pandemia pode trazer ao seu negócio. Falamos de riscos como a interrupção das atividades, falhas nas cadeias de abastecimento ou até o absentismo do capital humano - atualmente três dos principais riscos apontados pelas empresas no Global Risk

Management Survey de 2019 da Aon, onde ocupam a 4ª, 20ª e 32ª posições, respetivamente - entre outros. Esta falta ou insuficiente resiliência, aliada ao delicado contexto que atravessamos, pode vir, não só, a comprometer a sustentabilidade das seguradoras - também elas abaladas pelo impacto económico desta pandemia - mas também a sua capacidade de resposta às empresas que, por sua vez e em diversas circunstâncias, dependem dos seus contratos de seguro, na medida em que estes foram integrados nas suas estratégias de gestão de riscos".

E ainda sobre o impacto da pandemia que começou na China e alastrou para a Europa, Carla Sá Pereira, Associate Partner na EY, frisa que para além de preocupações significativas com a saúde, "a disseminação do covid-19 afetará a economia global. As cadeias de distribuição, muitas das quais originárias da China, são particularmente vulneráveis a perturbações causadas por aquele vírus, pelo que, em janeiro, as Autoridades chinesas determinaram o fecho da maioria das fábricas do país, a fim de impedir a sua transmissão e propagação desenfreada. Apesar das expectativas de reabertura no início de fevereiro, muitas fábricas que produzem de tudo, desde medicamentos, a peças de automóveis e produtos eletrónicos, continuam fechadas. Como resultado, o covid-19 fez com que quase todas as empresas da Fortune 1000 sofressem uma interrupção nas suas operações comerciais de rotina. Em quase todos os setores, as empresas multinacionais enfrentam agora a dura realidade de que os negócios não continuarão a realizar-se normalmente, impactando severamente as suas receitas. Obviamente, a extensão do dano dependerá da rapidez com que o vírus é contido, das medidas adotadas pelas autoridades para contê-lo e de qual o apoio económico que os Governos estão dispostos a disponibilizar, isto para além das consequências imediatas da pandemia. As primeiras indicações do impacto do covid-19 na economia chinesa são piores do que o inicialmente previsto. As pesquisas do setor de manufatura e serviços da China caíram para um recorde em fevereiro, as vendas de automóveis caíram 80% e as exportações caíram 17,2% em janeiro e fevereiro. Os dados oficiais confirmaram uma desaceleração generalizada da atividade económica. Os analistas reviram as estimativas do crescimento chinês, agora prevendo uma queda no PIB do primeiro trimestre, a primeira redução desde 1992, quando a China começou a reportar dados trimestrais. À medida que o covid-19 se espalha, a recuperação económica da China será desafiada uma vez que a procura de outros países irá certamente cair

quando também estes enfrentarem a propagação deste vírus".

Economia em contração

A gestora cita economistas que alertam que o surto de covid-19 poderia custar à economia global cerca 1,1 trilião de dólares. Alguns consideram que os efeitos posteriores da pandemia farão com que a economia global se reduza neste trimestre – pela primeira vez desde o final de 2008, quando um choque no setor financeiro causou tumulto nas empresas em todo o mundo. Frisa que "embora o surto pareça ter diminuído na China, o covid-19 e seus impactos tornaram-se irreversíveis e globais. As infeções aumentam na Europa, Coreia do Sul, Irão, EUA e em outros países, com as Autoridades a serem obrigadas a implementar medidas cada vez mais restritivas para conter o vírus. A Europa e o Japão provavelmente já se encontram em recessão, devido ao fraco desempenho no quarto trimestre e à alta dependência do comércio, e alguns analistas preveem uma contração no PIB dos EUA no segundo trimestre. As estimativas do impacto global variam: (no início de março), a OCDE previu que o covid-19 irá reduzir o crescimento do PIB global em meio ponto percentual em 2020 (de 2,9% para 2,4%); mas a Bloomberg adverte que o crescimento do PIB em todo o ano pode cair para zero no pior cenário de pandemia". E sobre Portugal reforça que ainda estamos na fase de propagação e alguns antecipam que o pico só venha a ocorrer em maio, "pelo que ainda é cedo para ter estimativas mais exatas".

E sobre o futuro da indústria diz que "num cenário apocalítico em que tudo acontece ao mesmo tempo, a própria sobrevivência da espécie humana poderia estar em causa, pelo que qualquer setor terá dificuldades em sobreviver. O nível regulamentar de capital de solvência dos seguradores é definido para permitir a absorção de um montante significativo de perdas inesperadas, devendo cobrir os riscos mais relevantes a que o segurador está sujeito, com um elevado grau de confiança (99,5%), num horizonte temporal de 1 ano. Ou seja, as perdas inesperadas foram desenhadas para eventos que acontecem uma vez em cada 200 anos. Ainda assim, o nível de capital exigido aos seguradores não é apurado assumindo que todos esses eventos (catástrofes naturais, alterações climáticas e pandemias) ocorrem simultaneamente, sendo possível beneficiar dos efeitos de diversificação. Está regulamentarmente previsto que o capital de solvência possa ser apurado com base numa fórmula padrão europeia ou com base em modelos internos próprios (totais ou parciais) aprovados pela Autoridade de supervisão. Em Portugal, todas as empresas de seguros estão a apurar os seus níveis de capital de solvência com base na fórmula padrão.

Importa neste contexto destacar que no âmbito do sistema de gestão de riscos, as empresas de seguros devem efetuar uma autoavaliação do risco e da solvência (ORSA, na sigla em inglês). Embora o ORSA não possa ser utilizado para calcular requisitos de capital, é um processo crucial na gestão de um segurador. Permite a autoavaliação dos riscos a que os seguradores se encontram expostos (em particular aqueles que não são captados pela fórmula padrão) e da sua solvência. Na autoavaliação dos níveis de solvência, as empresas avaliam a sua solvência e definem planos de mitigação em cenários de stress (stress tests), em particular aqueles que podem conduzir a níveis de solvência abaixo de 100%, e muitas vezes, em cenários combinados em que vários eventos adversos ocorrem em simultâneo.

Ainda assim e não obstante o setor segurador se ter mostrado resiliente à última crise de 2008, antes do covid-19 já o setor enfrentava desafios relevantes como as baixas taxas de juro, o fraco crescimento económico, as alterações demográficas e a uma recessão iminente. Num ambiente pós covid-19 parece que a recessão é inevitável, ainda que alguns antecipem que a recuperação não seja tão difícil como na última crise, em que a confiança nos mercados financeiros teve de ser restabelecida.

Neste contexto não podemos ainda deixar de ter presente a tradicional transferência de risco como o resseguro e outras medidas alternativas de transferência de riscos. As carteiras de seguros de vida em caso de morte e dos seguros dos ramos Não Vida, por exemplo, são normalmente resseguradas, transferindo assim o setor segurador parte do risco para os seguradores, de acordo com os modelos considerados mais adequados a cada caso".

O menor crescimento económico é das certezas apontadas por todos os analistas. Sobre impactos da pandemia da covid 19, Paulo Fradinho, partner da consultora Mercer, diz que "há muita incerteza que resulta de não se saber quanto dura a curva de expansão do vírus em resultado das iniciativas de contenção, mas podemos pensar em cenários: rápida recuperação a

partir do final de abril, redução a atividade até ao final de Q2 ou recessão económica durante 2020. Há alguns estudos que apontam para um potencial de redução do crescimento do PIB mundial de 2,5% para 2%, resultante da quebra do PIB da China de 6% para 4,7% e de uma queda de 0,5% nas restantes economias de maior dimensão. É especulativo, mas a probabilidade destes cenários depende da eficácia das medidas que estão a ser tomadas e que na essência dependem muito do comportamento de cada um de nós. A Mercer tem a decorrer um online um survey global sobre a forma como as empresas estão a responder ao COVID-19. 69% das organizações estão muito preocupadas, quase 30% já encerrou os escritórios ou unidade de produção e nestes casos o teletrabalho é solução para mais de 90% das empresas. Se conjugarmos estes resultados temos 27% das empresas que participaram com os seus colaboradores em regime de teletrabalho, o que constitui o desafio acrescido de organização e infraestrutura digital. De salientar, que apenas 35% das empresas está a implementar o plano de contingência, o que mostra a dificuldade das organizações em lidar com um fenómeno desta magnitude". Diz que para ajudar as empresas a navegar nestes tempos difíceis, a empresa "disponibiliza, de forma gratuita, um guia de 10 considerações para apoiar as empresas na proteção dos seus colaboradores: comunicação, mecanismos de suporte como a saúde mental ou o bem-estar financeiro, benefícios de saúde e risco, instalações médicas na empresa, gestão das deslocações em trabalho e das pessoas a regressar de zonas de risco, encerramento de operações e employee experience, trabalho remoto/flexível/adaptativo, volatilidade das pensões e dos fundos e ativos bem como os planos de contingência pandémica".

E sobre a indústria do seguros Paulo Fradinho diz que a missão do sector "é justamente ajudar as pessoas e as empresas a superar estas alturas de dificuldade e grande incerteza. O seguro é para proteger destes e de outros riscos, estamos todos a trabalhar em conjunto para encontrar sempre as melhores soluções e ter um impacto positivo na vida das pessoas.

Por seu lado, Rodrigo Simões de Almeida, Country Manager da Marsh Portugal, diz que "o PIB mundial, e de cada país, será seriamente impactado, a circulação de pessoas reduzirá e a de bens pode ter fortes disrupções (sejam positivas, pelo aumento da procura ou stockagem, sejam negativas, pelas dificuldades de circulação por ordem pública). Também se prevê o aumento do número de falências e atrasos de pagamentos, o número de ataques cibernéticos deverá aumentar, estando as empresas eventualmente mais vulneráveis, num cenário crescente de pessoas em situação de trabalho a partir de casa, entre outros aspetos que naturalmente serão contabilizados depois de terminado este enorme desafio que enfrentamos e que, com disciplina férrea, ultrapassaremos". E sobre o futuro recorda que sector segurador "é centenário e já sobreviveu às mais impactantes crises mundiais dos séculos XX e XXI. A Marsh e o Grupo Marsh & McLennan, com 149 anos de atividade, têm a certeza que, com maior ou menor impacto, o sector segurador saberá responder e, sem dúvida, fará parte da solução"

Riscos para pessoas e empresas

Fernando Rocha, diretor da Sabseg frisa que "o papel distintivo dos corretores é fundamental para a construção de soluções de proteção para as médias e grandes empresas. Há os riscos compulsórios, onde assume relevância o Acidentes de Trabalho, mas toda a necessidade de proteção Patrimonial e de estabilidade financeira em caso de perdas ou quebras do ciclo produtivo, bem como de Responsabilidade Civil que deve ser transferida para os Seguradores seja a nível de Produtos, Exploração ou Administração. Os riscos cibernéticos, os riscos ambientais e os riscos de Reputação e Proteção da propriedade intelectual revelam uma procura crescente.

O papel social das empresas é cada vez mais distintivo e reflete-se em preocupações também na fidelização e motivação do seu capital intelectual e talento através de fringe benefits -seja a nível de saúde, de vida risco ou de complementos de refor-

ma. Num mercado globalizado onde as transações e as dependências comerciais são cada vez maiores, a volatilidade financeira dos intervenientes pode colocar em risco a viabilidade do negócio, soluções de seguros de crédito não só mitigam o risco do mesmo, como melhoram a função financeira junto dos financiadores".

António Bico, CEO Zurich Portugal, recorda que "a vida quotidiana expõe-nos a vários riscos. Nas deslocações casa-trabalho estamos sujeitos a acidentes de automóvel, acidente nos transportes públicos, atropelamentos ou outros. Nestes acidentes a nossa integridade física pode ser colocada em causa e no local de trabalho podemos também ser vítimas de acidentes, de maior ou menor gravidade. Chegamos a casa e, para além da integridade física, deparamo-nos com outros riscos como, por exemplo, as avarias elétricas, as inundações, os incêndios ou furtos. Em Portugal, os seguros obrigatórios de automóvel e acidentes de trabalho cobrem a maioria dos acidentes a que as pessoas estão expostas.

Existem também outros riscos que não podem ser desvalorizados. Os diferentes estilos de vida que temos vindo a adotar ao longo das últimas décadas estão a expor-nos a outros riscos que já encontram proteção na atividade seguradora. O aumento da esperança média de vida está a acelerar a incidência de doenças crónicas, as alterações climáticas a intensificar os episódios climáticos e a perca de biodiversidade a acelerar a propagação de doenças. A resposta dos seguradores são os seguros de Vida que cobrem um conjunto alargado de riscos, seja a morte, a invalidez e uma grande parte de doenças crónicas, onde as pandemias e epidemias se incluem. Também os seguros de poupança são outra resposta do setor segurador com vista a proteger pessoas e seus familiares perante os imprevistos que possam acontecer. Tanto nos seguros de vida como nos de poupança, a literacia financeira também é fundamental. Começa-se por projetar o futuro que queremos construir, garantindo que temos a proteção financeira necessária". E concluir que historicamente a atividade seguradora tem conseguido adaptar-se a todas estas transformações e é por isso que "a preocupação em estudar as tendências e os respetivos riscos associados são uma constante no nosso dia-a-dia". E parafraseando o relatório "Riscos Regionais dos Negócios 2019" elaborado pelo Fórum Económico Mundial no final de 2019, em parceria com a Zurich e a Marsh, "os cinco maiores riscos ao desenvolvimento dos negócios nos próximos 10 anos apontados pelos empresários em Portugal são: bolha de ativos, falha de mecanismo financeiro ou institucional, falha de governance nacional, ataques cibernéticos e crises fiscais. Ao nível global a perceção dos empresários para os próximos 10 anos é um pouco diferente, ou seja, os cinco maiores riscos apontados foram: crises fiscais, ataques cibernéticos, desemprego ou subemprego, choque dos preços de energia e falha de governance nacional.

A questão central da gestão de riscos de hoje é a complexidade e a forma como estão interligados. Os riscos locais são muito importantes mas os riscos globais também têm impactos nas economias e sociedades locais, ou seja, temos de estar atentos aos efeitos para todos eles. Enquanto gestores de risco, na Zurich defendemos que são necessários três passos para que as empresas consigam fazer uma gestão holística dos riscos e perceber os caminhos a tomar: fazer uma reflexão profunda procurando conhecer a sua exposição ao risco, desenhar a matriz de materialidade e medir os trade-offs entre os riscos que podem vir a afetar o seu negócio".

Globalização

O tema da globalização é referenciado por Fernando Rocha, do segurador Sabseg, e salienta que "curiosamente a globalização que já em tempos se tinha identificado como um risco de grande impacto económico para as pessoas, revela-se atualmente como fator disseminador dos problemas e de difícil controlo face ao atual modelo económico em que vivemos. A atual pandemia e a sua rápida propagação pelo mundo são evidências desse contexto. No entanto, não podemos descurar a tremenda evolução na qualidade de vida e nas oportunidades que este modelo nos trouxe. As pessoas além da necessidade dos tradicionais riscos patrimoniais que pretendem ver cobertos para salvaguarda e segurança de toda uma vida de trabalho (como são habitualmente a habituação, e seu recheio e carros), também de modo crescente procuram seguros de saúde, seguros de vida risco e seguros de poupança -reforma. Também as novas tendências de proteção animal, de mobilidade individual e coletiva, de desporto e lazer ou de segurança de bens de comunicação e trabalho digital, se traduzem na procura de seguros. O aumento da média de esperança de vida, a escassez de mão-de-obra, o aumento dos fluxos migratórios são desafios crescentes e normais na globalização e constituem novos desafios e oportunidades para a indústria seguradora."

Por Carlos Caldeira

Riscos cibernéticos: Grandes empresas vão obrigar pequenas a reforçarem segurança informática

As grandes empresas reforçam a sua segurança, mas esses avultados investimentos podem não valer de nada. As pequenas empresas, fornecedoras das grandes, podem ser a porta de entrada dos piratas informáticos.

A proliferação dos riscos cibernéticos continua a ser cada vez maior, pela dependência das organizações ao mundo digital, que dele precisam para fazer operar os seus negócios.

As grandes empresas investem cada vez mais em segurança, mas será isso suficiente? Não. Hoje são já muitos os exemplos em que as grandes empresas são atacadas informaticamente, não diretamente nas suas infraestruturas mas através dos seus fornecedores, normalmente empresas de pequena dimensão. Veja-se o caso da norte-americana Target, que foi atacada através de um dos seus fornecedores de ar condicionado, com sede na Índia.

"As empresas, os governos, as organizações estão cada vez mais dependentes do mundo digital. Já não conseguem trabalhar sem informática. E como tal há aqui um apetite desses atacantes, sejam governos ou piratas informáticos, que olham para isto como um potencial ativo para conseguirem dinheiro", diz Carla Zibreira, Head of Consulting da S21sec.

"E mesmo relativamente aos países, não há um conflito de guerra que não venha agarrado a um hacker. Vimos isso ainda há poucos meses com o ataque dos EUA ao Irão. A arma do ciber espaço começa a ser utilizada como antigamente se usava uma pistola ou uma bomba. A exploração destes riscos começa a tomar proporções grandes. Tentar saber a password de um utilizador já é uma atividade arcaica", acrescenta aquela consultora.

Esta sensibilidade para o risco estava apenas nos departamentos de I&T, com o reforço de soluções tecnológicas para protegerem as organizações, como firewalls, para proteger o perímetro da instituição. Agora as empresas não se limitam a ter software contra ataques informáticos, passaram mesmo a ter colaboradores que sabem operarem essa tecnologia, formando uma rede de conhecimentos que percebe essa tecnologia e a formar todos os seus colaboradores para que consigam uma mitigação do risco.

"As empresas começam já a valorizar a componente dos processos e o vetor humano que é um ator importante no manuseamento da tecnologia. Sabem que têm de trabalhar de forma mais organizada. Já investem ao nível da formação e sensibilização dos seus colaboradores. Sensibilizar as pessoas para aquilo que são as ameaças e quais podem ser as estratégias para se protegerem e prevenirem esses ataques", realça Carla Zibreira.

Os seguros contra os ataques cibernéticos são mais um mecanismo de controlo.

ATAQUES

E a Head of Consulting da S21sec dá exemplos. "Tivemos um caso muito interessante no primeiro semestre de 2019. Numa das fábricas da norueguesa Hydronorsk, localizada nos EUA, a sua rede informática foi atacada e toda a infraestrutura daquela estação foi bloqueada. Ficaram sem acesso aos computadores e o problema acabou por alastrar a todas as suas unidades produtivas".

Os piratas informáticos encriptaram toda a informação e pediram um resgate. Uma ação que teve um grande impacto na empresa. "O mais curioso foi a capacidade que a Hydronorsk teve em comunicar com os seus stakeholders e em lhes acalmar os ânimos. Todo o processo de comunicação de gestão de crise funcionou muito bem. Não pagaram o resgate e conseguiram resolver o problema", explica a consultora.

Mas, Carla Zibreira adianta que "há ainda um estigma em dizermos que fomos atacados. Continua a haver muito secretismo por parte de quem foi atacado. Nos fóruns corretos, se fosse divulgado ajudaria outras empresas a mitigar esses ataques". E avança com outro exemplo. Ainda nos EUA, a cadeia de lojas norte-americana Target foi atacada. Os piratas tiveram como alvo o seu sistema de pagamentos deixando expostos os dados bancários de cerca de 40 milhões de clientes. A Target não foi atacada diretamente através da sua infraestrutura. O atacante explorou a vul-

Carla Zibreira, Head of Consulting da S21sec

nerabilidade do seu fornecedor de ar condicionado e conseguiu chegar à solução que fazia a faturação, conseguindo depois entrar nos sistemas de pagamento (POS) da Target. Tiveram tempo de fazer melhoramentos do software malicioso nos POS da Target e na altura do Natal causaram muitos prejuízos.

PORTUGAL SEGURO?

Quanto às empresas portuguesas, Carla Zibreira diz que "há sectores mais preparados do que outros, como o financeiro, que tem legislação que o obriga a ter o controlo dos processos tecnológicos. E agora vai acontecer o mesmo nas telecomunicações. Os serviços críticos de uma sociedade vão ser obrigados a terem procedimentos de segurança implementados".

No entanto, a consultora da S21sec diz que "as pequenas e médias empresas (PME) não têm a mesma capacidade de resposta e cada vez mais estes atacantes usam as pequenas empresas para entrarem dentro das grandes. O nosso tecido empresarial de PME ainda está muito deficiente".

Então, o que fazer para mitigar o risco? "Talvez socorrerem-se de soluções partilhadas, mais baratas, que se calhar não vão ter níveis de abrangência como a do sector financeiro. O que vai acontecer é que uma vez que as empresas grandes implementem as suas seguranças vão exigir dos seus parceiros níveis de segurança altos", realça Carla Zibreira.

Os seguros contra os ataques cibernéticos são mais um mecanismo de controlo. "Posso minimizar o risco transferindo-o para outra entidade. Mas as seguradoras só emitem a apólice de seguro depois de perceberem qual o risco da instituição em causa. Com base na avaliação de risco são definidas as condições das apólices de seguro. As seguradoras podem propor tecnologia nova ou o risco pode ser muito elevado e a seguradora recusar-se a segurar ou o preço ser elevadíssimo e não compensar", explica aquela responsável.

Qual o papel do setor segurador no combate ao risco pandémico?

ANABELA ARAÚJO
Chief Broking Officer
e Claims Director da Aon Portugal

Hoje, o mundo está em risco. O surto do novo coronavírus que está a percorrer o planeta traz consigo um conjunto de consequências que vão muito além do espectro da saúde pública, da sociedade e da política nacional e internacional. Esta nova pandemia é também um grave bloqueador da nossa economia: escolas fechadas, voos cancelados, fronteiras a serem encerradas e empresas a cessar temporariamente as suas operações ou, quando possível, a adotar medidas alternativas que sustentem a sua atividade, como o regime de teletrabalho.

O facto é que o cenário atual está a gerar, inevitavelmente, alguma apreensão junto do setor segurador, sobretudo porque muitas empresas - tanto em Portugal quanto no resto do mundo - não estão totalmente capacitadas para responder aos riscos que uma pandemia pode trazer ao seu negócio. Falamos de riscos como a interrupção das atividades, falhas nas cadeias de abastecimento ou até o absentismo do capital humano - atualmente três dos principais riscos apontados pelas empresas no Global Risk Management Survey de 2019 da Aon, onde ocupam a 4ª, 20ª e 32ª posições, respetivamente - entre outros. Esta falta ou insuficiente resiliência, aliada ao delicado contexto que atravessamos, pode vir, não só, a comprometer a sustentabilidade das seguradoras - também elas abaladas pelo impacto económico desta pandemia - mas também a sua capacidade de resposta às empresas que, por sua vez e em diversas circunstâncias, dependem dos seus contratos de seguro, na medida em que estes foram integrados nas suas estratégias de gestão de riscos.

Precisamente reforçando a seriedade e complexidade deste problema, alguns especialistas têm defendido que o despoletar de crises de saúde à escala internacional será cada vez mais frequente - muito devido ao aumento das temperaturas terrestres causado pelas alterações climáticas - o que irá trazer enormes desafios económicos um pouco por todo o mundo.

Perante este quadro, é preciso refletir sobre o papel que o setor segurador pode vir a ter num futuro cada vez mais volátil.

Acredito, por um lado, que a atual pandemia será o ponto de partida para que as empresas do setor possam repensar as soluções de seguro disponibilizadas aos seus clientes corporativos, uma vez que vai ser necessário, a médio-longo prazo, alargar a sua proteção à luz de riscos emergentes - como o que estamos a viver e outros como o cibercrime, as alterações climáticas, ou a escalada de tensões económicas e políticas - e ao mesmo tempo salvaguardar a continuidade do setor. Por outro lado, o setor segurador terá aqui de assumir um papel ativo na construção da resiliência das empresas, ao ajudá-las a criar estratégias de gestão de risco que permitam mitigar os danos associados aos riscos a que estão sujeitas, por forma a reduzir os seus custos e manter a sua estrutura o mais estável possível.

O tempo urge: quanto mais cedo começarmos este trabalho, melhores resultados iremos certamente obter.

Por Vítor Norinha

Como pode a proteção ambiental ser rentável

Criar negócio e emprego com a alteração do comportamento das empresas perante o ambiente é a ideia de fundo lançada há anos pelo balonista, aventureiro e médico Bertrand Piccard.

É conhecido como o visionário que está por detrás do projeto Solar Impulse, o primeiro avião capaz de voar perpetuamente sem combustível. Foi um dos convidados na recente conferência de seguros da Coface Risque Pays 2020, realizada antes de ser conhecida a pandemia da Covid-19.

Questionado sobre a forma de como inverter a tendência de consumo excessivo a nível de recursos naturais na agricultura, indústrias químicas, automóvel ou logística disse: "Precisamos de falar a linguagem de quem precisamos convencer. Por isso quando se fala para o mundo político, é preciso falar na criação de emprego, e quando se fala ao mundo industrial e económico é preciso falar de resultados financeiros". Continua: "E será que a proteção do ambiente irá criar resultados e benefícios, é a grande pergunta. Durante muito tempo a resposta foi não, mas agora as energias renováveis e a tecnologia própria evoluíram de tal forma que a resposta é sim. Hoje proteger o ambiente significa gerar dinheiro e criar emprego. É o "new business".

E será que é possível gerar rendimento para as empresas e famílias com os novos modelos comportamentais ao nível da redução de consumo de recursos. Diz que "não é preciso atacar a economia porque se se ataca a economia acaba-se num caos social, mas se se continua a fazer o que se faz hoje chegar-se-á a um caos ambiental. Por isso o que é necessário fazer é um crescimento qualitativo. Não é preciso que as pessoas consumam

Bertrand Piccard, balonista e médico psiquiátrica

mais e mais, o que é preciso é que as pessoas façam o consumo de algo novo, logo é preciso isolar as casas para reduzir necessidade de mais energia, é preciso mobilidade elétrica, é preciso bombas de calor, é preciso iluminação Led, é preciso climatização eficiente, são precisos novos processos industriais, é preciso energias renováveis, é preciso redes inteligentes, smart grids e smart cities. Tudo isto são novas infraestruturas que são precisas construir e que vão permitir baixar as emissões de CO2. Daqui decorre que a economia pode desenvolver-se ao mesmo tempo que protege o ambiente. Esta é a mensagem que estou a tentar passar com a Fundação Solar Impulse. Estamos a selecionar centenas de soluções tecnológicas que protegem o ambiente e que geram resultados económicos para a indústria e criam empregos. O nosso objetivo é conseguir mil projetos para mostrar aos Governos e ao mundo tudo o que existe na indústria que permita reconciliar a economia e a ecologia". Adianta que a inércia dos Governos "é um problema, sobretudo quando se procura um consenso entre os grandes países. E os encontros internacionais são de tal maneira frustrantes que encontramos cidades, países e regiões que tentam agir sozinhas. Claro que estas (iniciativas isoladas) são pequenos pontos que são o início de algo grande, e que no futuro acabarão por contagiar projectos maiores que serão coerentes e rentáveis a nível ambiental e que potenciarão o desenvolvimento da economia. E isto é muito positivo".

Desafios perante doenças e pandemias

ANA MOTA
Diretora de Employee Benefits da MDS

Os riscos no mundo atual são cada vez maiores e preocupantes. Os elevados níveis de atividade económica, num mundo cada vez mais globalizado, faz com que algo que aconteça num país provoque uma cadeia de feitos interligados à escala global.
Se tal não bastasse, assistimos a uma crescente recorrência de fenómenos extremos, com aumento da sua gravidade. Seja a nível ambiental, social ou pandémico, os casos sucedem-se, sendo um dos exemplos mais recentes o Coronavírus. Esta pandemia, que terá surgido na China no final do ano passado, está hoje a ameaçar pessoas e negócios em todo o mundo. Muitas empresas já optaram ou foram forçadas a suspender as suas atividades, perdendo receitas e, assim, colocando em perigo a sua própria sustentabilidade futura.
Face a tão grande instabilidade, os seguros ganham uma importância cada vez maior na sociedade. O seu papel é proteger pessoas e bens, permitindo minimizar eventuais perdas e prejuízos em caso de sinistros que estejam previstos nas coberturas das suas apólices. Para oferecer estas salvaguardas aos clientes, as companhias de seguros realizam a avaliação dos riscos com base em modelos estatísticos e previsionais. Estes modelos são fundamentais para avaliar se um risco é passível de ser coberto e a que preço. O equilíbrio nesta equação é crucial para que as seguradoras sejam elas próprias sustentáveis do ponto de vista financeiro e, assim, fazerem face às responsabilidades que possam surgir no âmbito dos contratos de seguro.
É preciso ter noção de que as seguradoras responsáveis não podem cobrir todo e qualquer risco. Fazê-lo seria colocarem todo um sector à beira do colapso e, consequentemente, toda a sociedade.
Ou seja, há riscos em que as seguradoras não podem substituir o Estado. E as pandemias são um deles! Hoje ainda há seguros que têm coberturas para situações de pandemia, mas a tendência é para que esta oferta seja cada vez mais restritiva. O crescente número de situações e a sua gravidade têm influência nos modelos preditivos dos seguros, que têm que considerar uma maior probabilidade de que pandemias aconteçam. Esta crescente probabilidade vai tornar os prémios de seguros cada vez mais elevados e potencialmente incomportáveis, o que faz com que seja necessária essa uma maior assunção de responsabilidades pelos Estados.
Enquanto cidadãos, o que podemos e devemos fazer é tomar todas as precauções possíveis de forma a minimizar os impactos destas catástrofes pandémicas, contribuindo para reduzir as perdas potenciais e tornar os seguros viáveis em articulação com a responsabilidade dos Estados. Temos de nos adaptar para sobreviver a esta luta: adaptar métodos de trabalho, adaptar modos de vida e atitudes. Desta capacidade de adaptação depende não só a nossa sobrevivência, mas também a das nossas empresas e da Economia no geral.

Liderar a Mudança: O segredo na era digital

PEDRO REGO
CEO da F. REGO – Corretora de Seguros

A economia vive um momento de disrupção tanto no domínio da tecnologia, como no comportamento dos consumidores, ao qual acresce a emergência de novos riscos numa base diária.

Se as oscilações económicas e financeiras ocuparam sempre boa parte das preocupações dos gestores, os novos riscos, que surgem de fora do setor, e sobretudo oriundos da tecnologia, da digitalização e dos sistemas de relacionamento com os clientes, vieram imprimir uma velocidade acelerada ao ritmo destas transformações.

A edição 2020 do Allianz Risk Barometer, principal publicação mundial de previsão do risco no mundo dos negócios, define, pela primeira vez, os ciberincidentes (cibercrimes; violação de dados; falhas nos sistemas tecnológicos, etc.) como a principal preocupação dos gestores e agentes económicos mundiais. Um cenário verdadeiramente imprevisível no primeiro barómetro, publicado em 2012, no qual este tipo de risco não integrava sequer o top ten.

O setor segurador, em particular o vocacionado para a vertente empresarial, tem demonstrado uma enorme resiliência e capacidade de adaptação a estas mutações. O grande desafio passa por uma incorporação das novas valências, como o multicanal e a agilidade de lançamento de novos produtos, que, ao mesmo tempo, não belisquem a identidade e os vetores de credibilidade, de competência e de proximidade indispensáveis à atividade.

Numa época cada vez mais tecnológica, a chave do sucesso reside na transformação das ameaças em oportunidades. A digitalização derrubou barreiras e esbateu a relevância de alguns intermediários, não obstante, também potenciou a criação de canais de proximidade que revolucionaram o customer care.

A consultora Deloitte publicou, em 2019, um estudo com base em testemunhos de 200 executivos das maiores seguradoras mundiais. Segundo o documento, 57% dos inquiridos consideram que o acesso a profissionais conhecedores e dedicados é a forma mais eficaz de retenção de um cliente, pelo que, apesar de o cliente digital valorizar a celeridade e simplicidade dos processos, o segredo está na personalização e profissionalização do próprio setor.

Mais do que obstáculos, Artificial Intelligence, Big Data e Blockchain deverão ser percecionados como ferramentas ao dispor dos mediadores para customizar e acrescentar ainda mais valor ao serviço prestado ao cliente, conservando o rigor e a proximidade exigidos.

A inovação tecnológica não impactará apenas a relação com o consumidor.

O futuro reserva-nos novos riscos e, consequentemente, novas tipologias de seguros. De automóveis autónomos, à utilização de robôs para tarefas rotineiras, atravessamos uma revolução dos modos atuais de trabalho e de vida, em que o setor segurador terá, também ele, de acompanhar a própria evolução social e assumir uma posição de destaque pela liderança.

Para além disso, os novos riscos não estão apenas relacionados com a disrupção tecnológica. As alterações climáticas e as catástrofes naturais, que se têm verificado de forma mais acentuada nos últimos anos, têm causado prejuízos e danos de grande dimensão, cujos efeitos tanto se podem sentir apenas a nível local, como estender-se à escala global. As consequências abrangem quase todos os setores de atividade, sendo que a indústria seguradora é uma das mais expostas a este tipo de eventos.

Na F. REGO, acreditamos que a resposta a estes novos fenómenos terá de passar, inevitavelmente, pela aposta no investimento tecnológico, mas também no desenvolvimento de sinergias. Por isso, integramos, há vários anos, algumas das principais estruturas globais do setor. A aposta em redes internacionais de partilha de conhecimento é crucial para um crescimento sustentável e integrado da indústria, capaz de acompanhar as novas tendências e fenómenos mundiais, com o necessário transfer para a realidade portuguesa.

Os novos riscos não estão apenas relacionados com a disrupção tecnológica. As alterações climáticas e as catástrofes naturais, que se têm verificado de forma mais acentuada nos últimos anos, têm causado prejuízos e danos de grande dimensão.

EY
Building a better working world
No mundo digital será que fazemos melhor ou apenas mais?
Quanto melhor a pergunta. Melhor a resposta. Melhor trabalha o Mundo.

A Koolsite assinala o seu 20º aniversário

Para conhecer melhor esta empresa e o seu percurso fomos falar com Edgar Alba, sócio fundador.

A Koolsite acaba de cumprir 20 anos em Portugal. Qual é a motivação e missão da empresa em Portugal?

Começo por uma referência ao país, a nível pessoal tem sido uma grande experiência, Portugal é um país bastante acolhedor, com imensos atrativos naturais, com muita história e caracterizado por uma população educada e amável, com elevados níveis de segurança e uma boa gastronomia, em resumo, uma boa qualidade de vida. É ideal para um desempenho criativo e profissional, num envolvimento que propicia igualmente o disfrute pessoal e familiar.

Em relação à missão, o nosso lema de sempre é a tecnologia ao serviço do negócio, centramos a nossa ação no sector privado, com muita dedicação à industria do seguro que, no nosso entender, cumpre uma enorme função na sociedade, formaliza os mecanismos de solidariedade, é uma operação com fins lucrativos mas dedicada a proteger o nosso património, a saúde, oferecer-nos tranquilidade nos imprevistos, baseada, desde o inicio, na globalização, numa rede mundial de organizações entrelaçadas por vínculos comerciais que permitem distribuir risco entre muitos e minimizar, dentro do possível, o impacto individual de qualquer evento extraordinário. Os segurados contribuem, com o premio que pagam, a sua própria protecção e a do próximo.

Uma atividade de fácil enunciação e de complexa execução, tem forte fundamento nas matemáticas, nas estatísticas, está subordinada a grandes números para ser viável, requer a definição clara de coberturas, taxas e tarifas para garantir a suficiência de prémios, sem excessos ou encargos injustos para os clientes assim como na determinação de valores apropriados face à concorrência.

Deve acumular reservas, para poder enfrentar a sua missão, que devem estar protegidas e investidas com bom critério, garantindo um elevado nível de solvência, está sujeita à regulamentação estatal e, no nosso caso, também às regulamentações europeias.

A nossa missão é dar apoio mediante o uso da tecnologia e a sua permanente evolução aos desafios mencionados.

No que consiste esse apoio e qual é a oferta ao mercado?

Consiste em produtos próprios e serviços associados, cobrindo desde soluções para seguradoras, intermediários, prestadores de serviços e clientes em aspectos técnicos, administrativos, procedimentais e de controle. Fomentamos e desenvolvemos Web Services como canais idóneos de intercambio e segui-

mento de processos entre os diferentes intervenientes nesta atividade. Atualmente os utilizadores da nossa solução têm capacidade de realizar tarefas automatizadas com 8 seguradoras representativas do mercado, mais de 1000 intermediários utilizam os serviços das seguradoras desenvolvidos pela Koolsite e, finalmente, milhares de segurados ou clientes finais.

Tudo isto na modalidade cloud permitindo aos clientes libertarem-se da necessidade duma infraestrutura própria e da sua gestão, com um elevado nível de segurança, alta disponibilidade, bom tempo de resposta e mecanismos de recuperação em caso de desastre.

Temos um forte background de tecnologia, profissionais com ampla experiência no setor. A presença em Portugal, Itália, Espanha e Reino Unido, junto com a experiência latino americana, permitiu-nos ter um contato profundo, conhecer particularidades da legislação e práticas comerciais, simultaneamente identificar os aspetos comuns desta indústria que se sustenta em fundações universais.

Para finalizar, que opinião tem sobre os desafios da indústria nos tempos actuais?

O primeiro é das próprias empresas, na seleção dos líderes que definem e/ou executam as políticas determinando, entre outros, o rumo a tomar no seu suporte tecnológico. Encontramos executivos de diferentes perfis, os que olham a informática como um mal necessário, para as tarefas administrativas e não imaginam o imenso impacto que introduz nos níveis de serviço, produtividade, capacidade de competir e definitivamente nos resultados dos balanços financeiros, imediatos e futuros, bem como há os que reconhecem a relevância vital, o valor na atividade comercial, na estratégica e praticamente na própria sobrevivência.

Um desafio vital, presente e futuro, combater a obsolescência. Para muitos a chegada do ano 2000 representou um trauma informático a nível mundial com elevados custos para incluir nos sistemas de informação 2 dígitos no ano, não foi lição suficiente para despertar, em todos, a sensibilidade e a atenção para os "legados informáticos", não abandoná-los até que terminem por se converter numa carga, derivando até num problema de continuidade operativa. O tempo de evolução tecnológica encurta-se de forma dramática e paradoxalmente o tempo de implementação alarga-se, contribuindo para isto o uso de velhas soluções não atualizadas.

Já após esta conversa Edgar Alba confidenciava-nos que, em breve, a Koolsite apresentará uma nova solução com características marcadamente inovadoras que causarão forte impacto no mercado. Teremos de aguardar para a conhecer!

PUB

KOOLSITE®
INSURANCE ANYWHERE
for Insurers, Underwriters, Brokers and PolicyHolders

HÁ 20 ANOS A DESENVOLVER
SOLUÇÕES NA ÁREA DE SEGUROS

Koolsite Soluções Informáticas, Lda.
koolsite@koolsite.pt
comercial@koolsite.pt
21 481 24 60
www.koolsite.pt
Download on the App Store
ANDROID APP ON Google play

EM QUALQUER LUGAR, EM QUALQUER DISPOSITIVO, EM QUALQUER ATIVIDADE DO SETOR

Eutanásia e os seguros

CARLA AZEVEDO GOMES
Sócia da SPS Advogados

ANA RITA CAMPOS
Associada Coordenadora da SPS Advogados

A eutanásia está, nos dias que correm, no centro de um intenso debate público com diversas considerações de ordem religiosa, ética e prática. Um dos grandes impactos, desta iminente alteração legislativa, é ao nível dos contratos de seguro de vida celebrados por eventuais doentes sujeitos ao processo de eutanásia.

Verificando-se que os actuais projectos-lei, relativamente à eutanásia, não acautelam, por ora, as situações em que o doente que recorra à eutanásia tenha celebrado um, ou mais, seguros de vida, cumpre tentar enquadrar, para já, tal situação à luz das normas existentes.

É inultrapassável partir-se para o enquadramento deste tema com o que vem actualmente previsto na Lei do Contrato de Seguro: "Está excluída a cobertura por morte em caso de suicídio ocorrido até um ano após a celebração do contrato, salvo convenção em contrário".

Na verdade, a previsão da exclusão da situação de morte por suicídio decorre de um imperativo de ordem pública que justifica a exclusão de actos dolosos, com o principal objectivo de prevenção de potenciais situações de fraude. Com efeito, a morte por eutanásia só poderá, em princípio, ser pedida, após demonstrada a vontade actual, séria, livre e esclarecida, a médico, por maior de 18 anos, sem problemas ou doenças mentais, em situação de sofrimento duradouro ou insuportável e com doença incurável, o que parece, à partida, acautelar, desde logo, estas eventuais situações de fraude. Aqui, a principal tónica, passará por assegurar particular rigor na definição das condições em que tal decisão possa ser tomada.

Ficando assim, parece-nos, totalmente posta em crise a aplicabilidade de tal exclusão, por suicídio, no caso de eutanásia, porquanto se tratará, unicamente, da decisão de abreviar uma morte que já é considerada certa, por condições médicas alheias ao próprio.

Igualmente devido à condição de inaplicabilidade do regime do agravamento do risco aos seguros de vida (e de saúde), que decorre em grande parte de considerações de natureza semelhante às constantes no Exposé des motifs da lei do contrato de seguro belga de 1992, a alegada circunstância de possível modificação do risco não poderá servir de fundamento para uma eventual exclusão do pagamento, pela seguradora, da morte por eutanásia.

De facto, falando de direito comparado, em países em que a eutanásia é já uma realidade legalizada, a questão do enquadramento desta nos seguros de vida segue já orientações diversas. Desde considerar-se que a pessoa que morreu, em resultado de eutanásia, morreu de causa natural, como na lei belga e luxemburguesa, até situações em que se considera a doença terminal de que padecia o doente como a causa da morte… as soluções têm sido variadas.

Contudo, com vista ao concreto enquadramento da situação de eutanásia às normas aplicáveis aos contratos de seguro de vida, em Portugal, será, com toda a certeza, necessário reinterpretar ou alterar as normas existentes à luz daquela que venha a ser a alteração legislativa a produzir, seja por via de regulamentação na própria lei de despenalização da eutanásia, seja por alteração dos clausulados das apólices em causa ou ainda seja por via da criação de uma exclusão própria, no regime jurídico do contrato de seguro, à semelhança da já citada norma referente à exclusão da morte por suicídio.

Face àquelas que são as normas hodiernamente existentes, a solução, parece-nos, sempre teria de passar pelo pagamento das indemnizações decorrentes dos seguros celebrados por aqueles que se sujeitam ao processo de eutanásia, na medida em que não se trata da afirmação de uma liberdade geral de qualquer pessoa cometer o suicídio, mas sim da possibilidade de disposição da própria morte, de forma não punível, e em circunstâncias pessoais e médicas especiais e devidamente atestadas, afastando-se, assim, desde logo, qualquer tentativa fraudulenta ou qualquer acto inconsciente, instintivo ou irreflectido.

Excepcionam-se, claro, em nosso entendimento, as situações em que a eutanásia possa decorrer de situação clínica pré-existente, não declarada à seguradora, à data da celebração do contrato de seguro, à semelhança daquela que já é, actualmente, a previsão normativa em vigor.

A morte medicamente assistida, fará seguramente, correr muita tinta, no que diz respeito à cobertura das apólices de seguro, sendo certo que uma consulta prévia às mesmas, algo que não aconteceu, poderia evitar o surgimento de dúvidas e incertezas nesta matéria.

Digitalização e Automatização no setor segurador

Uma referência em processos e soluções tecnológicas inovadoras para o mercado segurador, a msg life assenta a sua proposta de valor na melhoria da eficiência e no alcance dos objetivos operacionais e de distribuição das seguradoras. Integrada no Grupo msg, líder tecnológico Europeu especializado no setor segurador, a msg life representa um capital de experiência de mais de 35 anos, um know-how que tem sido decisivo para o seu posicionamento de destaque no mercado Ibérico.

DESAFIOS ATUAIS DO MERCADO

Num mundo onde a democratização da tecnologia é uma realidade quase absoluta, o processo de transformação digital é essencial para que as empresas se posicionem adequadamente e para que tenham a agilidade e capacidade de adaptação necessárias para conseguir antecipar e responder às necessidades dos clientes. Esta necessidade de contínua adaptação é transversal a todos os setores do nosso mercado e o setor segurador não é exceção. No contexto atual - global, cada vez mais volátil e dinâmico, o impacto da digitalização exige que as seguradoras tenham estruturas ágeis e flexíveis, capazes de responder aos diferentes desafios do setor. O momento exige capacidade de adaptação e uma gestão centrada na experiência do cliente, privilegiando a agilidade, a adaptação de processos e a inovação da oferta tanto de produtos como de serviços.

Embora um pouco mais tarde do que outros setores, o mercado de seguros já embarcou na viagem da transformação digital da chamada "Indústria 4.0", focada no cliente e na sua experiência em todos os seus pontos de contacto.

Enquanto especialistas presentes em mercados onde este processo já está a decorrer há algum tempo, a msg life tem uma visão clara da evolução do setor nas últimas décadas, bem como dos desafios que as seguradoras devem ser capazes de superar para estarem preparadas para as adaptações de negócio necessárias para o contexto atual e futuro. Por isso, a msg life encara a necessidade de transformação como uma oportunidade para apresentar às seguradoras do mercado Ibérico as estratégia e tecnologias diferenciadas, trazendo metodologias e soluções inovadoras que permitem a modernização das seguradoras e do seu eco-sistema tecnológico.

SOLUÇÕES ESTRATÉGICAS PARA O SUCESSO DAS SEGURADORAS

Conscientes dos desafios que a adaptação digital supõe para a sobrevivência de qualquer empresa, a msg life posiciona-se como um parceiro de referência para as seguradoras que pretendem reforçar a sua vantagem competitiva através da mudança. Neste contexto de mudança, é essencial que a utilização estratégica da tecnologia seja entendida como um fator diferenciador, que permite a inovação tanto de produtos como de serviços, assegurando a produtividade. Para esta transformação digital, é fundamental que as seguradoras reforcem as bases e garantam a adaptação dos seus processos para os desafios futuros. Num futuro algo incerto, é essencial testar novos modelos de negócio que, por seu lado, implicam alterações nas seguradoras – de skills, de competências profissionais, de processos e de tecnologias, que no seu conjunto assegurem a sua agilidade.

Pela sua experiência, a msg life assegura que as mudanças de maior sucesso são as que, por um lado, optam por uma transformação modular que prepara os diferentes sistemas para maior flexibilidade e agilidade, facilitando a adaptação a novos modelos de negócio e, por outro lado, as que são feitas em cenários de estreita colaboração, em que o provedor de tecnologia é um parceiro de negócio que garante a autonomia, a flexibilidade e a agilidade que as seguradoras precisam.

ÁREA DE ATIVIDADE

» **Software para Seguradoras**

ABRANGÊNCIA DO SOFTWARE

» **Vida**
» **Não-vida**
» **Saúde**

EQUIPA

» **Jorge Miranda**
Regional Manager
» **José Burgos**
Business Development Manager
» **Aníbal Couto**
Service Delivery Manager
» **Cátia Baião**
Marketing & Partnerships Manager

www.msg-life.pt

Porto: (+351) 223 203 110 | Avenida dos Aliados 54, 5º andar 4000-064 Porto
Lisboa: (+351) 213 404 540 | Avenida da Liberdade, 110, 1º 1269-046 Lisboa | Iberia@msg-life.com

Por Vítor Norinha

ENTREVISTA

David Pereira, presidente da direção da APROSE

“A mediação esteve sempre na linha da frente da modernização”

Os profissionais da mediação que a Aprose representa utilizam as suas plataformas eletrónicas e o espectro digital em geral para captar e fechar a maioria dos seus negócios, explica o presidente da Associação dos Mediadores de Seguros.

Qual a importância dos mediadores no mercado nacional a nível de distribuição de seguros tendo em conta a digitalização de procedimentos e as novas plataformas eletrónicas de vendas?

A importância da mediação profissional não é colocada em causa, nem sai beliscada, perante as plataformas digitais de vendas! A mediação desde sempre esteve na linha da frente da modernidade tecnológica e, foi por entender que era este o seu caminho, que, apesar dos muitos desafios ao longo dos anos, a mediação não desapareceu, apesar de muitos arautos lhe profetizarem a morte.

Obviamente, como em todas as situações da vida humana uns adaptam-se e evoluem e outros sucumbem perante os avanços tecnológicos. Esta realidade é transversal a todas as atividades humanas, incluindo, naturalmente, a mediação de seguros.

Conheço bem a realidade da nossa mediação profissional e, por isso, posso afirmar, com muitas certezas, que os profissionais da mediação que a Aprose representa utiliza as suas plataformas eletrónicas e o espectro digital em geral para captar e fechar a maioria dos seus negócios.

Os mediadores de seguros estão preparados para os desafios do setor em termos de respostas tecnológicas?

Os desafios são o combustível necessário para que a mediação profissional evolua no caminho da modernidade tecnológica. Respondendo diretamente à sua pergunta a minha resposta é sim! Os mediadores já demonstraram, ao longo da sua história, que nunca foi a evolução tecnológica que os impediu de desempenharem o seu papel junto dos seus clientes. A evolução tecnológica é, antes, uma forma dos profissionais da mediação melhorarem o seu desempenho comercial e técnico junto do universo dos seus clientes.

Os mediadores estão tecnicamente preparados para as novas necessidades dos segurados a nível de proteção contra catástrofes, pandemias e ataques cibernéticos?

Para responder a esta questão tenho de clarificar o papel de cada um dos “players” na indústria seguradora.

As seguradoras constroem produtos de seguros adaptados à realidade, e às necessidades, das várias facetas da actividade humana. As pandemias e as catástrofes, desde sempre, fazem parte dessa realidade humana. Os ataques cibernéticos fazem parte duma realidade mais recente e é consequência da evolução tecnológica.

A mediação profissional comercializa esses produtos que as seguradoras fabricam, participando, muitas vezes na sua produção.

Os mediadores profissionais, mercê da formação contínua das suas equipas comerciais, que os obriga a estarem sempre actualizados sobre todos os seguros existentes no mercado, estão tecnicamente capacitados para suprirem essas necessidades junto dos seus clientes.

Podem as insurtechs ser um instrumento para criar uma nova dinâmica às mediadoras?

Naturalmente que sim! São um dos caminhos à disposição da mediação profissional e temos conhecimento que há grupos de mediadores a prepara-se para seguir por esse caminho.

Quais os argumentos dos mediadores perante as exigências dos consumidores millennials que querem rapidez na resposta, experiências e valores de apólices mais reduzidas?

Os mediadores profissionais já convivem com esta realidade há alguns anos. A ra-

pidez das respostas é essencial na relação com os "millennials". Quanto ao custo das apólices, é apenas um dos factores que conta nesta equação, mas nem sempre o mais importante. Na verdade a relação com os "millennials" não é assim tão fria nem se esgota aqui. Após esta frieza inicial na relação comercial sobressai a relação humana e o aconselhamento sobre produtos e é aqui que a mediação mostra a sua verdadeira faceta, em que exímia.

O tema da diretiva da Distribuição e da Proteção de Dados está ultrapassado?

Podemos dizer que sim. Por outro lado, deverei salientar que que esta diretiva não foi elaborada na ótica da mediação de seguros nem dos seguros em geral. Somos uma atividade que, literalmente, lida diariamente com dados dos nossos clientes, e sempre o fizemos de forma responsável, e limitarem, até ao absurdo, o uso desses dados não é de todo compreensível.

Como tem evoluído o número de mediadores registados no país e o número de associados da APROSE?

É do conhecimento geral que ao longo dos últimos anos o número de mediadores registados na ASF tem vindo, por razões diversas, a sofrer um declínio contínuo, cifrando-se, em finais de 2019 em cerca de 16.700.

Quanto à Aprose, e também nos últimos anos, tem registado uma evolução contínua no número dos seus associados atingindo, actualmente, o seu maior número de associados, 1.600. De notar que a Aprose, por via dos seus estatutos, só representa mediadores profissionais e independentes (corretores e agentes), não se enquadrando neste grupo os mediadores exclusivos de seguradoras e mediadores a título acessório.

PUB

Processos ainda pouco digitalizados

Está o setor segurador preparado nos processos digitais? Esta é uma das questões colocadas a empresas tecnológicas que trabalham com a indústria seguradora. E como está o setor segurador a reagir às propostas tecnológicas? Quizémos ainda saber até que ponto pode a tecnologia ajudar a indústria com modelos preditivos ligados a catástrofes naturais, alterações climáticas, pandemias ou o crime cibernético.

Miguel Louro
Enterprise Solutions Senior Manager da Noesis

"O que vemos no setor segurador, principalmente nas marcas tradicionais e com maior cobertura de mercado, é ainda uma aposta na proteção dos seus canais indiretos e nas suas redes de agentes e mediadores. Isto leva a que a maioria dos processos sejam ainda muito pouco digitalizados. Se por um lado, genericamente, todas as marcas possuem portais para acompanhamento de cliente, vemos ainda assim, na maioria dos casos, os processos ainda dependem do download e posterior upload ou envio de documentação. Um processo ainda demasiado burocrático e pouco digital. Quando consideramos a venda ou promoção de produtos vemos uma tendência das marcas para a criação de "marcas satélite" focadas no cliente direto, prosseguindo desta forma numa estratégia de diversificação de marca para o digital, mantendo o core ainda com os processos tradicionais. O que vemos também é que as chamadas marcas digitais, de contratação direta, se focam apenas em alguns produtos como o seguro automóvel ou outros produtos mais simples nestes processos digitais. Os restantes produtos de seguro continuam a ser ainda transacionados através dos canais mais tradicionais e com recursos a processos muito pouco digitais. Como em qualquer outro setor, a pressão criada pelo consumidor e pelo mercado obriga a uma mudança. Na verdade, o consumidor hoje quer agilidade e cada vez mais espera encontrar a resposta para as suas questões de forma direta, autónoma, imediata e se possível obter o que procura de uma forma totalmente digital. As marcas estão atentas a esta mudança e estão a ser forçadas a melhorar a forma como comunicam e oferecem os seus produtos, simplificando na medida do possível os próprios processos de contratação online. Se hoje já se consegue contratar um seguro de viagem ou automóvel completamente online e em alguns casos em menos de três minutos, porque não entender essa capacidade a qualquer produto de seguros?

A Noesis tem apostado numa abordagem assente no conhecimento sectorial, mas acima de tudo focada nas espectativas dos consumidores. Isto permitiu a elaboração de uma oferta especificamente construída para este setor, oferta essa assente em três pontos fundamentais. Em primeiro lugar, existem vários indicadores e estudos feitos que nos dizem que a proximidade entre marca e cliente é baseada, mais do que em produto, na experiência da interação. Neste sentido, temos aconselhado as marcas com quem trabalhamos a apostar fortemente em comunicação personalizada e direcionada aos seus clientes. Acreditamos mesmo que a personalização será o grande elemento diferenciador para as marcas terem sucesso. O segundo aspeto importante a ter em conta é a agilidade e simplificação de processos. Este é um ponto sensível num setor que é bastante regulado, mas é fundamental, fazer uma análise dos processos e torná-los mais ágeis e simples. Rever os processos de contratação ou subscrição de produtos, por exemplo, ou mesmo todo o processo de gestão corrente, passando pelo processo de reclamação, é imperativo. A tecnologia hoje permite-nos repensar os processos e criar ideias fora da caixa, que permitem a desmaterialização de muitas etapas, o que antigamente era impensável. O terceiro e último ponto está no ADN da Noesis enquanto tecnológica. Sabemos que temos uma oferta tecnológica robusta e abrangente que permite responder a todos os desafios de implementação dos dois primeiros pilares, com sucesso. Estamos seguros de que o futuro do setor passa por se adaptar às exigências do mercado e dos consumidores e pela capacidade das seguradores responderem, ou mesmo anteciparem, as necessidades dos seus clientes. Acabar com perceções negativas em relação à industria, como a aquela máxima popular que afirma que as seguradoras só são boas até precisarmos do seguro, será a consequência mais visível deste processo de transformação digital e da melhoria da "customer experience".

Elsa Veloso
CEO da DPO Consulting

"É manifesto que o setor segurador, à semelhança de outros setores de atividade, tem encontrado na transformação digital do seu negócio um caminho necessário para o manter junto dos seus clientes, possibilitando-lhe seguir aquela que é já uma tendência sem retorno. Com efeito, o digital e a desmaterialização física dos processos, a utilização de plataformas destinadas à simulação de seguros e benefícios diversos, plataformas estas nas quais um trabalhador pode, por exemplo, introduzir dados do seu historial clínico sem que os mesmos tenham necessariamente de ser conhecidos pela sua entidade patronal, no âmbito de uma cirurgia aprovada pela seguradora contratada pela mesma, traduz numa nova realidade. O desafio é exigente, mas tem permitido ao setor uma evolução notável e que acarta inúmeros benefícios práticos na gestão operacional e dia a dia das organizações. A DPO Consulting tem tido experiências muito relevantes e significativas na atividade seguradora, tendo desenvolvido projetos de grande relevância para entidades como a Luso Atlântica, a Willis Towers Watson ou a Gras Savoye. Nestes três últimos casos, posso partilhar que o grau de exigência e de complexidade dos projetos fora particularmente elevado e a resposta associada muito positiva. A DPO Consulting refletiu valências como o acompanhamento de processos e uma capacidade de coordenação exímia, no seio de um projeto integrado para a Europa que englobou necessidades como reports quase diários a diferentes níveis e em várias geografias, desde o Dubai a Madrid. Destaco ainda um protocolo de cooperação com a AON, nos termos do qual foram asseguradas vantagens para as duas organizações, ao nível da divulgação dos serviços prestados, num quadro de sinergias muito positivo.

A tecnologia tem manifestamente um papel de destaque neste âmbito. Existem modelos matemáticos que nos permitem prever e alertar para determinados eventos e tendências, gerar projeções. Nos riscos cibernéticos, conseguimos ter alarmística, ou seja, se uma organização está sob ataque, torna-se possível fazer soar diversos alarmes. A monitorização da segurança física, económica e de segurança da informação, em ambiente SOC - Security Operation Center, é hoje uma realidade mais do que incontornável e imperativa para as organizações. Não obstante, é preciso compreender que a tecnologia está amplamente dependente de quem introduz e lê os dados, mas representa obviamente uma mais valia, na medida em que se aja de modo coerente e eficaz sobre a informação resultante da análise. Por si só, e em termos simplistas e correntes, podemos afirmar que a tecnologia oferece a capacidade de tocar o alarme e avisar, mas é necessário no imediato a intervenção humana para se agilizarem os processos necessários".

E sobre o futuro "vive-se inegavelmente um momento desafiante, neste caminho sempre complexo de migração para um negócio mais digital, no qual o contacto físico com os clientes tende a diminuir. Esta é uma realidade que veio para ficar, pelo que o setor terá de continuar a adaptar-se a uma interação cada vez mais tecnológica com os indivíduos.

Por outro lado, importa frisar que neste contexto digital, os desafios para a privacidade, proteção de dados pessoais e segurança da informação assumem, também eles, uma relevância muitíssimo mais acrescida, por vários motivos, sendo que destacamos dois: um volume muito maior de informação a circular na rede, grande parte de natureza sensível, e desafios ao nível da segurança cada vez mais complexos, uma vez que o cibercrime funciona 24 horas por dia, num contexto onde o "encerrar da loja" a certa hora já não funciona nem se aplica como outrora".

A nível de desafios ao nível da segurança da informação e do RGPD para o setor segurador "podemos referir diversos desafios a este propósito que estão, aliás, relacionados com o que já referimos anteriormente e o complementam. O setor vai experienciar desafios que estão relacionados com a circulação de grandes volumes de informação, não apenas ao nível de informação de negócio, mas também ao nível de dados pessoais e da proteção dos mesmos.

Numa organização grande e complexa, com elevado número de colaboradores, os riscos a este nível são sempre ainda mais elevados, e apenas uma forte consciencialização da direção de topo permitirá mitigá-los. Em termos práticos, desta-

PUB

Gemese
A melhor ferramenta para Gestão de Mediadores e Corretores de Seguros
Prospeção de Negócio
Perfil do Segurado
Controle Total de Tesouraria
Gestão Integrada de Atividades
Arquivo Digital
Aplicações em Cloud e Local
milenia
www.gemese.pt 234 385 497 info@milenia.pt

co que é imprescindível a preparação dos colaboradores ao nível da sua formação, que é individual, no sentido de protegerem a informação pessoal de que tratam, a par com a necessidade de elaboração de um plano de formação contínuo, uma vez que o Direito da Proteção de Dados, como qualquer área jurídica, está em permanente evolução. Simultaneamente, há que definir com rigor quais os diversos níveis de classificação e de acesso à informação. O terceiro desafio que sublinho é o princípio da transparência, fator estruturante na proteção de dados, num setor que implica, por norma, a gestão de volumes avultados de dados e informações pessoais."

José Burgos
Business Development Manager da msg life

"O mundo digital tem sido uma oportunidade para o setor segurador diversificar tanto a sua oferta como a forma como a disponibiliza aos seus clientes. Ou seja, a conjugação da massificação da utilização da tecnologia e as novas necessidades do cliente atual só pode resultar, por exemplo, numa maior adequação do seguro oferecido ao momento exato em que o cliente precisa e no canal que elege. Nesta conjugação de fatores, quem sai beneficiado é, sem dúvida, o cliente final, pois a integração de processos digitais veio permitir que a seguradora possa acolher o novo cliente (Onboarding) num cenário totalmente digital e com uma experiência de utilização similar à que já se habituou noutras áreas de mercado, onde a agilidade no tempo de resposta já é um dado adquirido. Veja-se o caso da contratação de um seguro de vida ou saúde, por exemplo. Um dos desafios das seguradoras é a agregação, validação e acompanhamento do histórico de dados complexos, como por exemplo os questionários médicos. Mas, conjugando toda esta informação com a utilização de tecnologias atuais, todo o processo vai beneficiar o cliente – que tem no seu smartphone toda a informação que precisa, pode escolher o plano que pretende subscrever, enviar toda a documentação e até finalizar o processo de contratação do seu novo seguro.

No mundo atual, os dados são fornecidos em tempo real, e é neste mundo desafiante que o setor segurador tem que se mover, em real time. O cliente que comprou o seguro de saúde é o mesmo, e quer ter mesma experiência de utilização quando tem que ativar um sinistro porque teve um pequeno acidente, por exemplo. O cliente espera agilidade e simplificação por parte da seguradora, e que todo o processo possa ser feito sem desperdício de tempo, quando precisa e no canal que elege. E este desafio, de acompanhamento em tempo real, é um dos principais desafios do setor segurador.

A msg life tem tido um papel fundamental no negócio e inovação do setor segurador nacional. Num modelo de trabalho em estreita colaboração com os nossos clientes, temos apoiado as seguradoras na adaptação e transformação dos seus processos e sistemas, ajudando-as a colocar as necessidades dos seus clientes no centro dos negócios. Para isso, ajudamos a criar as bases para que consigam garantir a adaptabilidade necessária para responder aos desafios atuais e futuros. Enquanto parceiro para a transformação digital, oferecemos ao mercado as soluções ajustadas para uma transformação digital em áreas como criação de produtos e/ou tarifas, suporte à distribuição, entre outras. Na msg life, abordamos a transformação progressivamente e sabemos que em cada um de nossos clientes vamos tratá-la de uma maneira única, pois pressupõe mudanças profundas na organização e cada um deles tem suas especificidades. Assim, ao escolher a msg life como parceira de negócio, na prática, a seguradora está a eleger um parceiro estável que coloca a sua expertise e experiência à disposição da seguradora e que garante a autonomia, a flexibilidade e a agilidade de que todas as seguradoras precisam. (Por outro lado), pela nossa experiência, a evolução do setor segurador assenta na conjugação balanceada entre estímulos de mercado e alterações internas. Num mundo cada vez mais global, dinâmico e volátil, a aposta na adaptação e automatização é essencial. Tal como noutros setores, também o mercado segurador terá que investir na atualização de skills, na adaptação de algumas metodologias, na digitalização e automatização de processos, assim como na opção por soluções tecnológicas estratégicas para assegurar um processo de adaptação com total tranquilidade.

Em termos tecnológicos, a evolução do setor segurador tem passado pela aposta na inovação e na modernização de sistemas. Historicamente, a modernização era feita pela substituição integral de sistemas, opção que acarreta maiores riscos. Em contrapartida, e para fazer face aos desafios atuais, as seguradoras têm vindo a concretizar essa modernização de forma gradual, com soluções modulares, capazes de integrar com o eco-sistema de IT atual e futuro, dotando a seguradora da agilidade necessária para a adaptação a novos modelos de negócio, capazes de colocar a experiência do cliente final no centro do negócio. E é neste sentido que o mercado segurador irá evoluir – com soluções tecnológicas capazes de automatizar processos que antes eram manuais, complexos e morosos, libertando os seus especialistas para a exploração de novas oportunidades de negócio."

Desafios do Setor: catástrofes naturais, ataques cibernéticos e pandemias

CARLA SÁ PEREIRA
Associate Partner na EY | Serviços Financeiros

O mundo nunca precisou tanto de um setor segurador a funcionar de forma excecional, robusta e inovadora. Com uma capacidade única para entender e modelizar os vários riscos a que estamos expostos, os seguradores têm um papel fundamental a desempenhar para ajudar a sociedade a preparar-se e a proteger-se contra as ameaças apresentadas por mudanças climáticas, crimes cibernéticos, tecnologias disruptivas, mudanças demográficas, pandemias e agitação social.

De acordo o "Global Risks Report 2020", que analisa os riscos na economia global, produzido e publicado pelo Fórum Económico Mundial, os 5 principais riscos globais a longo prazo (10 anos) considerando a sua probabilidade de ocorrência são, pela primeira vez, todos ambientais. Deste grupo destaco:

- Eventos climáticos extremos com grandes danos ao património, às infraestruturas e com a perda de vidas humanas; e
- Grandes catástrofes naturais como terramotos, tsunamis, erupções vulcânicas e tempestades geomagnéticas.

Como destaca o recente estudo da EY "2020 Global Insurance Outlook", apesar de uma maior consciencialização sobre as ameaças das alterações climáticas, não houve uma mudança na penetração de seguros para catástrofes nas últimas duas décadas.

Numa perspetiva de riscos catastróficos, é extremamente difícil gerir o impacto agregado no portfólio em termos de pricing, acumulação de riscos e resseguro, embora seja relativamente simples definir o preço do risco individual. Um grande evento climático poderia ter um impacto devastador sobre seguradores e resseguradores. Os desafios tornam-se ainda maiores à medida que os seguradores ganham maior perceção das implicações de "segunda ordem", como incêndios florestais, perdas na produção agrícola, mudanças nos padrões de doenças e pandemias.

Embora numa perspetiva diferente, o risco cibernético é outro dos desafios que o setor enfrenta. As tecnologias globais inovadoras estão a interferir nas infraestruturas tradicionais do setor segurador: plataformas móveis, digitais, analíticas e de pagamento estão a surgir de forma acelerada e são essenciais para o setor permanecer competitivo e relevante.

Estes novos modelos vão impulsionar o crescimento de uma forma abrangente em áreas geográficas, operacionais e plataformas técnicas para alcançar os clientes e atender às necessidades em transformação. Isso exigirá novos recursos e exposição a novos riscos como os cibernéticos, que exige uma mudança na supervisão e nas responsabilidades em toda a organização.

A confiança de anos do setor de seguros pode ser rapidamente destruída por um ataque cibernético. O mais recente estudo da EY "EY Global Information Security Survey (GISS)", realizado a cerca de 1.300 organizações em todo o mundo, identifica que os ataques estão a ser cada vez mais frequentes. No entanto, aquele documento também revela que os chief information security officers da próxima geração acreditam que o seu papel deve ser alargado. Em particular, esperam estar mais alinhados com o negócio, focados na construção de relacionamentos fora das áreas de TI e envolvidos nos planos comerciais da organização, incluindo no que diz respeito à transformação digital.

A otimização de uma framework que dê resposta às oportunidades tecnológicas, riscos e disrupções protegerá a marca e a reputação, aumentará a confiança dos investidores e preparará os seguradores para os desafios de amanhã.

A pandemia causada pelo COVID-19 que infelizmente hoje todos estamos a viver veio criar uma ainda maior consciência para a necessidade de proteção através dos seguros e da importância que o setor segurador tem nos momentos mais difíceis. Os efeitos no setor, que é impossível estimar neste momento, vão fazer-se sentir a vários níveis, desde o aumento no pagamentos de indemnizações, passando pelo efeito indireto na carteira dos ativos decorrente dos impactos que já se fizeram sentir nos mercados, sem esquecer a provável recessão em que vamos entrar e que irá comprimir a economia com o consequente impacto no rendimento de empresas e famílias.

Os seguradores estão posicionados de maneira única para ajudar pessoas, empresas e as comunidades reconhecem a necessidade de mais proteção e de preencher a lacuna de proteção que atualmente existe. Para além da mera cobertura de riscos, os seguradores podem fornecer serviços de prevenção e recuperação (ou pós-evento). Novos produtos que ofereçam a prevenção de riscos como um serviço integrado poderão constituir uma área de inovação a desenvolver.

Pandemias e riscos globais

O mundo passou a estar cheio de interrogações. Quais são os grandes riscos para pessoas e empresas na atualidade é a pergunta de fundo para as consultoras internacionais que trabalham o mercado segurador português.

Clima, doenças, danos ambientais ou catástrofes naturais. Qual será o próximo desastre? E será que a indústria está preparada para responder a nível de indemnizações e de reposição de infraestruturas perante um risco de pandemia e/ou uma catástrofe natural? Quizémos ainda saber como está a saúde do setor segurador nacional e ainda se estão os seguradores e resseguradores conscientes dos riscos que precisam de cobrir, ou a opção são as exclusões para a proteção da própria indústria. E quando falamos em proteção qual é o papel da indústria em tempos de taxas de juro baixas e de recessão mundial. E quizémos ainda saber os números que a Covid-19 vai trazer às economias ocidentais em termos de perdas imediatas e potenciais.

Paulo Fradinho
Partner da Mercer

"De acordo com os resultados do último The Global Risks Report 2020, elaborado em parceria com o Grupo Marsh & McLennan, os riscos ambientais representam 5 do top 10 global, quer em risco de curto e longo prazo, onde se inclui também os riscos ligados ao digital e escassez de água. Curiosamente, os riscos de doenças infeciosas apenas surgem no top 10 de longo prazo. A explicação pode resultar de nos últimos surtos infeciosos como H1N1, Zika e outros, tiveram efeitos limitados abaixo das 1.000 vítimas mortais, em poucas dezenas de países, ou no caso do Ébola atingiu cerca de 13 mil mortes em apenas nove países. O Covid-19 já está em mais de 150 países, com mais de 7.000 mortes e um foco muito grande na Europa. Os grandes riscos estão muito interligados, assim temos não só uma epidemia de saúde das pessoas, mas também uma epidemia de medo que está a abrandar a economia mundial.

Ainda há muito que não se sabe sobre o COVID-19, logo é complicado determinar impactos. Porém o surto, apesar de ter uma taxa de mortalidade concentrada em grupos de risco, como os mais idosos com situações de risco agravado de doença, é altamente contagioso. Esta característica é determinante nos seus efeitos, porque o impacto na economia global será tanto maior, quanto a extensão do contágio. As empresas querem proteger as suas pessoas e fecham unidades de produção e distribuição, por seu lado, os sistemas de saúde apelam à distância social e limitação de mobilidade, o que provoca uma redução brusca na procura, aliada aos cortes nas cadeias de logística resulta num abrandamento da atividade economia. Não há apostas sobre o grau de severidade e toda a atenção está em conter a propagação da epidemia, para dar tempo aos sistemas de saúde e evitar falta de capacidade para o número de casos. Assim, podemos estar entre um abrandamento global, com uma retoma no Q2 de 2020, ou um cenário mais drástico de recessão, se não conseguirmos conter a infeção, seguindo as indicações da DGS e OMS.

No sector segurador e no que diz respeito a pessoas – o foco da Mercer, uma vez que o protocolo de tratamento determina que os casos devem ser encaminhados para o SNS, não deverá ter um impacto significativo no ramo saúde. A exposição poderia ser mais relevante nos seguros de vida, embora devido às limitações de idade na maioria dos contratos, poderá não ser expressivo. Pode haver episódios de litigância nos seguros de assistência e viagem, devido a uma maior multiplicidade de clausulados e potenciais zonas de disputa, onde o dano é sobretudo reputacional. Por seu lado, a indústria seguradora tem uma elevada resiliência em situações de crise, no seu desempenho operacional e económico, porém os cenários de severidade desta pandemia podem ter outras ramificações, como impactos nos mercados financeiros, com bolsas em queda e efeitos negativos nas carteiras de investimento das seguradoras que podem afetar as rendibilidades. É de assinalar o espírito global e cooperação do sector segurador com os sistemas de saúde, no apoio ao esclarecimento de questões através das plataformas de atendimento e também na comparticipação de testes de diagnóstico com prescrição médica".

E sobre o setor segurador nacional é de frisar que "está em fase de consolidação da atividade, com uma maior concentração de mercado e um esforço claro de melhoria das margens, através da correção de tarifas para cobrir o aumento da sinistralidade no nosso mercado e o potencial de grandes riscos catastróficos globais. É um mercado muito competitivo, com um ritmo interessante de inovação nos produtos consumer grade, ao nível das coberturas, a experiência do cliente – com níveis de satisfação significativos em ramos sensíveis como a saúde e na própria comunicação.

A revolução digital está a mudar a indústria seguradora, que tradicionalmente era vista como conservadora. As novas tecno-

logias significam mais informação, os dados são o novo petróleo e as seguradoras têm stocks consideráveis, o que permite melhorar a previsão de tendências e ajustar a sua oferta de produtos a segmentos específicos, com um time-to-market cada vez mais curto. Qualquer seguradora que queira ser relevante tem que ter uma estratégia digital, não só na componente da gestão técnica, como na distribuição e nas suas operações. A experiência do cliente é o centro, os consumidores e querem interfaces moveis ou web nas suas transações, é uma expectativa crescente nas gerações mais recentes e que gradualmente constituem a fatia importante do mercado. A cadeia de valor está a mudar, com a coexistência de modelos diretos para o consumidor, com soluções emergentes de "retalhistas" de seguros, em sites de comparação ou novas plataformas de intermediação em contexto digital".

E quando se fala em proteção social a respsota é simples: "O sector segurador tem um papel importante na proteção social, ao acrescentar capacidade e acesso ao sistema de saúde privado e de previdência social, retirando alguma da pressão sobre os sistemas do Estado. Há um potencial de evolução que passa por um lado ter uma oferta no sector mais alinhada com aquilo que a nossa sociedade necessita hoje e do lado do Estado, os incentivos adequados para um novo paradigma de coexistência dos dois pilares.

A legislação e a fiscalidade são demasiado complexas e não respondem aos desafios atuais em domínios importantes como os benefícios sociais, onde as empresas podem estar disponíveis para alterar os seus pacotes de compensação de forma a responder melhor as necessidades dos seus colaboradores em áreas como a saúde e bem-estar, proteção financeira, reforma, educação e conciliação entre trabalho e vida pessoal. A lei atual dificulta a escolha individual quando este é uma característica social e uma tendência forte de mercado. Falta uma lei que integre de forma clara os benefícios sociais, quais são, para quem são, em que condições podemos aceder e como funciona a sua fiscalidade. Só assim se pode democratizar o conceito para as empresas de média e pequena dimensão, bem como os trabalhadores independentes, com vantagens ao nível da redução da economia paralela e melhor proteção dos trabalhadores, algo que vai seguramente ganhar relevância coma situação atual".

E sobre o novo vírus "há muita incerteza que resulta de não se saber quanto dura a curva de expansão do vírus em resultado das iniciativas de contenção, mas podemos pensar em cenários: rápida recuperação a partir do final de abril, redução a atividade até ao final de Q2 ou recessão económica durante 2020."

Rodrigo Simões de Almeida
Country Manager da Marsh Portugal

"Estão vários de natureza ambiental (fracasso na mitigação e adaptação às alterações climáticas, perda de biodiversidade, eventos climáticos extremos, desastres naturais e danos ambientais provocados pelo homem), está a crise da água, riscos cibernéticos e doenças infeciosas. Não podemos nem devemos isolar cada um destes riscos, já que de uma forma ou de outra estão interligados, e o impacto individual não corresponde necessariamente ao impacto real, tal é a cadeia de relações entre os diversos riscos. A título de exemplo, as alterações climáticas e a perda de biodiversidade são fatores de aumento de probabilidade de aparecimento de novas doenças e surtos epidémicos. Todos estes riscos trazem impacto físico, operacional e humano nas organizações e nas suas cadeias de valor". Por outro lado, "independentemente de algumas organizações ou meios de informação poderem estar a adiantar algumas previsões, acreditamos que ainda é muito cedo para avançar com os impactos financeiros diretos da COVID-19 na indústria seguradora e resseguradora. A própria declaração de pandemia, oficialmente comunicada na semana passada pela OMS, pode ter um impacto ao nível dos contratos em geral, pelo que quaisquer previsões poderão ser especulativas. De qualquer modo, destacaria alguns ramos de seguro que poderão ser mais afetados, nomeadamente o Ramo Vida e Saúde (dependendo da extensão da pandemia), o Ramo de Crédito, seja por maior número de casos de atraso de pagamento, seja até pela falência de empresas que tenham sido mais fortemente impactadas na sua cadeia de valor, ou o Ramo Cyber uma vez que os riscos aumentaram significativamente com a pandemia.

A indústria seguradora sempre deu provas de forte responsabilidade e rapidez de resposta perante os lesados, em diversos momentos de catástrofe nos últimos anos em Portugal. Perante um cenário de pandemia, como é aquele que hoje vivemos, o que podemos dizer é que, de forma concertada, os seguradores, por via da APS, já tomaram medidas e "manifestaram ao Governo o seu empenho firme em colaborar na implementação das medidas recomendadas pelas autoridades públicas". Sendo uma situação recente e cujo termo não é possível adivinhar, entendemos que deverá merecer da parte de todos um acompanhamento permanente, nunca esquecendo o apoio às empresas e aos segurados. Além disto, já foram tomadas algumas medidas concretas no âmbito dos Acidentes de Trabalho, incorporando o trabalho remoto nas apólices, e da Saúde, admitindo as depesas incorridas para diagnóstico de COVID-19 nas coberturas da apólice.

Tradicionalmente, o sector segurador sempre apresentou sinais de robustez e respondeu de uma forma bastante positiva ao longo das crises, tendo por des-

taque a última crise financeira ocorrida em 2008. Por outro lado, por força dos resultados negativos que tem sofrido, os seguradores têm vindo a tomar medidas de modo a consolidar os seus rácios de sinistralidade. De acordo com os últimos relatórios estatísticos de produção trimestral da ASF, o sector segurador nacional cresceu nos ramos Não Vida, em termos de prémios de seguro direto, em 8,85% face ao ano 2018, especialmente alavancado pelos ramos de seguro de Acidentes de Trabalho, Danos Materiais e Responsabilidades que registaram aumentos superiores à média. Segundo o Global Insurance Market Report Q4 2019, divulgado pela Marsh, esta tendência acompanha os aumentos das taxas de prémio que se verificam consecutivamente e a cada trimestre desde o final de 2017, quer em Danos quer em Responsabilidades. Esta tendência acompanha o aumento da sinistralidade, seja ela a nível nacional, seja por ajuste do impacto internacional de grandes eventos catastróficos, cada vez mais recorrentes, nos mercados seguradores e resseguradores. Só com este ajuste os seguradores podem garantir os níveis de solvência gerais e de cada ramo de seguro, assegurando assim a capacidade para fazer face a eventuais responsabilidades em situações de grande sinistralidade".

De frisar que "os seguradores e os resseguradores tomam as suas decisões baseadas em critérios de gestão de risco, cada vez mais sofisticados, e sustentados em informação histórica bastante robusta. De todo o modo, o processo de mudança que a nossa sociedade atravessa, quer nos mercados financeiros, na revolução eletrónica de todas as indústrias, na mobilidade e até nas tendências do consumidor, têm obrigado a indústria seguradora a acompanhar muito de perto as tendências que já começam a ser uma realidade, ajustando a sua oferta. No entender da Marsh, um dos maiores riscos que os vários seguradores enfrentam é o da "velocidade". Está tudo a mudar muito depressa e, se até agora os seguradores sustentavam as suas ofertas e o seu pricing com base na análise de eventos passados, agora têm que agir através de modelos preditivos e ajustar os seus produtos de acordo com um ritmo de mudança muito acelerado. Aqueles que não conseguirem acompanhar com maior proximidade essa mudança irão distanciar-se e possivelmente não farão parte do futuro do sector. Não só os seguradores e resseguradores, mas também os Corretores de Seguro, devem estar conscientes das mudanças e mudar a sua capacidade adaptando-a às necessidades dos seus clientes, acompanhando, também, a oferta de novos operadores que, no âmbito das insurtech ou das ofertas de capital alternativo, têm vindo a surgir".

Por outro lado, "os seguradores têm um papel muito sério na economia e equilíbrio social em Portugal. A sua presença permite assumir riscos que, de outra forma, as pessoas e as empresas não conseguiriam suportar sozinhas. É importante referir que quase 3.500 milhões de euros por ano são devolvidos ao Estado em forma de pagamento de sinistros, impostos e taxas, alguns deles para dar suporte direto a serviços públicos como o INEM, o Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil, o Fundo de Garantia Automóvel, o Fundo de Acidentes de Trabalho e até a prevenção rodoviária. Tirando esta contribuição, os diversos operadores da indústria seguradora têm dado igual prova de compromisso social e de apoio aos sistemas públicos, sendo mais evidente essa atuação nos eventos mais catastróficos que, infelizmente, se têm vindo a registar no nosso país. Por outro lado, é notória a intervenção da atividade seguradora no suporte a essa proteção social que refere. Um exemplo disso é a rapidez com que os seguradores têm adaptado as suas apólices para responder às necessidades que, perante esta epidemia do COVID-19, têm surgido como o tema do teletrabalho ou o teste para despiste de infeção do novo coronavírus."

Carla Sá Pereira
Associate Partner na EY

"Apesar do período de grande incerteza que infelizmente hoje vivemos com a pandemia COVID-19, em particular por se tratar de um agente totalmente desconhecido, julgo que os maiores riscos da atualidade se centram nas alterações climáticas, danos ambientais e/ou catástrofes naturais uma vez que estes eventos podem estar intimamente relacionadas entre si. O COVID-19 deu origem a uma pandemia que está a afetar todos os países no mundo e com consequências sociais e económicas ainda difíceis de antecipar. Como resultado dessa incerteza, as projeções do crescimento global da economia europeia e mundial estão a ser revistas diariamente. As últimas projeções de crescimento para 2020 feitas pela OCDE a 2 de março estão já abaixo das estimativas feitas em novembro de 2019, sendo os vários cenários de crescimento estabelecidos em função do tempo que levará até a pandemia ser controlada. Naturalmente, quanto mais se prolongar a pandemia, em tempo e geograficamente, maior será o impacto dos seus efeitos. Já se observa um arrefecimento na China, o país onde a pandemia teve origem e onde se acredita já se ter ultrapassado o seu pico, o que está a ter impacto global, confirmando o papel crescente daquele país na economia mundial. O mesmo efeito se está a fazer sentir noutras economias embora em escalas mais pequenas. Muitos economistas acreditam que o cenário iminente de recessão que se vivia pré-COVID-19 se vai efetivamente concretizar e que vamos mesmo entrar em recessão. Em Portugal, tendo em conta o contexto existente pré-COVID-19 do país, o cenário de contração pós COVID-19 po-

derá ser mais acentuado do que noutros países da Europa, sendo neste contexto de destacar a nossa dependência do turismo.

Ao nível do setor segurador e ressegurador, muitas questões têm surgido sobre os possíveis impactos, mas também sobre as coberturas depois de ter sido declarada a pandemia. A maioria dos seguros de saúde exclui das suas coberturas as situações que decorrem de pandemia. Apesar disso, vários seguradores nacionais vieram referir que continuam a pagar as prestações contratualmente devidas, incluindo as eventuais despesas de saúde relacionadas com o COVID-19 e mesmo os custos do teste de diagnóstico com prescrição médica, até ao momento do diagnóstico da infeção. Importa salientar, a este respeito, que o seguro de saúde tem vindo a ganhar cada vez mais importância nos últimos anos. De acordo com dados da Associação Portuguesa de Seguros (APS) em meados de 2019 mais de 2,5 milhões de portugueses tinham seguro de saúde, tendo-se verificado um crescimento de 28% de pessoas seguras entre 2015 e 2019. Por outro lado, na generalidade dos seguros de vida não existem exclusões relacionadas com situações de pandemias, pelo que estão geralmente cobertos os casos de falecimento em consequência do CODIV-19, destacando aqui a importância que isto representa nas apólices ligadas ao crédito à habitação.

No caso do seguro de acidentes de trabalho, as coberturas continuam a vigorar, sendo todavia importante que as empresas que deslocaram os seus colaboradores para teletrabalho informem os seguradores do novo local de risco e dos horários de trabalho.

Já nos seguros de viagem poderão vir a verificar-se impactos mais negativos, apesar de alguns seguradores excluírem também eventos pandémicos nesse tipo de contratos. A APS esclareceu em comunicado que, em relação aos seguros de assistência e de viagens, os clientes que tenham contratado diretamente o seguro e se vejam impedidos de viajar por infeção de COVID-19, podem "na maioria dos casos, acionar esta cobertura, desde que ocorra internamento hospitalar e/ou quarentena".

Noutros seguros, como os de responsabilidade civil podem existir situações de maior dificuldade de enquadramento. Efetivamente a Fitch destaca que é difícil determinar mas que, no limite, poderão existir casos em que uma empresa seja acusada pelos seus trabalhadores de não tomar as precauções adequadas e razoáveis para os proteger num ambiente de pandemia.

Também o cancelamento de eventos poderá implicar um aumento de indemnizações pelos seguradores. Ainda de acordo com a Fitch, um eventual cancelamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio de 2020 poderá conduzir a uma perda de aproximadamente 2 biliões de dólares estando todavia, nesse caso, o risco partilhado por várias seguradores. No caso específico da Alemanha, o CEO da ressegurado-ra Munich Re, Torsten Jeworrek, estimou que as perdas esperadas devido ao cancelamento de todos os eventos naquele país, devido a esta pandemia, poderão chegar aos 500 milhões de euros.

Por outro lado, e de forma menos direta, o efeito da recessão iminente irá criar pressão sobre várias empresas o que poderá levar ao acionamento das apólices de crédito e caução, tendo em atenção as dificuldades que se poderão colocar no cumprimento das obrigações financeiras que decorrem de operações de crédito.

Assim, o efeito simultâneo do incremento das indemnizações, conjugado com os prejuízos ao nível das carteiras de investimentos, preocupam obviamente o setor segurador. De acordo com as boas práticas internacionais e as recomendações de vários reguladores, o setor financeiro, incluindo o segurador, deve encontrar-se devidamente protegido a nível de infraestruturas por meio do Plano de Continuidade de Negócio (PCN).

O PCN é o processo envolvido na criação de um sistema de prevenção e recuperação de ameaças potenciais a uma empresa. Um componente essencial de um PCN é um plano de recuperação de desastres que contém estratégias para lidar com interrupções de TI em redes, servidores, computadores pessoais e dispositivos móveis. O plano deve prever como restabelecer a produtividade do escritório e o software corporativo, para que as principais necessidades comerciais sejam salvaguardadas. As soluções alternativas manuais devem ser descritas no plano, para que as operações possam continuar até que os sistemas informáticos possam ser restaurados.

As organizações em todo o mundo têm reagido ao recente surto de coronavírus, COVID-19, de várias maneiras, desde a restrição de viagens não essenciais a funcionários até o cancelamento de grandes eventos. Esta pandemia tem o potencial de interromper a capacidade de os trabalhadores desempenharem as suas funções, as cadeias de distribuição e a atividade económica nos próximos meses. Portanto, é com um sentido de urgência que as organizações devem rever e atualizar os seus planos de continuidade de negócios para garantir a sua resiliência operacional.

Um conjunto de colaboradores saudável e disponível é o ativo mais valioso de qualquer organização. Uma pandemia incapacitará alguns funcionários e resultará na quarentena de outros funcionários. Isso pode resultar numa perturbação significativa nas operações normais, com um número alargado de funcionários a trabalhar a partir de casa ou em locais remotos.

Para proteger os colaboradores e ajudar a garantir sua produtividade contínua, é essencial:

- Estabelecer uma estratégia que permita que os funcionários continuem a trabalhar sem colocá-los em risco;
- Ter um plano para isolar os funcionários caso surja a ameaça de uma possível infeção;
- Garantir que os funcionários possam trabalhar efetivamente e a partir de casa;
- Verificar que a organização possui as ferramentas, tecnologia, capacidade e medidas de segurança que permitam o teletrabalho;
- Rever políticas de RH para garantir que os funcionários não sejam afetados pessoal-

mente se precisarem de ficar em quarentena por um período prolongado e que possa modificar as políticas de forma adequada e a dar maior flexibilidade às condições normais de trabalho;
- Determinar prioridades e os requisitos mínimos de pessoal para dar suporte a essas prioridades;
- Criar um plano de comunicação que inclua fornecer aos funcionários e a outros interessados atualizações regulares da situação, bem como as ações tomadas.

Contudo, existe ainda um grande caminho a percorrer no que diz respeito à preparação das organizações para lidar com estas situações que colocam em risco a sua produtividade e por conseguinte a sua faturação e existência. O COVID-19 pode ser um catalisador para muitas organizações para resolver falhas de continuidade de negócios.

Em Portugal, a APS indicou que os seguradores estão a implementar os planos de contingência necessários a salvaguardar os seus colaboradores mantendo o bom funcionamento da sua atividade.

Para além disso, os seguradores mobilizaram as suas linhas de assistência aos clientes para esclarecimento de dúvidas e no apoio ao diagnostico e estão, também, a suportar os custos dos testes de diagnóstico existindo prescrição médica.

Ainda assim, à semelhança do que se passa em diversos setores o setor segurador irá (ou está já) a ressentir-se da situação que vivemos. O teletrabalho em contextos ditos normais é eficaz, eficiente e permite uma grande flexibilidade. No entanto, com toda a família em casa, e num período de incerteza e ansiedade, o teletrabalho tem naturalmente impacto na produtividade. As crianças, grandes ou pequenas, vão exigir atenção dos pais que não podem recorrer à preciosa ajuda dos avós que como sabemos, estão mais suscetíveis de desenvolver complicações graves com este vírus.

Espera-se assim que existam atrasos na regularização de sinistros, como sucederá também em outros serviços da sociedade.

Carlos Maia
Insurance Lead Partner da PwC

"Os acontecimentos recentes têm demonstrado que os riscos indicados na questão são riscos efetivos. Tem havido nos últimos anos uma maior frequência e severidade de catástrofes naturais, resultantes de alterações ambientais (tempestades, cheias,...) e, agora, temos a pandemia associada ao coronavírus, que se revela mais gravosa que a anterior epidemia relativa à gripe A, com consequências, ainda, imprevisíveis. Para além dos riscos indicados, acrescentaria também os riscos associados a ataques cibernéticos e a uma prolongada exposição a taxas de juro baixas, que condicionará a poupança para a velhice /a complementaridade desejada às reformas por velhice da Segurança Social. O impacto do Covid19 fará sentir-se na economia mundial e europeia como um todo e o setor segurador não será exceção. Relativamente ao setor segurador poderão tecer-se algumas considerações preliminares. Nas companhias de ramos reais, que comercializam produtos de saúde, os eventos decorrentes de epidemias ou pandemias estão excluídos das coberturas. Contudo, os custos associados ao diagnóstico da doença estão, geralmente, cobertos. Nos casos das companhias do ramo vida o contexto é algo diferente, visto que os eventuais óbitos diretamente associados ao Covid19 não se encontrarão excluídos das coberturas do seguro de vida. Estamos perante um vírus novo sobre o qual ainda não existe muita informação. Nesta fase inicial, parece-me que a taxa de letalidade é superior em pessoas numa faixa etária mais elevada e/ou com outras condições de saúde pré-existentes e isto poderá ser relevante para se perceber qual o eventual impacto no ramo vida.

Parece-me, no entanto, que o impacto maior para o setor segurador poderá advir de uma eventual recessão económica mundial, com a consequente redução dos capitais seguros (massa segura) e, por consequência, da produção do setor. Adicionalmente, poderá também ocorrer uma volatilidade ao nível dos mercados financeiros, com uma eventual, adversa, desvalorização dos ativos geridos pelas seguradoras.

A indústria parece-me bem preparada para responder aos sinistros que possam ocorrer, independentemente da sua natureza. Em anos recentes, ocorreram alguns eventos de maior severidade, relacionados com alterações climáticas, tendo a indústria respondido muito bem. Não obstante, o risco associado às doenças causadas por epidemias ou pandemias, conforme mencionado anteriormente, encontra-se, genericamente, excluído do seguro de saúde, pelo que a capacidade de resposta terá de vir, essencialmente, do sistema nacional de saúde. Relativamente às catástrofes naturais, poderão existir danos económicos elevados, uma vez que os capitais seguros contratados com as seguradoras poderão estar muito aquém dos reais danos que ocorram em infraestruturas. (Relativamente ao setor segurador nacional) os indicadores mais recentes publicados pela ASF relativamente ao ano de 2019, indicam rácios de solvência adequados nas seguradoras. De 2018 para 2019, os rácios de solvência incrementaram de 189% para 194% nas companhias de seguros de ramos reais e de 200% para 208% nas companhias de seguros do ramo vida. Não obstante, a competição intensa de mercado, leva a que os rácios combinados estejam aquém do desejável, particularmente nos ramos de Acidentes de Trabalho e Automóvel. A ASF tem vindo a monitorar os preços praticados pelas seguradoras nestes ramos, desincentivando as práticas muito agressivas em matéria de preços. Face ao número de companhias a operar no mercado e a rácios de return on equity (ROE) aquém do desejável na maior parte delas, parece-me que haverá uma tendência de consolidação no setor.

O problema surge quando a massa segurável não é adequada face aos danos que podem ocorrer, tal ocorrendo, essencialmente, porque os tomadores de seguro não estão dispostos e/ou não têm a capacidade para pagar um prémio adequado. Veja-se o caso dos eventuais danos associados a um sismo em Portugal. O setor já alertou por diversas vezes, através da APS, para a significativa perda económica que representaria um sismo de magnitude relevante em Portugal, decorrente de os capitais seguros serem bem inferiores às eventuais perdas em infraestruturas."

Nuno Arruda
Senior Director - Head of Sales and Client Management Portugal Willis Towers Watson

"Nunca a metáfora do bater de asas de uma borboleta que causa uma tempestade no outro lado do planeta foi tão verdadeira: a intercontinentalidade e multidemensionalidade de cadeias de fornecimentos e consumo implica que a disciplina de gestão de risco (quantificação, mitigação e transferência) vá muito além dos limites da nossa organização e seja uma prioridade absoluta ao nivel das administrações. O impacto na indústria seguradora (de uma pandemia como a Covid 19) poderá ser considerável mas ainda assim relativamente reduzido se comparado com as grandes catástrofes naturais. Isto porque por um lado a cobertura seguradora é limitada relativamente a de perdas consequenciais (sem que se verifique um dano material, não puramente financeiro) e mesmo quando existia as empresas raramente o contrataram. Tal pode eventualmente mudar se reguladores e governos chegarem a acordo com a indústria no sentido de garantir estas perdas mesmo quando não se verificam os referidos danos materiais – à data de hoje por exemplo foi noticiado um acordo no Reino Unido nesse sentido – e nesse caso os valores indemnizáveis poderão ser muito relevantes.

É também verdade que haverá inevitavelmente alguma sinistralidade nos ramos Vida e Viagens por exemplo, assim como por cancelamento de eventos e no ramo de crédito em virtude do potencial de insolvência e falta de liquidez das empresas, e em algumas geografias (EUA por exemplo) começa a verificar-se alguma litigância por parte de acionistas que entendem que as administrações não implementaram politicas de gestão de risco adequadas, o que resultou em quebras de valor da suas organizações pressupondo eventuais reclamações avultadas no âmbito das apólices de D&O (Responsabilidade de Administradores e Directores). Todavia o setor segurador sentirá seguramente, tal como toda a economia, a significativa desaceleração económica: as empresas estão a ficar quase paralisadas, reduzindo a massa segurável, limitando benefícios e congelando investimentos. Será extemporâneo prever números, até porque estarão muito dependentes da duração desta crise e da forma como os governos e bancos centrais vão lidar com a mesma mas as perspetivas são neste momento muito negativas (basta observar a forma como estão os mercados bolsistas e investidores a responder perante esta incerteza: p.e. o price-to-book do grupo de resseguradores globais desceu 44% desde o inicio do ano).

E sobre indemnizações) como referia atrás, não creio que ao nível das indemnizações esta pandemia faça tremer o edifício da indústria seguradora. Mesmo se olharmos para grandes catástrofes naturais temos verificado a capacidade do sector em responder inequivocamente, afinal não nos podemos esquecer de que se trata de uma atividade muitíssimo regulada assente em requisitos de capital muito exigentes. Naturalmente que as seguradoras têm, como quaisquer outras empresas, o objetivo de criar valor para os seus acionistas pelo que é inevitavel que períodos de sinistralidade mais penalizadora e/ou de resultados financeiros reduzidos (ou negativos) tenham um impacto directo na capacidade disponível e no custo dessa mesma capacidade, como de resto já temos vindo a observar nos últimos 12/18 meses".

(E a nível nacional) temos também nesta área uma sector robusto, que se demonstra um excelente apoio para as empresas e para as pessoas, de que é de resto testemunho o enorme crescimento do número de pessoas seguras, hoje cerca de 2,5 milhões (mais 28% do que em 2014). Naturalmente que enfrenta também desafios, não só de inovação mas decorrentes da evolução dos custos de saúde (que começam a colocar alguma pressão nos seus resultados). Verificamos considerável dinamismo na oferta, com as soluções de bem-estar, prevenção e a adaptação às necessidades de uma população com novas preocupações e uma forma diferente de viver a saúde.

(E sobre o futuro) precisamos, como nunca, de demonstrar grande capacidade de adaptação face à evolução tecnológica sem precedentes, à cada vez mais globalização e deslocalização dos sectores produtivos e ao agudizar dos fenómenos climáticos, o que representa um enorme desafio para um sector tipicamente tido como conservador. Todavia é interessante verificar como a indústria está ela própria a mudar, desde logo em virtude da injeção de inovação pelas Insurtechs, mas também pela abertura a novos riscos e o desenvolvimento de novas soluções e produtos seguradores. Não podemos no entanto esperar que o ADN mude da noite para o dia e veremos seguramente limitações decorrentes não só de disciplina de subscrição (e análise de rentabilidade) mas quando se enfrentam riscos para os quais há ainda pouca informação/dados".

Por outro lado, "a indústria seguradora pode, deve e tem assumido um papel muito importante na proteção social das pessoas. Olhemos por exemplo a cada vez maior prevalência dos seguros de saúde ou a relevância da cobertura de acidentes de trabalho ou até mesmo a importância dos seguros de vida e invalidez para as familias.

Seguradores adaptam-se aos ciclos

Responder às crises e sinistros é um dos papéis da indústria seguradora. A resposta tem sido saber como fazer a adaptação.

Quais os grandes riscos atuais e as respostas à emergência mundial de uma pandemia fazem parte das questões colocadas aos seguradores, brokers e a algumas mediadoras. A resposta da indústria é saber adaptar-se e dar respostas. Num período em que se esperava uma queda da atividade económica o tema do coronavírus Covid-19 passou a ser a única grande preocupação e a solução tem sido o isolamento e uma travagem brusca dos negócios. Vamos tentar perceber como está a indústria a reagir e a dar respostas. Vamos ainda querer saber que impacto é que os riscos associados a alterações climáticas, grandes catástrofes e pandemias terão ao nível do preço dos contratos de seguros e se estão os seguradores e resseguradores em condições para cumprir os contratos ao nível de indemnizações aos segurados.

António Bico
CEO Zurich Portugal

"A nível económico, 2020 era um ano que se previa, à partida, dominado pelo abrandamento sincronizado das grandes economias mundiais, mas a pandemia do novo Coronavírus Covid-19 veio reforçar esta preocupação. Ainda não há estimativas para o impacto económico desta pandemia, mas já se sabe que a Bolsa de Wall Street caiu 11% na semana de 24 de fevereiro, a pior semana desde a crise de 2008 e que os índices Dow Jones e S&P 500 encerraram a 12 de março, com o pior desempenho diário desde 19 de outubro de 1987. Estas quedas financeiras não aconteceram com as epidemias da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), em 2003, e da Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS) em 2012. Esta realidade tem que nos levar a refletir sobre os sistemas de saúde que vivem hoje momentos de alta pressão, risco também antecipado no "Global Risk Report 2020", documento da Zurich e da Marsh, que evidenciou as fragilidades globais do setor da saúde perante o envelhecimento da população e o esforço na resposta a doenças crónicas, como por exemplo, as doenças cardiovasculares ou diabetes. Perante estes grandes riscos, é preciso não esquecer outros desafios que já tinham sido sinalizados pelo setor segurador, como a cibersegurança ou a polarização da política interna que se verifica em muitos países. No mundo global e extremamente interdependente em que vivemos, a reflexão multidimensional sobre os riscos é essencial para respostas eficazes e atempadas de todos os stakeholders".

Por outro lado, "apesar dos avanços da medicina e da melhoria dos sistemas de saúde nas últimas décadas, a frequência de pandemias tem aumentado. Segundo a Organização Mundial de Saúde, entre 1980 e 2013 foram registados 12.012 focos de diferentes doenças, compreendendo 44 milhões de casos individuais e afetando todos os países do mundo. Os principais contribuidores para esta propagação de vírus são os estilos de vida mais intensos e o aumento das viagens e do comércio a nível global. No entanto, a relação da frequência dos vírus com as alterações climáticas e com a perca da biodiversidade são por demais evidentes. O Ébola e Zika são exemplos recentes. Do Coronavírus Covid 19 ainda não sabemos. Perante esta realidade, a atividade seguradora tem de fazer o que sempre fez muito bem: continuar a adaptar-se aos diferentes ciclos das sociedades, adaptando a proteção necessária para pessoas e empresas. É por isso que a generalidade dos contratos de seguro de Vida não tem qualquer exclusão das coberturas contratadas por efeito da declaração de epidemia/pandemia.

No que respeita às alterações climáticas, a grande preocupação do setor segurador prende-se com o forte impacto que a maior frequência e severidade de fenómenos climáticos extremos em todo o mundo possa ter ao nível dos custos associados à perda de vidas humanas e aos danos patrimoniais, que nem sempre estão garantidos pelos contratos de seguro.

Vejamos o exemplo dos incêndios de 2017 em Portugal - grande parte das pessoas afetadas não tinha seguro do seu património, nem seguro de Vida e, por isso, pessoas e famílias ficaram impossibilitadas de recorrer à proteção financeira conferida pelo setor segurador. Segundo o "Global Risks Report 2020", em 2018 a lacuna de proteção contra catástrofes, ou seja, os custos associados a eventos catastróficos que não foram cobertos pelas seguradoras, alcançou os 280 mil milhões de dólares (mais de 250 mil milhões de euros). Este indicador deveria ser o bastante para nos fazer refletir e agir. E para continuarmos a apostar fortemente na literacia financeira que possa sensibilizar os cidadãos para a importância de perceberem as mais-valias dos seguros que subscrevem. Quanto mais percebermos o propósito dos seguros, mais preparados estaremos para os riscos e incertezas do futuro.

Para colmatar esta realidade, na Zurich preocupamo-nos em melhorar a capacidade de resiliência climática das empresas e das comunidades, começando por um conhecimento profundo dos riscos – a análise de risco catastrófico e climático mais prováveis de cada região – para, depois, criar soluções específicas que respondam a estes riscos específicos. Tanto no impacto das pandemias como das alterações climáticas, parte dos seguradores e seus parceiros de negócio saber esclarecer os clientes, alertando-os para a importância de refletirem sobre as coberturas que devem incluir no seu contrato de seguro".

De frisar que "o impacto dos riscos associados a alterações climáticas e grandes catástrofes está a ser estudado mas ainda não há conclusões. Seguradores e resseguradores estão a avaliar se os riscos climáticos podem ser ainda mais transparentes nas coberturas dos contratos de seguro do que já são atualmente. O que nos falta ainda é perceber o "preço do risco das alterações climáticas" e perceber este indicador é muito complexo. É igual a queremos saber o "preço da biodiversidade" ou o "preço dos serviços dos ecossistemas". Não é impossível, mas é de tal forma complexo e interligado que teria de ser uma ação concertada do setor, no sentido de criar um método que calculasse a parte do prémio de seguro que representa o custo das alterações climáticas. No entanto, há duas certezas que já conhecemos: os eventos climáticos extremos são cada vez mais frequentes e severos. Com esta realidade já há trabalho que pode ser feito. É por isso que na Zurich temos trabalhado em estratégias de resiliência climática, de forma a melhor proteger as empresas e as pessoas. No caso das empresas fazemos consultoria de risco climático que fornece, gratuitamente, o nível de exposição ao risco para que as empresas possam ter a última palavra sobre as coberturas a contratar. Para as pessoas, contamos com a análise dos riscos catastróficos e climáticos mais prováveis de cada região, apoiando as melhores decisões de compra. No caso das pandemias a questão não se coloca já que a generalidade dos contratos de seguro de Vida não tem qualquer exclusão das coberturas contratadas por efeito da declaração de epidemia/pandemia.

Historicamente os seguradores têm respondido sempre aos compromissos que assumem, seja com clientes individuais ou empresariais. Daí a importância de cada cidadão e cada empresa saber exatamente que seguros contratar. Na Zurich trabalhamos este tema de forma muito próxima com os nossos parceiros de negócio. Também, historicamente, os seguradores têm mostrado solidariedade em situações extremas, apoiando pessoas e empresas que, por diversas razões, não tinham seguros contratados.

Se falarmos no mercado dos seguros ao nível da garantia e conforto das indemnizações há quatro figuras que reforçam esta confiança de forma global: o seguro (o mais comum, contratado por cidadãos e empresas), o cosseguro (num determinado contrato o segurador divide a responsabilidade do risco com outras companhias de seguros), o resseguro (num determinado contrato o segurador contrai um outro seguro numa companhia de resseguro), a retrocessão (por sua vez, a companhia de resseguro faz um contrato para segurar parte dos riscos em resseguro). Este fluxo de partilha de risco garante o cumprimento dos contratos, sendo, naturalmente crucial que o segurador, em primeira instância, faça uma análise de risco cuidada, ponderando as decisões técnicas a que pode recorrer,adequando devidamente termos e condições."

Fernando Rocha
Diretor da SABSEG

"Atualmente os riscos climatéricos revestem-se de uma preocupação acrescida, quer pela sua imprevisibilidade quer pelo impacto que os mesmos têm. Verifica-se cada vez mais um acréscimo na frequência de grandes eventos climatéricos em zonas do globo que não possuíam registos dos mesmo e que, por conseguinte, se encontram mais expostos e sem medidas preventivas e de reação para fazer face a esses eventos. De igual forma, a cada vez maior exposição das organizações e das pessoas ao mercado global, trazem novas preocupações quer a nível das responsabilidades (face ao tratamento de dados e informações sensíveis que habitualmente usam nas suas atividades) quer a capacidade de propagação de vírus como o Covid-19 e a dificuldade na sua contenção. Adicionalmente, também os riscos cibernéticos e as interrupções das cadeias de fornecimento constituem preocupações cada vez mais acrescidas para as organizações bem como desafios crescentes aos seus Planos de Continuidade de Negócio. E sobre as coberturas da indústria "alguns dos eventos derivados de alterações climáticas já o são, na medida em que as suas consequências (tempestades, inundações) e danos estão salvaguardados na maioria dos contratos quer de danos patrimoniais quer pessoais. De igual forma é possível salvaguardar

o impacto consequencial desses eventos a nível das atividades das organizações e das pessoas no seu geral. No que concerne às pandemias, a sua declaração e consequentes tomadas de ação por parte das entidades governativas, relevam para um patamar governativo as consequências e necessidades de intervenção para controlo e mitigação dos danos.

O mercado segurador na sua generalidade e, em consequência da última pandemia da corona vírus SARS, implementou exclusões para infeções bacterianas e virais nas suas apólices standards. Coloca-se acima de tudo o problema da continuidade de negócio por parte das Empresas. Nesse contexto será importante realçar que as coberturas resultantes dessa interrupção, por norma apenas poderão ser acionadas em consequência de um dano material que resulte em paralisação da atividade. Não obstante, importa salientar que, no âmbito da interrupção, cancelamento de eventos, ou outras situações previstas derivadas da declaração de pandemia não se possam realizar, os prejuízos daí derivados poderão ter enquadramento em seguros de contingência. Também ao nível dos seguros para as pessoas, atualmente na generalidade dos seguros de Vida verifica-se que os mesmos garantem o Covid-19.

Gostaríamos de realçar, o facto de que estes eventos serem cada vez mais frequentes e de maior impacto, urgindo encontrar uma solução sustentável de cobertura que permita enfrentar estas calamidades com uma maior capacidade e tranquilidade. À semelhança de outros países, mais que nunca, a criação de fundos específicos para calamidades, quer de ordem climatérica/catastrófica, quer de saúde pública, deverão ser considerados com muita pertinência e analisadas as suas formas de implementação e financiamento, num trabalho conjunto entre entidades governamentais e a indústria seguradora/resseguradora.

Verifica-se alguma preocupação no mercado ressegurador face aos últimos eventos climatéricos registados nas diversas geografias, ao seu impacto e ao nível de prejuízos que os mesmos acarretaram. Em consequência, acreditamos que possa haver reajustamento no custo destas coberturas, quer pelo prémio requerido para as salvaguardar quer das condições em que os mesmos possam vir ser aceites no futuro (franquias, limites, condicionantes na subscrição, etc.), já sentidas em Portugal na última renovação das apólices de Patrimoniais nos grandes riscos.

No que concerne às pandemias, cremos acima de tudo que o impacto da situação atual e, até por força de outras pandemias verificadas no passado recente, trará para as organizações um nível muito mais complexo de análise aos seus planos de continuidade de negócio e consequentemente da sua exposição a esses riscos face à necessidade imperativa de sermos globais e de eliminação das barreiras ao negócio.

Este contexto trará, inevitavelmente, uma pressão acrescida sobre o sector segurador de forma a, sem desvirtuar o conceito do seguro e a sua finalidade, poderem acrescentar valor nesta procura e melhoria da gestão de risco das organizações, através de soluções diferenciadoras e que respondam na medida das preocupações que estes clientes possuem".

Por outro lado sobre os impactos da pandemia e "tendo presente que, com a declaração de pandemia, surgiram um conjunto de diretrizes e recomendações na forma como a sociedade se deveria organizar, tal contexto, até pela mudança de hábitos e de interação entre os diversos atores na atividade económica, acarretará certamente um impacto significativo nas organizações e nas empresas. No entanto, quer pela forma como cada uma dessas entidades implementará tais diretrizes, bem como pela forma como os seus planos de contingência salvaguardam situações como a presente, esse impacto neste momento não será ainda passível de quantificação. O impacto da pandemia Covid-19, naturalmente terá efeitos diretos sobre a economia e o mercado de trabalho de que ainda não há qualquer quantificação conhecida, mas o reflexo das quedas das Bolsas de Valores em todo mundo, o receio e a falta de confiança antecipam uma tendência para a degradação de todos indicadores económicos em que somente medidas de políticas públicas robustas ajudarão a mitigar num pós- surto pandémico."

Paulo Silva
Diretor de Desenvolvimento Comercial da Prévoir

"O mundo está em constante mudança. Estamos a vivê-la todos os dias. Hoje, qualquer alteração, na saúde, no clima, na economia, na sociedade, entre muitas outras, podem ter um impacto à escala mundial, com reflexos na indústria seguradora. Os grandes riscos do momento, certamente também desafios para os seguradores, são essencialmente os que estão relacionados com as realidades existentes, mas ainda muito imprevisíveis, tais como as alterações climáticas, o terrorismo e a saúde. As pandemias, por enquanto, estão cobertas pela maioria dos seguros, nomeadamente pelos seguros de vida e de saúde. Quanto às alterações climáticas, também estarão cobertas pelos seguros que abrangem este tipo de cobertura. Muitas das consequências devidas às alterações climáticas já são conhecidas dos seguradores e estão avaliadas; como tal, podem ficar cobertas.

Se as grandes catástrofes, os incêndios, as inundações, as tempestades e as pandemias aumentarem em termos de frequência e de prejuízos, vai haver uma enorme pressão sobre os prémios dos seguros, devido à maior probabilidade de sinistros. O mais provável é que a única solução sustentável para a indústria seguradora seja o consequente aumento dos prémios que pratica".

E sobre a capacidade dos seguradores e

resseguradores cumprirem as obrigações contratuais "os segurados nada têm a temer. No passado como no presente, face às diferentes crises, o sector segurador mostrou que era sólido e resiliente". E sobre o impacte da Covid-19 na economia "ainda é cedo para aferirmos os impactos: precisamos de elementos tais como a dimensão e a duração". Entretanto os maiores riscos para as pessoas na atualidade "são os que estão relacionados com as alterações demográficas, nomeadamente com o envelhecimento e com a saúde. Para estes riscos, algumas seguradoras já desenvolveram soluções e adaptaram as suas ofertas. Por exemplo, constatamos um aumento da duração dos contratos de seguros (idade de permanência) e a cobertura específica para algumas doenças mais comuns nas idades seniores. Na Prévoir, temos o seguro Prévoir Solução Vital para pessoas com mais de 55 anos e que cobre as lesões corporais (queimaduras e fracturas). E alguns dos maiores riscos para as empresas são os cibernéticos. As perdas actuais para as empresas já são consideráveis e no futuro prevê-se que continuem a aumentar exponencialmente. Um relatório recente publicado pelo AON considerava que as perdas são "graves" e "imediatas", não só devido à diminuição de receita "resultante da interrupção da sua actividade", mas também em consequência dos "custos processuais deste tipo de incidentes, de multas regulatórias que aumentaram após a implementação do Regulamento Geral de Protecção de Dados."

Ricardo Azevedo
Diretor Técnico – Innovarisk Underwriting

"Para além dos riscos de curto prazo associados aos efeitos económicos e ao impacto direto nos seguradores do Covid-19, os agentes continuam a temer os efeitos das alterações climáticas ou dos ataques cibernéticos em larga escala. Ainda que existam seguros mais especializados que permitam cobrir alguns eventos de maior risco, a maioria dos contratos de seguro conta com exclusões relativas a situações catastróficas relativamente às quais a indústria não teria capacidade de responder de forma integral. Mas algumas dessas exclusões surgiram, aliás, depois da indústria se ter visto a braços com a necessidade de gerir sinistros num contexto de um tipo de evento catastrófico nunca antes previsto (como o caso da crise do amianto nos anos 90), o que também significa que nem sempre tudo é antecipável". Por outro lado "embora possa haver um impacto a nível de preços no período que sucede a ocorrência de um evento catastrófico, historicamente o mercado tem a capacidade de se adaptar e de reajustar o balanço entre os riscos que a cada momento se consideram seguráveis (ou com que nível podem ficar seguros) e o preço a pagar por eles. Em determinados contextos mais específicos, onde possa haver um aumento gradual do risco (por exemplo, aumento da frequência ou intensidade de tempestades numa determinada zona geográfica) é natural que os preços possam também aumentar com o tempo".

De frisar que "há alguns riscos que têm estado cada vez mais na ordem do dia, como: os riscos cibernéticos, num mundo que é cada vez mais digital; os danos à propriedade, em virtude dos desafios provocados pelas alterações climáticas; ou a interrupção do negócio e das cadeias de fornecimento, o que num mundo globalizado e extremamente volátil é cada vez mais um risco premente. O risco de responsabilidade civil, sobretudo em algumas áreas de atividade, é também um risco sempre a considerar, dado que basta muitas vezes um mero erro para deitar por terra o futuro de uma empresa inteira."

Anabela Araújo
Chief Broking Officer
e Claims Director da Aon Portugal

A cobertura dos seguros em relação a pandemias e às alterações climáticas vai depender sempre de cada solução de seguro e em última instância de uma análise casuística das apólices contratadas, existindo situações que vão ter cobertura e inevitavelmente teremos outras que serão excluídas. Como medida preventiva, a Aon aconselha todas as empresas que considerem o seguro como medida integrada na sua estratégia de gestão de risco de uma pandemia, e que procurem aconselhamento profissional com o intuito de saber se as condições do seguro contratualizado garantem cobertura e em que situações". Por outro lado, "o crescente impacto dos riscos associados às alterações climáticas e catástrofes naturais, bem como a sua maior frequência de ano para ano, tem levado a um reforço da capitalização do setor segurador, por forma a que este consiga gerir os custos relativos aos danos causados por estes fenómenos. Apesar de 2019 ter sido, em comparação com outros anos do atual século, o ano com a quinta percentagem mais baixa de "protection gap" para os prejuízos relacionados com catástrofes (uma percentagem de 69%, em que foram cobertos custos na ordem dos 64 mil milhões de euros face aos prejuízos económicos de mais de 210 mil milhões de euros), a realidade é que se prevê um crescimento dos custos financeiros para as seguradoras nos próximos anos, o que levará a uma reavaliação em alta dos preços aplicados ao contratos de seguros que contemplem estes riscos.

Em relação às pandemias, estamos con-

victos de que o impacto negativo que o surto do novo coronavírus trará à economia numa escala global vai obrigar o setor a repensar as suas soluções, com o objetivo de assegurar a proteção das empresas e pessoas, e ao mesmo tempo salvaguardar a sua sustentabilidade.

É ainda prematuro perspetivar a capacidade das seguradoras e resseguradoras ao nível do cumprimento das indemnizações previstas nos contratos com os seus segurados, uma vez que o setor está a avaliar qual o impacto que a atual pandemia terá nas economias internacionais". Por outro lado, "dado que o surto do novo coronavírus ainda não atingiu a fase de mitigação em Portugal, é ainda cedo para medir o impacto que este trará às organizações e empresas, apesar de ser praticamente certo que o mercado e o país irão sofrer fortes consequências socioeconómicas. Em relação às operações da Aon em Portugal, implementámos um plano de contingência que segue as linhas orientadoras da Direção-Geral da Saúde, e que prevê a proteção dos nossos colaboradores, dando-lhes condições (sempre que possível) de realizar as suas atividades através de trabalho remoto. Desta forma, estamos também a garantir a continuidade dos serviços prestados aos nossos clientes.

Numa ótica de recursos humanos, as pessoas são o ativo mais importante de qualquer empresa, mas ao mesmo tempo apresentam o maior potencial de risco. Cada vez mais as empresas têm adquirido consciência dessa realidade, e por isso riscos como a incapacidade de atrair ou reter talento, a escassez da força de trabalho, bem como o envelhecimento dos colaboradores e todos os problemas de saúde a estes associados são três dos 20 riscos mais importantes para os gestores a nível mundial, tal como indica o Global Risk Management Survey da Aon de 2019. Sabendo isto, as seguradoras e empresas têm trabalhado em conjunto no sentido de conseguir minimizar o impacto destes fatores (através de soluções de seguro que respondam a estas necessidades), e, por outro lado, promovendo melhores condições de trabalho, como melhoria da remuneração, aposta da formação contínua, adoção de medidas de work-life balance e implementação de programas de promoção da saúde e bem-estar de todos os elementos da empresa. E de acordo com o último Global Risk Management Survey da Aon, publicado em 2019, os principais riscos identificados pelas empresas nacionais estavam relacionados com a desaceleração económica ou recuperação lenta, o dano reputacional das marcas, as alterações regulatórias e legislativas, os crimes cibernéticos e violação de dados, e o risco político. Este panorama justifica-se sobretudo pelo expectável abrandamento das principais economias mundiais, pela exigência da sociedade e entidades estatais por uma maior transparência por parte das empresas, pelas constantes transformações tecnológicas a que temos assistido e pela escalada de alguns focos de tensão entre diversos países (os casos mais sonantes são as tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China e o processo do Brexit).

Contudo, o início de 2020 trouxe consigo uma crescente preocupação das empresas em relação à pandemia provocada pelo novo coronavírus SARS-CoV 2, que tem obrigado as empresas a adotar medidas de contingência para proteger os seus colaboradores e para minimizar o impacto deste cenário nos seus negócios (temos setores de atividade, como a aviação ou a hotelaria, que a curto prazo já preveem fortes prejuízos nas suas atividades económicas). A par disto, espera-se que nos próximos anos as alterações climáticas venham a ser uma das principais preocupações das empresas em Portugal e no mundo, sobretudo porque muitos governos e entidades supranacionais estão a tomar medidas de minimização do impacto das atividades económicas no meio ambiente, o que levará as empresas a ajustar-se a uma realidade mais sustentável."

Ricardo Pinto dos Santos
MDS Group COO, MDS Portugal CEO

"As alterações climáticas e os cada vez mais frequentes desastres naturais, com danos a edifícios e infraestruturas, interrupção da produção económica e perda de colheitas e de vidas, é uma preocupação da indústria seguradora e um dos seus maiores desafios.

Reconhecendo o impacto destas alterações climáticas - nomeadamente o crescente número de fenómenos associados como aumento da temperatura, tempestades, furações, incêndios, terramotos ou inundações - os seguradores têm desenvolvido iniciativas para prevenção e gestão do risco e soluções inovadoras de transferência de risco. São os casos dos seguros paramétricos para colheitas e riscos catastróficos, ou as soluções "tradicionais" de seguros como o seguro de Todos os Riscos de Danos Materiais e Perdas de Exploração, que garante os danos materiais em consequência de fenómenos da natureza e as perdas de exploração, entre outros.

Contudo, os desafios não se ficam por aqui. Os efeitos das alterações climáticas aumentarão o risco de pandemia devido à alteração dos factores de transmissão de doenças, aumentando a incerteza quanto à localização, tipo e gravidade do próximo surto de epidemia.

As soluções de seguro para pandemias ainda não estão desenvolvidas, mas o sector segurador tem sido sempre capaz de se adaptar aos novos desafios e encontrar formas de responder a novos riscos. Nesse sentido, estão a ser desenvolvidos mecanismos inovadores de financiamento de riscos de pandemia que mobilizam fundos do sector público e privado -

como o Pandemic Emergency Financing Facility (PEF) - que é um mecanismo que envolve financiamento público e privado, coordenado pelo Banco Mundial, para direcionar rapidamente fundos para enfrentar surtos de doenças infecciosas com potencial pandêmico. O PEF possui dois componentes para financiar a resposta a surtos de doenças: uma "cash window" e uma "insurance window". A "insurance window" envolve um seguro – uma catastrophe bond - que é um instrumento financeiro usado para garantir o risco de desastres, causados por condições climáticas extremas e terramotos. Mais de 12,8 mil milhões de dólares em catastrophe bonds foram emitidos / comprados por segurados em 2018.

Os riscos associados a pandemias encontram também resposta nos seguros Vida e não Vida. Embora as coberturas dos seguros sejam diferentes entre as seguradoras, em geral os seguros de Vida garantem as epidemias e as pandemias.

Os seguros de Acidentes Pessoais Viagem garantem a cobertura de doença, geralmente sem exclusão relativa a epidemias ou pandemias desde que haja lugar a internamento hospitalar (ou cuidado médico permanente por terceiros) e/ou quarentena imposta por autoridade competente. Quanto ao cancelamento da viagem, as seguradoras diferem também no âmbito desta cobertura, mas em geral, através da cobertura de Assistência, podem ser reembolsados os custos relativos a transporte e alojamento até ao limite do capital contratado.

Pode ainda ser contratado uma garantia de Assistência de Crise, que proporciona acesso a uma Centro de Crise 24h/24H, com acesso a especialistas em respostas a situações de crise (em geral ex-militares), que por exemplo, no caso de pandemia ou terrorismo ou rapto, presta aconselhamento e organiza o repatriamento e demais assistência.

Vimos que a atual pandemia levou a maior parte das empresas a recorrer já a teletrabalho. O seguro de Acidentes de Trabalho, continua a responder, no caso de teletrabalho.

No que respeita aos Seguros Patrimoniais, as coberturas de Perdas de Exploração, Carência de Clientes e Fornecedores e de Impedimento de Acesso são acionáveis quando decorrem de danos materiais, não sendo acionáveis no caso de pandemia (danos corporais).

(Por outro lado) o aumento da frequência de riscos associados a fenómenos climáticos extremos e pandemias representa um desafio para os seguradores e resseguradores.

As alterações climáticas são um factor significativo que contribui para eventos como os grandes incêndios (caso Califórnia e Austrália) ou inundações, que necessariamente vão levar a que as seguradoras pensem cuidadosamente sobre o preço. O preço dos seguros tem de refletir a exposição ao risco e ter em conta a frequência e severidade dos fenómenos.

No ano passado a Munich Re (um dos maiores resseguradores internacionais) anunciou que o risco de incêndios, inundações, tempestades ou granizo continuar a aumentar, pelo que a única opção sustentável é ajustar os preços face ao risco. Esta modelização dos riscos aponta para que, a longo prazo, esta situação se possa tornar numa questão social.

As seguradoras têm sempre assumido os seus compromissos, mesmo em tempos de crise. Apesar do impacto na sua rentabilidade, como foi o caso da crise económica de 2008, demostraram a sua capacidade financeira para pagar indemnizações. O sector segurador é muito regulado e exigente ao nível dos rácios, sendo muito prudente ao nível do seu balanço por forma a responder em momentos especialmente complicados.

(De frisar que) as pandemias apresentam muitos desafios e incertezas, quer para as autoridades públicas quer para as empresas. Neste momento, com o surto do Covid-19, estamos todos os dias em gestão de crise, com novos desenvolvimentos a acontecer em todo o mundo. Por isso, é difícil neste momento estimar com rigor os impactos, embora saibamos que as empresas vão ser afetadas tanto ao nível das receitas como dos custos. Por isso, é fundamental que as empresas se preparem para a crescente ameaça de epidemias, implementando um programa de gestão e mitigação de risco, nomeadamente para a quebra da cadeia de fornecimento.

Na MDS adotámos medidas proactivas para garantir a saúde e o bem-estar das nossas equipas, clientes e parceiros, bem como a continuidade dos seus negócios. Implementámos um plano de contingência e de continuidade do nosso negócio, nomeadamente com o recurso ao teletrabalho, e continuámos a acompanhar os nossos clientes diariamente.

Temos presente que as epidemias são simultaneamente um risco de negócio e um amplificador das tendências de vulnerabilidade existentes na economia e que os negócios serão inevitavelmente afetados, com efeitos no curto prazo e consequências menos esperadas no longo prazo.

As empresas podem ser afetadas de diferentes maneiras, dependendo do sector em que atuam e da localização dos seus clientes, funcionários e fornecedores. As empresas mais dependentes de viagens ou de contactos presenciais terão provavelmente um maior impacto do que as empresas que podem operar com trabalhadores remotos e cujos negócios não dependem dos mercados nacionais. No entanto, são expectáveis impactos elevados mesmo nos negócios mais expostos aos mercados nacionais.

As restrições às viagens, o fecho de fronteiras e a quarentena que afeta milhões de pessoas, a quebra na cadeia de fornecimentos, levarão provavelmente a uma desaceleração da produção e do comércio, afetando empresas de todas as dimensões, desde a aviação, turismo, entretenimento, hotelaria, eletrónica, bens de consumo e de luxo. Estes factores, a que acrescerá um eventual aumento da taxa de desemprego, terão necessariamente impacto no sector dos seguros, tanto de forma direta

João Costa Duarte
Administrador da Costa Duarte
Corretor de Seguros

"Por força da evolução do quadro epidemiológico da COVID-19 e das medidas de prevenção que todos – empresas e famílias – estão a implementar, importa salientar a oportuna informação prestada pela Associação Portuguesa de Seguradores, sobre a cobertura do seguro de Acidentes de Trabalho nas situações de teletrabalho e da colaboração dada pelos Seguradores no âmbito do seguro de saúde, seja através das linhas de assistência aos clientes que estão ativas no esclarecimento de dúvidas e no apoio ao diagnóstico, seja na cobertura nos termos da respetiva apólice, dos custos dos testes de diagnóstico, sempre que haja prescrição médica e, nalguns casos, isentando os respetivos copagamentos.

Os fenómenos da natureza têm cobertura tradicional por parte da indústria seguradora e as alterações climáticas estão a obrigar, por um lado, os clientes a uma gestão adequada do risco e, por outro, os seguradores a adaptar a oferta. É um processo evolutivo que não está estabilizado e, para mim, o maior desafio é civilizacional. As pandemias são uma questão diferente e ao nível dos seguros as respostas disponíveis são limitadas, havendo todo um caminho a percorrer. Com algum paralelismo, recordo o tema do terrorismo que passou por várias fases sendo agora uma cobertura disponível no mercado.

Recordo ainda o cyber risk, uma enorme ameaça para as empresas, cujas soluções de seguros têm vindo a ser progressivamente melhoradas.

A determinação do prémio dum seguro é um exercício atuarial complexo, com inúmeras variáveis, onde a gravidade e a frequência de sinistralidade são também tidas em consideração.

Por forma a complementar a oferta tradicional, a indústria seguradora tem vindo a desenvolver nos últimos anos os seguros paramétricos. Tratam-se de soluções que poderão ser aplicadas em diferentes classes de risco, libertando o rápido pagamento das indemnizações e aliviando consequentemente o congestionamento da tesouraria das empresas.

(Por outro lado), as seguradoras, ao contrário de outros intervenientes no mercado financeiro, sempre estiveram em condições de cumprir os contratos e não vejo qualquer motivo para que assim não continue."

José Monteiro
Diretor Geral da Coface Portugal

"O mundo atravessa neste momento uma situação dramática e complexa cujas consequências económicas para as empresas, apesar dos esforços conjuntos de mitigação por parte dos governos e bancos centrais, são ainda muito incertas. Há, no entanto, a certeza de que estamos perante um choque económico de grandes dimensões para o qual todos devemos estar preparados. Seguramente que o impacto da pandemia provocada pelo Covid-19, que desencadeou mundialmente uma séria de medidas de prevenção, vai ter sérias repercussões na economia e no mercado empresarial, numa escala mundial. O cancelamento de grandes eventos, de viagens e inclusive o bloqueio de regiões, vão naturalmente cancelar ou a adiar operações, e isso acrescenta incerteza na economia global. O sector dos transportes, principalmente as companhias aéreas, e o sector do turismo serão os mais atingidos numa fase imediata, mas que depois prevemos que se difunda a outros sectores".

Por outro lado, a apólice de seguro de crédito da Coface "já contempla uma Opção de Cobertura de Risco de Catástrofes Naturais, que é compreendido como qualquer facto de natureza ambiental, tal como, mas não exclusivamente, uma erupção vulcânica, um terramoto, um maremoto, um tufão ou uma inundação. Quanto às pandemias, o cenário que temos de averiguar é o impacto económico das mesmas, que numa perspectiva empresarial resulta, inevitavelmente, no incumprimento de pagamentos das empresas devido à brusca quebra de resultados, o que se traduz num risco comercial, estando assim ao abrigo das coberturas das apólices". E sobre prémios de seguro estes "são calculados de acordo com diversos indicadores resultantes da carteira de clientes do segurado ou potencial segurado, bem como do volume de negócio da empresa, após a ponderação de vários factores, tais como os prazos de vencimento dos créditos em risco, o risco do sector em que os compradores se situam, o risco do país, etc. Deste modo, caso ocorra um aumento do prémio, o mesmo está associado aos factores anteriormente referidos, bem como à sinistralidade ocorrida e à perspectivada". De frisar que "dado actuarmos num sector muito regulado e desde que a gestão do risco seja efectuada de forma adequada, bem como a verificação de rácios de solvência também adequados, não antecipo situações anómalas (a nível de pagamentos e indemnizações).

A Coface é uma seguradora de crédito especializada no risco de incumprimento de pagamento, ou seja, na falta de pagamento das empresas aos seus fornecedores, estejam eles localizados no mercado doméstico ou no mercado de exportação. Neste sentido, a Coface com a sua presença directa ou indirecta em mais de 200 países, está a monitorizar muito de perto o impacto desta crise sem precedentes na era moderna , em resultado da pandemia provocada pelo Covid-19, que está a provocar dificuldades adicionais nas empresas, que se poderão traduzir no seu encerramento temporário ou definitivo a nível global, provocando dificuldades de pagamento e reduções im-

portantes na rentabilidade, em vários sectores de actividade. É importante mencionar que as dificuldades com que as empresas se estão a confrontar e que vão viver nas próximas semanas, poderão ser mitigadas com o esforço que os governos de todos os países afectados estão a fazer, bem como de outras instâncias internacionais que, no seu conjunto, estão a adoptar medidas extraordinárias de apoio às empresas, que visam apoiar a oferta e a procura, com vista a podermos ultrapassar com a máxima rapidez este momento de excepção."

Pedro Rego
CEO da F. REGO

"Neste momento, e como não poderia deixar de ser, as pandemias são o tema que está na ordem do dia, relegando todos os demais para segundo plano. Este risco apanhou o mercado desprevenido, pois não existe uma oferta real que proteja famílias e empresas do impacto económico que esta realidade trará, nomeadamente com os danos decorrentes da paralisação generalizada da atividade económica. Obviamente que este não é o único risco, existindo outros que nos últimos anos ganharam particular relevo, destacando-se os que são provocados pela disrupção, tanto no domínio da tecnologia, como no comportamento dos consumidores, como são os riscos cibernéticos e ambientais. Se as oscilações económicas e financeiras ocuparam sempre boa parte das preocupações dos gestores, os novos riscos, que surgem de fora do setor vieram imprimir uma velocidade acelerada ao ritmo destas transformações.

O setor segurador tem demonstrado uma enorme resiliência e capacidade de adaptação a estas mutações e estou seguro de que ultrapassará, com responsabilidade social e esforço de todos os agentes este novo desafio".

(Sobre pandemias e alterações climáticas) temos que destacar claramente os dois riscos bem como a resposta que a indústria seguradora tem para cada um deles. Se no caso das pandemias, não existem, infelizmente, e de momento, soluções no mercado (excetuando casos muito particulares), já quanto aos riscos ambientais e alterações climáticas o mercado tem respondido adequadamente, nomeadamente com as soluções propostas para cobertura de danos patrimoniais e pessoais. Importa ressalvar, contudo, que no que às pandemias diz respeito, e tomando como exemplo o Covid-19, o mercado respondeu de forma ágil, conscienciosa e solidária aos danos pessoais. Por exemplo, ajustou de forma automática o âmbito das apólices de acidentes de trabalho ao teletrabalho e, no caso dos seguros de saúde, comparticipou os testes e consultas de diagnóstico. Já quanto aos seguros de vida, o setor já esclareceu que não existem limitações ou exclusões que possam ser invocadas por via das pandemias.

A sociedade tem presente a insubstituível e relevante função socioeconómica dos seguros, designadamente a função de mitigação e gestão dos riscos através da transferência de riscos aos quais a vida humana e as atividades económicas estão expostas. Naturalmente que o agravamento dos custos suportados pela indústria seguradora, seja ao nível do seguro direto, seja ao nível do resseguro, têm levado a um ajuste técnico por parte do mercado, imprescindível para manter o equilíbrio financeiro e a solidez que sempre caracterizou o setor segurador. (Por outro lado) não temos qualquer dúvida sobre a solidez financeira e solvência do setor segurador, tanto em Portugal como nos restantes países, que apresenta rácios invejáveis e sem paralelo com outros atores do sector financeiro. Está bem demonstrada a resiliência e capacidade de cumprimento dos seus compromissos como foi testemunho a última crise financeira, não sendo a atual circunstância, cujo impacto é ainda desconhecido, diferente. É do conhecimento geral que a pandemia causada pelo vírus Covid-19, que já afeta mais de 140 países, tem causado um grande impacto e perdas nas economias mundiais. Estas perdas financeiras poderão atingir valores astronómicos. Neste momento é ainda cedo para estimar o impacto financeiro do risco, sendo que seguramente será elevado devido à redução súbita e acentuada da atividade económica mundial."

Maria Celeste Hagatong
Chairman da COSEC

"Neste momento, todas as atenções estão centradas na pandemia Covid-19 e nas suas consequências na saúde pública e na atividade económica. Esse é o principal risco que todos identificamos. A par deste, registou-se, há dias, uma quebra brutal do preço do petróleo. Em conjunto, estes dois acontecimentos conduziram a uma queda abrupta e significativa e a uma grande volatilidade nos principais mercados financeiros. No que respeita ao impacto da Covid-19, a principal preocupação na perspetiva da atividade da COSEC está relacionada com o facto de o centro atual da pandemia estar na Europa, onde se encontram os principais países de destino das exportações portuguesas. Portanto, a maior preocupação dos vários países europeus afetados por este fenómeno é não desarticular a estrutura empresarial dos mesmos, estando neste momento, na maioria dos casos, a atuar com medidas públicas, coordenadas com bancos e seguradoras, para apoio aos negócios (diferimento de pagamento de impostos, linhas de crédito com garantia pública, etc.) e também para apoio ao pagamento de salários e compensações aos trabalhadores que se veem obrigados, por razões de saúde pública, a manterem-se nas suas residências.

O recente fecho das fronteiras, verificado em grande parte dos países, vai ter um impacto muito significativo nas economias em

que o sector do turismo tem grande relevância, como é o caso de Portugal, Espanha, Itália e França.

A quebra do preço do petróleo conduziu ao agravamento do risco em muitos países cujas economias estão muito dependentes deste sector. Naturalmente, as seguradoras comerciais farão refletir este contexto numa redução dos plafonds disponíveis para segurar exportações para estes destinos. Todavia, o Governo português já tornou pública a decisão de aumento da Linha de seguro de Créditos de curto prazo para países fora da OCDE para 300 milhões de euros, da Linha de Seguros de Créditos de Médio Prazo para os Sectores da Metalomecânica e Moldes para 200 milhões de euros, e da Linha de Seguro de Caução para Construção e outros fornecimentos no estrangeiro para 200 milhões de euros.

(Por outor lado) a Allianz/Euler Hermes, acionista de referência da COSEC, seu principal ressegurador, é um dos maiores grupos europeus de seguros. De acordo com o comunicado de 17 de março da EIOPA – Autoridade Europeia dos Seguros e Pensões Complementares de Reforma, testes de stress recentes mostraram que o setor dos seguros está devidamente capitalizado e será capaz de acomodar impactos significativos. No caso da COSEC, esta demonstra um rácio de solvabilidade de 263%, muito acima dos requisitos legais mínimos."

CA Seguros

"Dependendo da tipologia e duração do evento assim serão os desafios e riscos que este mercado enfrentará. Sejam eventos climatéricos adversos (incêndios, tempestades e inundações), fenómenos sísmicos, ciberataques ou pandemias, como a que enfrentamos neste momento, a dimensão económica destes nos resultados das seguradoras poderão pôr em causa os seus indicadores de solvência. Dito isto, o maior desafio dos agentes deste mercado será a antecipação e adequada protecção destes cenários, pois a sua dinâmica assim o exige. Hoje em dia não se coloca a questão de "…se acontecer", mas sim "…quando acontecer".

Quanto a cenários de pandemia, as nossas apólices mais tradicionais não responderão adequadamente, principalmente se falarmos do ramo de Perdas de Exploração, que é neste momento o tema que mais preocupa as empresas. Relativamente aos seguros de saúde, as pandemias estarão excluídas (apenas poderão estar incluídos os exames de diagnóstico), na medida em que deverá ser o Serviço Nacional de Saúde a entidade responsável pelo encaminhamento, acompanhamento e tratamento dos eventuais afectados. Noutros exemplos, como será o caso dos EUA onde não existe SNS, a necessidade de um seguro de saúde para tratamento será mais premente. Quanto ao problema das alterações climáticas, bem como dos principais riscos catastróficos, estes encontram-se maioritariamente cobertos na maior parte das apólices vulgarmente apelidadas de "Multirriscos", com excepção da cobertura de fenómenos sísmicos, que consta como uma cobertura/garantia "opcional" pelo menos por enquanto.

Na área agrícola, as alterações climáticas influenciam de forma significativa a tipologia de riscos assim como a sua frequência e intensidade. Antigamente o principal risco climático, e que tinha maior impacto na produção agrícola, era a geada, atualmente o principal risco é o granizo sendo aquele que ocorre com maior frequência. Por outro lado, e embora com menor frequência, começamos a sentir algum impacto com o escaldão prevendo-se que, num futuro próximo, comece a ganhar uma maior expressão.

O bem cada vez mais precioso para esta actividade é a qualidade da informação de risco obtida aquando da sua subscrição. É muito importante quantificar e qualificar adequadamente os factores internos e externos de risco, para podermos ajustar as apólices às necessidades dos clientes, promovendo uma oferta e proteção adequada, com um prémio de seguro também adequado ao risco. Este é, por definição, dinâmico e a função de subscritor num futuro próximo será cada vez mais coincidente com um "analista de Base de Dados". Obter, recolher e tratar informação recente sobre os riscos e sua exposição de forma mais automatizada será muito importante para um adequado ajuste aos riscos catastróficos e antecipação dos mesmos. Por este motivo as seguradoras têm investido em modelos atuariais que permitam ajustar tarifas com a dinâmica que o mercado neste momento exige (ex: modelos GLM). O tema das insurtech está na ordem do dia, incluindo naturalmente a IA. Este tema representa um desafio importante para este mercado.

O cliente de hoje é um cliente cada vez mais informado e premente à inovação tecnológica, e as seguradoras também terão de se ajustar a esta nova realidade e percorrer o seu caminho face aos novos "inputs" que existem tais como novos padrões de comportamento dos clientes, necessidade de inovação e ruptura com o mercado tradicional, novo paradigma: economia da partilha, não esquecendo a forte regulamentação europeia do sector. Dito isto, com o aumento da frequência destes eventos, os prejuízos para os seguradores e resseguradores têm aumentado exponencialmente e será expetável que os prémios tenham de aumentar para garantir os rácios de solvência das empresas do sector.

Relativamente à área agrícola, no que diz respeito ao impacto propriamente dito, os tornados são os riscos que se apresentam com maior importância sendo preocupante a frequência com que nos fustigam, sobretudo a sua severidade.

Os resseguradores pela experiência e dispersão de riscos que têm ao redor do planeta começam a agravar os prémios cobrados e simultaneamente começam a não aceitar alguns riscos. É muito importante envolver o Estado dos países onde este tipo de seguros são prática corrente, de forma a que os riscos catastróficos e de grande amplitude possam ter alguma

cobertura por parte dos diferentes países". Em termos de grandes riscos "a protecção da saúde é muito importante, face a alguma degradação que temos assistido do SNS nos últimos anos, por isso um seguro de saúde adequado e com uma protecção abrangente é essencial nos dias de hoje.

Já do ponto de vista patrimonial os fenómenos climatéricos adversos cada vez mais frequentes e localizados dificultam a antecipação deste tipo de eventos, e não podemos esquecer que a exposição de Portugal ao risco sísmico é muito elevada e preocupante. Precisamos de criar uma efectiva cultura de segurança, sem que tenhamos de passar por experiências negativas neste âmbito, mas estes riscos podem ser salvaguardados pelos particulares e empresas na maior parte das apólices de seguro comercializadas no mercado, mesmo em formato opcional como é o caso dos fenómenos sísmicos.

Alexandra Catalão
Diretora de Marketing da Ageas Seguros

"Quando surge uma pandemia, situação evolutiva de uma epidemia, significa que todos os piores cenários se poderão colocar de modo a tentarmos prever os impactos que essa situação possa acarretar. De seguida, temos de analisar muito bem as medidas que as entidades oficiais decretam como forma de tentar travar o crescimento do contágio e quais os reflexos na atividade económica das empresas e particulares. É deveras importante que a atividade seguradora contribua para mitigar estes impactos, e que esteja próxima dos seus clientes para ajudar a encontrar soluções concretas que contribuem para a manutenção dos negócios. O papel da rede de mediação de seguros é fundamental no aconselhamento dos nossos clientes e consumidores, pois têm maior proximidade e conhecimento da realidade local do negócio em concreto. Nos últimos anos temos assistido a diversos episódios decorrentes de alterações climáticas, com impacto significativo ao nível das empresas e das famílias. O mercado de seguros tem demonstrado capacidade de resposta, no sentido de repor a normalidade e minimizar os danos junto dos seus clientes. Outro tema com enorme relevância no panorama atual são as epidemias e pandemias. A temática do Covid-19, é um desafio à escala global e que mais uma vez irá testar o posicionamento que as seguradoras poderão ocupar em situações que causarão diversos constrangimentos na nossa sociedade.

Apesar do carácter excecional do tema, e dos diversos desafios que se colocam à nossa atividade mantivemos, desde o primeiro momento, uma posição de proximidade junto dos clientes particulares, empresas e Ordens profissionais. Destaco em particular a decisão que tomámos de proteção para quem está dedicado à proteção dos outros, nomeadamente nesta fase, os profissionais de saúde, em que ajustámos a franquia da cobertura de Incapacidade Temporária para o Trabalho que passou a abranger desde o 1.º dia. Ainda, destaco as medidas de proteção em situação de trabalho remoto, no caso dos Acidentes de Trabalho, e a assistência médica por telefone em substituição da prestação deste serviço ao domicílio.

Os maiores riscos que identifico desde já, estão associados às profissões mais expostas ao risco de contágio como são os profissionais de saúde. Existem igualmente outras profissões que comportam riscos agravados de contágio pelas características da sua atividade, e que não podem deixar de ser exercidas, como a produção de bens alimentares, forças policiais e de proteção da sociedade, entre tantas outras.

E, claro que toda e qualquer exposição das pessoas, pois quer quando saem para fazer compras, ir à farmácia, ou outras situações de necessidade, existe exposição à contração deste vírus para além da exposição permanente de estarmos em casa e um imprevisto acontecer. Reforçámos o apelo à utilização dos serviços à distância, como área cliente e linhas de apoio, e tomámos um conjunto de medidas para assegurar o atendimento e acompanhamento dos nossos clientes por parte dos nossos mediadores, contribuindo assim para uma maior segurança de todos.

Se ainda assim as pessoas forem alvo de contágio em ambiente profissional, a Ageas Seguros tem um conjunto de soluções e serviços. Como referi anteriormente, a garantia de subsídio diário, em caso de Incapacidade Temporária para o Trabalho no seguro de vida, como forma de compensar a ausência do local de trabalho e perda de rendimento, para médicos, médicos dentistas, farmacêuticos e enfermeiros. No que diz respeito aos seguros de saúde, ao abrigo da cobertura de ambulatório, encontram-se abrangidos os meios complementares de diagnóstico quando devidamente acompanhados de prescrição médica e sem copagamento. Encontram-se igualmente abrangidas as despesas de saúde que sejam anteriores ao diagnóstico da infeção pelo Covid-19, incluindo o teste de diagnóstico realizado após prescrição médica.

No que respeita às empresas e por muito que queiramos traçar cenários, os riscos económicos associados a esta pandemia, podem ser de facto devastadores em determinadas atividades, sendo que há cenários imprevisíveis, uma vez que não temos precedentes históricos, que nos ajudem a prever os impactos.

Paralelamente ao próprio risco de contágio e inerente estado de saúde dos próprios colaboradores, temos um sem número de atividades interrompidas pela pandemia, onde as empresas ligadas à hotelaria e turismo são das mais impactadas, sendo também o comércio em geral fortemente afetado pelo fecho temporário dos seus pontos de venda. Todas as fábricas e indústrias também veem a sua laboração interrompida ou alterada, mas mesmo que continuem a produção, podem ter (ou não) os preços dos seus produtos alterados, face ao estado de emergência nacional."

Abarca Seguros

Em 2019, a Abarca – Companhia de Seguros, S.A. ("Abarca Seguros" ou "Companhia") manteve a posição como um dos líderes ibéricos em seguros de caução, acompanhando as empresas portuguesas e espanholas nos seus projetos nacionais e internacionais.

Continuamos muito satisfeitos pelo facto da nossa jovem companhia se ter estabelecido com sucesso como um dos principais especialistas neste ramo, sendo já uma referência internacional. Este êxito deve-se ao mérito das nossas pessoas. Acreditamos que o ativo mais importante da Abarca Seguros são as suas pessoas, as ideias e os contributos que diariamente trazem. A nossa companhia é indiscutivelmente uma empresa de pessoas.

Não gostaríamos de falar mais sobre o êxito que alcançámos até à data, preferindo falar sobre a nossa visão e estratégia para o futuro.

A atual crise do Coronavírus está a mudar o paradigma dos negócios e, também, o da vida das pessoas. Nenhuma empresa previu contingências para se adaptar a este cenário extremo, nem mesmo as seguradoras, apesar da gestão de riscos ser o seu negócio.

Acreditamos que, doravante, para além do risco cibernético, da proteção de dados pessoais, das alterações climáticas, etc., que são já preocupações atuais das empresas, existirão outras, que até agora eram desconsideradas.

Pela nossa especialização, já estamos a trabalhar em novas e inovadoras soluções, indo ao encontro das necessidades das empresas, conscientes que estas têm que garantir não apenas a conclusão tempestiva do trabalho, mas também a continuidade do serviço que prestam.

À atual tipificação de garantias (provisória, definitiva, desempenho, etc.), acrescer-se-á os Cyber Bonds, ou mesmo, os Corona Bonds, ou quem sabe se estamos perante uma dessas exclusões genéricas que se colocam em todas as apólices – o tempo nos dirá. O certo é que o mercado precisa de entidades que se saibam adaptar e que reajam rapidamente perante novas circunstâncias. É exatamente o que a Abarca Seguros faz!

DR. FERNANDO MORALES ALBA
CEO

RAMO CAUÇÃO
ÁREAS DE NEGÓCIOS
ESPECIALIDADES

- Cumprimento
- Obras Públicas
- Judiciais (nem penais, nem laborais)
- Alfândegas e Importação
- Diferimento de Impostos
- Energias renováveis
- Outras

www.abarcaseguros.com

Lisboa: (+351) 211 383 408 | Atrium Saldanha Praça Duque de Saldanha, nº1 – 9ºG, 1050-094 Lisboa | info@abarcaseguros.com

PUB

CA Seguros

Com 25 anos de existência, a CA Seguros é a seguradora não vida do Grupo Crédito Agrícola que garante a segurança e protecção aos seus Associados e Clientes através de soluções de seguros, adequadas às suas necessidades.

Com uma gama completa de produtos para protecção de particulares, empresários e empresas, segura actualmente 400 mil Clientes, através de mais de 700 mil apólices em vigor.

O conhecimento pessoal, a relação especial de Proximidade e Confiança entre o Crédito Agrícola e os seus Associados e Clientes, através duma rede de cerca de 670 Agências, em todo o país são alguns dos pontos fortes da CA Seguros e respectivo Grupo CA.

A CA Seguros actua com foco na Qualidade sendo certificada pela Norma ISO 9001:2015 (Certificação de Qualidade). O foco na qualidade é comprovado pelos elevados níveis de satisfação nos inquéritos realizados junto dos Clientes Particulares e Clientes sinistrados e nas diversas distinções obtidas.

Em 2018, a CA Seguros foi distinguida pelo segundo ano consecutivo, como a Melhor Empresa para Trabalhar no sector da Banca, Seguros e Serviços Financeiros na edição de 2018 da iniciativa "Melhores Empresas para Trabalhar - MEPT".

A CA Seguros assume diariamente o compromisso de continuar a trabalhar, todos os dias, para exceder as expectativas dos seus Clientes, prestando-lhe um serviço de excelência.

CA Seguros
Grupo Crédito Agrícola

MISSÃO

» Oferecer Soluções (produtos e serviços de Seguros Não Vida) para protecção e segurança dos Associados e Clientes do Crédito Agrícola, excedendo as suas expectativas, num conceito de Bancasseguros e num espírito de Parceria.

VISÃO

» Ser a Seguradora (Não Vida) em que confiam todos os Associados e Clientes do Crédito Agrícola.

VALORES

Competência

» Aplicamos conhecimento para acrescentar Valor.

Cumprimento

» Executamos com observância das regras e obrigações.

Responsabilidade

» Assumimos os nossos compromissos.

Sustentabilidade

» No presente, harmonizamos aspectos económicos, sociais e ambientais, para os manter no futuro.

Transparência

» Comunicamos com clareza.

www.creditoagricola.pt

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO EXECUTIVO

João Pedro Borges
Presidente

João Maranga
Administrador

EQUIPA/RESPONSÁVEIS

Miguel Pio Henriques
Gabinete Gestão de Informação

João Nunes
Área de Apoio ao Negócio

Tiago Corrêa
Área de Subscrição

Lino Afonso
Área Agrícola

Cristina Cardiga
Área de Sinistros

António Marinho
Área de Recursos e Serviços

Paulo Escarigo
Área Sistemas de Informação

José Maria Coelho
Gabinete de Gestão de Risco

Paulo Soares
Área de Auditoria

Ana Ferreira
Gabinete de Actuariado

Carlos Pereira
Gabinete de Resseguro e Inovação

Teresa Barreira
Gabinete de Organização e Compliance

Nuno Matos
Área Financeira

Lisboa: (+351) 213 806 000 | Rua de Campolide, 372 - 3º DTO 1070-040 Lisboa | geral@ca-seguros.pt

Líder nacional em seguro de créditos e caução

A COSEC, que atua há mais de 50 anos no mercado português, é a seguradora líder em Portugal nos ramos do seguro de créditos e caução, com soluções para apoio à gestão e controlo de créditos no mercado interno e externo.

Com uma sólida estrutura acionista, constituída pela Euler Hermes, seguradora de créditos líder a nível mundial e o Banco BPI, a COSEC é o parceiro chave das empresas portuguesas, pois permite uma gestão eficaz do crédito a Clientes e cobre os prejuízos decorrentes do não pagamento das vendas a crédito de bens e serviços, contribuindo para que as empresas cresçam em segurança e alcancem novas oportunidades comerciais.

A solidez da sua base de dados empresarial, suportada por uma experiente equipa de analistas, permite uma monitorização do risco que se estende a mais de 280 mil empresas nacionais e tem acesso à base de dados da Euler Hermes, que monitoriza 90 milhões de empresas à escala mundial.

A COSEC tem reforçado a sua aposta na digitalização de processos e serviços. Lançou recentemente (i) a plataforma COSEC go!, um portal online que centraliza a comunicação entre a COSEC e os mediadores e restantes parceiros; (ii) o COSEC €XPRESS, um produto totalmente digital, dedicado a facilitar o acesso das pequenas empresas ao seguro de créditos; e ainda (iii) o COSEC link e o COSEC info: dois novos serviços digitais.

Desde 1969, a COSEC tem também o mandato do Estado para gerir o Sistema de Seguros de Créditos com Garantia de Estado, instrumento de política pública por excelência para colmatar as falhas de mercado deste ramo de seguros em exportações para países de risco mais significativo.

MARIA CELESTE HAGATONG
Presidente do Conselho de Administração da COSEC

CONSELHO ADMINISTRAÇÃO COSEC

- **Maria Celeste Hagatong**
  Presidente do Conselho de Administração da COSEC
- **Thierry Etheve**
  Presidente da Comissão Executiva da COSEC
- **José Vairinhos Gonçalves**
  Administrador da Comissão Executiva da COSEC
- **Ana Carvalho**
  Administradora da Comissão Executiva da COSEC
- **Paolo Cioni**
  Administrador não-executivo da COSEC
- **Pedro Silva Fernandes**
  Administrador não-executivo da COSEC

ÁREAS DE ATUAÇÃO:

- Seguro de Créditos
- Seguro Caução

www.cosec.pt

Serviço COSEC Direto: (+351) 211 164 221 | www.cosec.pt | cosec@cosec.pt | linkedin.com/company/cosec

PUB

50 ANOS DE LIDERANÇA E INOVAÇÃO

No seu 50º aniversário a **COSEC**, **líder em Seguro de Créditos e Caução em Portugal**, reforça o seu apoio às empresas portuguesas com o **lançamento** de **dois novos serviços digitais**:

COSEC link

Gestão das apólices diretamente no software de gestão da sua empresa através de uma interface de programação de aplicações (API).

COSEC info

Acesso, pelos tomadores COSEC, a um conjunto de indicadores financeiros e de risco dos seus clientes e potenciais clientes nacionais.

50 ANOS

www.cosec.pt
(+351) 211 164 221
cosec@cosec.pt

COSEC
LÍDER DE MERCADO

A COSEC é a seguradora líder em Portugal nos ramos de crédito e de caução, com quota de mercado de 53% no Seguro de Crédito e 42% no Seguro Caução, de acordo com dados de 2019 da Associação Portuguesa de Seguradores.

COSEC – Companhia de Seguro de Créditos, S.A., sociedade anónima de seguros, com sede em Avenida da Liberdade 249, 6º piso, 1250-143 LISBOA, autorizada pela Autoridadede Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF) a exercer atividade nos Ramos Não Vida - Crédito e Caução. Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob número único da matrícula e de identificação fiscal n.º 500726000, com o capital social de € 7.500.000. Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida.

Mar. 2020

Juntos para “um melhor amanhã, agora”

PRÉVOIR
Assureur Solutions Vie

A Companhia de Seguros PRéVOIR-VIE Groupe PRéVOIR, S.A. é a sucursal portuguesa do Groupe PRéVOIR, fundado em França em 1910. Especialista em seguros de pessoas, desenvolve a sua actividade exclusivamente nas áreas de previdência, protecção ao crédito habitação, poupança/reforma e brevemente seguros de saúde e de acidentes pessoais. Com sede no Porto, conta com 16 escritórios próprios e uma rede de mais de 750 profissionais que abrangem todo o território nacional.

Apoiamos as famílias portuguesas em cada etapa da sua vida, com soluções personalizadas, através de uma relação próxima e genuína.

Mais do que uma estratégia de desenvolvimento, é um compromisso social que estabelecemos com cada segurado. Queremos que todas as famílias portuguesas possam preparar melhor o seu futuro com soluções adaptadas ao quotidiano, sempre sob a premissa: “Um melhor amanhã, agora”.

MANDATÁRIO GERAL EM PORTUGAL
Luiz Ferraz

ÁREAS DE NEGÓCIO

- **Previdência**
- **Reforma**
- **Poupança**
- **Crédito Habitação**
- **Saúde e acidentes pessoais (proximamente)**

DIRECÇÕES

- **José Gonçalves**
  Direcção Financeira/Recursos Humanos
- **Paulo Silva**
  Direcção de Desenvolvimento Comercial
- **Gabriela Vilela**
  Direcção de Gestão de Carteira
- **João Gonçalves**
  Direcção de Informática
- **Marisa Correia**
  Direcção de Actuariado

www.prevoir.pt

Porto: (+351) 800 203 646 | +(351) 226 051 470 | +(351) 918 662 020 | +(351) 969 659 590 | Rua Júlio Dinis, 826 2º-3º, 4050-322 Porto | prevoir@prevoir.pt
Facebook: https://www.facebook.com/PrevoirPortugal/ **LinkedIN:** https://www.linkedin.com/company/prévoir-portugal
Instagram: https://www.instagram.com/prevoirportugal/

APROSE

Associação Nacional e Agentes e Corretores de Seguros

A APROSE representa os agentes e corretores de seguros profissionais. David Pereira, o presidente da direção da Associação frisa que "a mediação profissional está já a preparar-se para os desafios do futuro, através de fusões entre si, com outros mediadores; está a modernizar-se informaticamente; está a construir as suas próprias plataformas digitais; está a divulgar-se nas redes sociais; está a forjar uma nova economia de escala e a proceder uma redução de custos; está a modernizar os seus procedimentos internos; e está a promover a formação contínua dos seus quadros e equipas. Em suma está a adaptar-se aos novos tempos tecnológicos para melhor sobreviver". Reforça o presidente da APROSE que todos "estes novos desafios são, e serão, aquilo que faz com a Mediação Profissional de Seguros continue a ser indispensável e que o seu trabalho e o seu desempenho continue a acrescentar valor respondendo às necessidades do Cliente. Somos indispensáveis porque acrescentamos valor ao contrato de seguro que mediamos!" Frisa que "os desafios são o combustível necessário para que a mediação profissional evolua no caminho da modernidade tecnológica. Os mediadores já demonstraram, ao longo da sua história, que nunca foi a evolução tecnológica que os impediu de desempenharem o seu papel junto dos seus clientes. A evolução tecnológica é, antes, uma forma dos profissionais da mediação melhorarem o seu desempenho comercial e técnico junto do universo dos seus clientes". E sobre o papel essencial da mediação profissional David Pereira frisa que "as seguradoras constroem produtos de seguros adaptados à realidade, e às necessidades, das várias facetas da atividade humana. As pandemias e as catástrofes, desde sempre, fazem parte dessa realidade humana. Os ataques cibernéticos fazem parte de uma realidade mais recente e é consequência da evolução tecnológica. A mediação profissional comercializa esses produtos que as seguradoras fabricam, participando, muitas vezes na sua produção. Os mediadores profissionais, mercê da formação contínua das suas equipas comerciais, que os obriga a estarem sempre actualizados sobre todos os seguros existentes no mercado, estão tecnicamente capacitados para suprirem essas necessidades junto dos seus clientes". Frisa que "a mediação profissional presta um serviço indispensável e insubstituível na celebração dos contratos de Seguro, quer na escolha dos produtos mais adequados às necessidades dos cliente, quer no esclarecimento total das coberturas que estão a ser contratadas, quer ainda no apoio e agilização da regularização dos sinistros! Todo este profissionalismo se deve a um processo de modernização de procedimentos da mediação profissional resultante da aposta contínua na formação das suas equipas de trabalho".

DAVID PEREIRA
presidente da direção da APROSE

TESOUREIRO

» David Sarsfield

DIRETORES

» Paulo Lourenço
» Filipe Castro
» Nuno Costa
» Vítor Martins
» Sandra Morais

DIRETOR EXECUTIVO

» Corvaceira Gomes

www.aprose.pt

Porto: +(351) 222 003 000 +(351) 223 322 519 | Edifício Infante D. Dinis Praça da República, 93, Sala 301, 4050 - 497 Porto | aprose@aprose.pt

MDS Group

A MDS é um grupo multinacional que atua na área da corretagem de seguro e resseguro e consultoria de riscos, presente em mais de 100 países. É líder de mercado em Portugal, um dos maiores players no Brasil e está diretamente em Angola, Moçambique e Espanha, Malta e Suíça. Através da Brokerslink, empresa global de corretagem fundada pelo grupo e que integra cerca de 18.000 profissionais de seguros, responde às necessidades dos seus clientes nas mais diversas geografias e sectores.

O grupo integra também a MDS RE, companhia especializada em resseguro que presta serviços na Europa, América e África, e a RCG - Risk Consulting Group, uma referência na análise de riscos, controle de perdas, plano de continuidade de negócios e enterprise risk management. Através da HighDome, uma Protected Cell Company (PCC), a MDS oferece soluções alternativas de transferência de riscos ao mercado tradicional de seguros.

A MDS atua também na área de gestão de benefícios e benefícios flexíveis, através das empresas 838 Soluções e Ben's (Brasil) e Flexben (Portugal).

A MDS é o único Lloyd's broker em países de expressão portuguesa, reforçando desta forma o acesso aos principais mercados internacionais de seguro, resseguro e a capacidade para lidar com riscos complexos e de grande dimensão.

MDS Group

EQUIPA DE GESTÃO

José Manuel Dias da Fonseca
CEO Grupo MDS

Ricardo Pinto dos Santos
CEO MDS Portugal

Ariel Couto
CEO MDS Brasil

João Alvadia
CEO MDS África

Enrique Schoch
General Manager Filhet-Allard MDS Espanha

www.mdsinsure.com

Porto - sede: (+351) 226 082 410 | Av. da Boavista 1277/81, piso 0, 4100-130 Porto | mds@mdsinsure.com
Lisboa: (+351) 210 108 100 | Praça Marquês de Pombal n.º 3ª – 4º andar, 1250-161 Lisboa | mds.lisboa@mdsinsure.com

PUB

O Jornal Económico

No Setor Segurador em Portugal 2020

Este guia do universo segurador estará também disponível em www.jornaleconomico.pt

Corretores de Seguros

SABSEG SEGUROS

Somos especialistas no aconselhamento e gestão de riscos de pessoas e bens

Na SABSEG, colocamos sempre todos os recursos técnicos e humanos ao serviço dos clientes de modo a podermos contribuir para o aumento da sua segurança.
Somos uma empresa de corretagem de seguros independente, sólida e rigorosa que opera no mercado com total transparência, em absoluta parceria com os nossos clientes, há mais de 20 anos.
Tem sido uma das nossas preocupações constantes a procura e o desenvolvimento de soluções seguradoras que, por meio da sua abrangência e otimização, concorram para o reforço da segurança dos nossos clientes.
Construímos Relações Seguras.

Miguel Machado
Presidente do Conselho de Administração

Fernando Araújo
Administrador

Inácio Sousa
Administrador

José António Pereira
Administrador

Fernando Rocha
Diretor Geral

Carlos Martins
Diretor Geral

Atualize os seus dados
para a próxima edição

QUEM É QUEM

No Setor Segurador
em Portugal
2020

O Jornal Económico

Por favor envie os dados para:
Telef: 217 655 300
E-mail: comercial@jornaleconomico.pt

Willis Towers Watson

A Willis Towers Watson é uma empresa global líder em consultoria, corretagem e soluções de capital humano que apoia clientes em todo o mundo a transformar o risco num caminho para o crescimento.

Com um percurso que data desde 1828, a Willis Towers Watson conta com mais de 45.000 colaboradores ao serviço de mais de 140 países e mercados.

Desenhamos e oferecemos soluções que gerem o risco, otimizam os benefícios, promovem o talento e ampliam o poder do capital de forma a proteger e a reforçar as organizações e os indivíduos.

Juntos desbloqueamos potencial

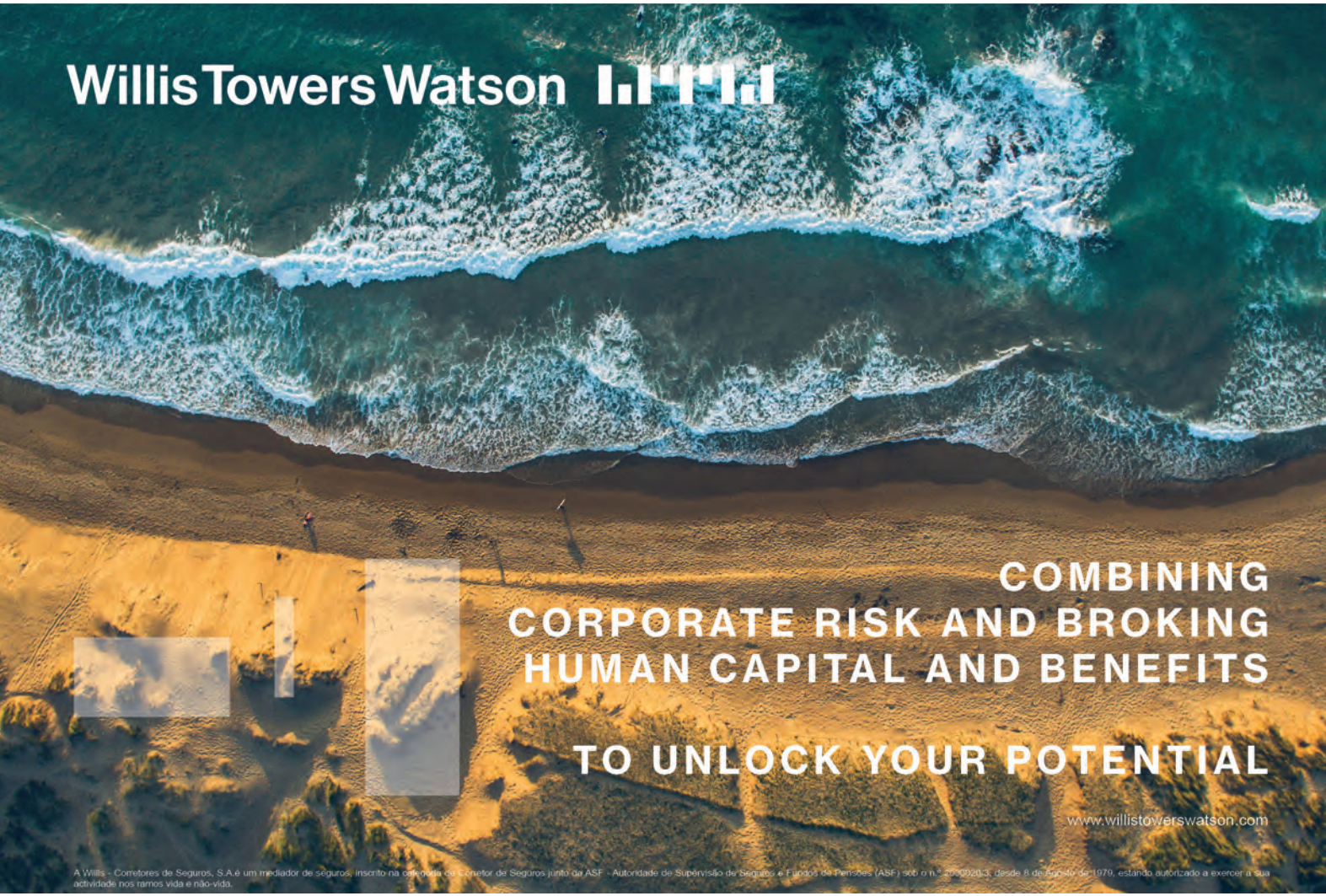
EQUIPA DE GESTÃO

- **António Madureira**
  Head of Portugal
- **Nuno Arruda**
  Head of Sales and Client Management Portugal
- **Pedro Maia**
  Norte, Açores e Madeira
- **Ana Marta Vasa**
  Retirement
- **José Barqueiro**
  Risk Solutions
- **Sandra Bento**
  Talent & Rewards
- **Miguel Albuquerque**
  Health and Benefits
- **José Miguel Baptista**
  Gestão do Risco
- **Luís Arruda**
  Contratação Pública
- **Acácio Ferreira**
  Seguro de Crédito e Caução
- **Crispin Stilwell**
  M&A and Project Finance Consultancy
- **Sofia Cruz**
  Gras Savoye NSA

www.willistowerswatson.com

Lisboa: (+351) 213 222 800 | Rua Barata Salgueiro, 33 - 7º andar, 1250 - 042
Porto: (+351) 220 026 700 | Avenida Sidónio Pais, 379 - Ed. B- 2º andar, 4100 - 468
Santarém: (+351) 243 305 730 | Rua Fernão Teles, 30, 2005 - 147

PUB



Emérico Gonçalves
Portugal Distribution Manager
Sales & Client

Nuno Noronha
Head of Accident & Health

Carlos Sosa
Property & Marine

RESPONSÁVEIS

Benedetta Cossarini
General Manager Iberia

Nelson Ferreira
Legal Representative
Head of Financial
Lines & Liabilities

AIG EUROPE, S.A. – SUC. PORTUGAL

(+351) 213 303 361
Av. Liberdade, 131,3
1250-140 Lisboa

(+351) 22 600 78 57
Rua Júlio Dinis, nº 204, Sala 214
4050-318 Porto, Portugal
www.aig.com.pt

EQUIPA

Country Manager
Sandra Moás

Diretora Comercial
Ana Araújo

Número de colaboradores 17

RAMOS

ASISA VIDA

ASISA Não Vida

"A ASISA possui mais de 40 anos de experiência em seguros e gestão de cuidados de saúde em Espanha. Conta com mais de 2,2 milhões de Segurados, e gere um volume de prémios anuais superior a 1.100 milhões de Euros.
Em Portugal iniciou a atividade em 2018, e comercializa seguros de vida, dentário (individual e/ou familiar), seguro de acidentes pessoais e tem várias ofertas vantajosas para empresas, assim como para os seus clientes e parceiros."

(+351) 211 160 809
Rua Rosa Araujo, Edificio
Liberdade 225, 3 Esq.
1250-195 Lisboa.
geral@asisa.pt | www.asisa.pt

SEGURADORES

ABARCA - Companhia de Seguros, SA
Praça Duque de Saldanha 1, Piso 9º G
Ed. Atrium Saldanha
1050-094 Lisboa
Telef: (+351) 211 383 408
E-mail: info@abarcaseguros.com
Site: www.abarcaseguros.com

Ace European Group Limited
Edifício D. Manuel I - Piso 3 Quinta da Fonte
2770-071 Paço de Arcos
Telef: (+351) 214 402 490
E-mail: clientes.pt@acegroup.com
Site: www.acegroup.com

Açoreana Seguros
Seguradoras Unidas, S.A.
Avenida da Liberdade, 242
1250-149 Lisboa
Telef: (+351) 217 984 000 / 707 201 248
E-mail: clientes@acoreana.pt
Site: www.acoreanaseguros.pt

ACP Mobilidade - Sociedade de Seguros de Assistência, S.A.
Avenida da República, 62 F - 2º
1069-210 Lisboa
Telef: (+351) 217 991 200
E-mail: acpservicos@acp.pt
Site: www.assistencia.acp.pt

Aegon Santander Portugal Companhia de Seguros, S.A.
Rua dos Sapateiros, nº 174 - 3º
1100-580 Lisboa
Telef: (+351) 217 807 369
E-mail: aegonsantander@aegonsantander.pt
Site: www.aegon-santander.pt

Ageas Portugal - Companhia de Seguros, S.A.
Avenida do Mediterrâneo, 1- Edifício AGEAS, Parque das Nações,
Apartado 1953, 1990-156 Lisboa
Telef: (+351) 213 506 100
Site: www.ageas.pt

Aide Asistencia, Seguros Y Reaseguros, S.A.
Av. República, 24 Galeria, Piso 1º, 2º e 7º
1050-192 Lisboa
Telef: (+351) 213 816 600
E-mail: comercial@aide.pt

AIG Europe, S.A. – Suc. Portugal
Av. Liberdade, 131,3
1250-140 Lisboa
Telef: (+351) 213 303 361
Rua Júlio Dinis, nº 204, Sala 214
4050-318 Porto, Portugal
Telef: (+351) 226 007 857
E-mail: portugal-geral@aig.com
Site: www.aig.com.pt

Companhia de Seguros Allianz Portugal, S.A.
Rua Andrade Corvo, 32
1069-014 Lisboa
Telef: (+351) 213 165 300
E-mail: info@allianz.pt
Site: www.allianz.pt

ARAG - Compañia Internacional de Seguros y Reaseguros S.A.
Rua Julieta Ferrão, 10 - 13º A
1600-131 Lisboa
Telef: (+351) 217 615 320
E-mail: geral@arag.pt
Site: www.arag.com

Asisa
Rua Rosa Araujo, Edificio
Liberdade 225, 3 Esq.
1250-195 Lisboa.
Telef: (+351) 211 160 809
E-mail: geral@asisa.pt
Site: www.asisa.pt

Axeria Prevoyance, S.A.
Rua Artilharia 1, 51 Páteo Bagatella,
Edificío I , 3º andar
1250-038 Lisboa
Telef: (+351) 213 867 381
E-mail: geral@axeria.pt
Site: www.axeria-prevoyance.fr/pt

AWP P&C - Sucursal em Portugal
Avenida do Brasil, nº 56, 3º
1700-073 Lisboa
Telef: (+351) 217 806 224
E-mail: comercial@allianz-assistance.com.pt
Site: www.allianz-assistance.pt

Bankinter Seguros de Vida, S.A. de Seguros Y Reaseguros
Avenida do Colégio Militar,
37F - 13º - Torre Oriente
1500-180 Lisboa
Telef: (+351) 211 158 808
E-mail: bankintervida_bksvpt@bankinter.com
Site: www.bksv.bankinter.pt

BBVASeguros, S.A. de Seguros Y Reaseguros
Avenida da Liberdade, 222
1250-148 Lisboa
Telef: (+351) 213 117 200
Site: www.bbva.pt

BNP Paribas Cardif Portugal
Rua Galileu Galilei, nº 2 - 10º Piso
Torre Ocidente
1500-392 Lisboa
Telef: (+351) 213 825 540
E-mail: cardifportugal@cardif.com
Site: www.bnpparibascardif.pt

BPI Vida e Pensões - Companhia de Seguros, S.A.
Rua Braamcamp, 11
1250-049 Lisboa
Telef: (+351) 213 111 020
E-mail: bancobpi@mail.bancobpi.pt
Site: www.bpipensoes.pt

Cardif Assurances Risques Divers
Torre Ocidente, Rua Galileu Galilei,
n.º 2 – 10.º Piso
1500-392 Lisboa
Telef: (+351) 210 054 124 / 707 202 320
E-mail: servicoapoiocliente@cardif.com
Site: www.bnpparibascardif.pt

Crédito Agrícola Seguros - Companhia de Seguros de Ramos Reais, S.A.
Rua de Campolide, 372 - 3º Dtº.
Edifício Bloom
1070-040 Lisboa
Telef: (+351) 213 806 000
E-mail: geral@ca-seguros.pt
Site: www.creditoagricola.pt

Caravela - Companhia de Seguros, S.A.
Av. Casal Ribeiro nº14
1000-092 Lisboa
Telef: (+351) 217 958 690
E-mail: callcenter@caravelseguros.pt
Site: www.caravelaseguros.pt

Compañia Española de Seguros de Credito a la Exportation, S.A. Comp. de Seguros Y Reaseguros (CESCE)
Avenida Duque d'Ávila, 46 - 1º A
1050-083 Lisboa
Telef: (+351) 213 303 510 / 808 204 205
E-mail: lisboa@cesce.es
Site: www.cesceportugal.com

COFACE Portugal - Compagnie Française d'Assurances pour le Commerce Exterieur
Avenida José Malhoa, 16 B 7º Piso B1
Edifício Europa
1070-159 Lisboa
Telef: (+351) 211 545 400
E-mail: coface_portugal@coface.com
Site: www.coface.pt

Companhia Portuguesa de Resseguros, S.A.
Largo Calhariz, 30
1249-001 Lisboa
Telef: (+351) 213 530 975
E-mail: cpress@cpresseguros.pt

COSEC - Companhia de Seguro de Créditos, S.A.
Sede: Av. da Liberdade, 249
6º piso - 1250-143 Lisboa
Telef: (+351) 211 164 221
Delegação Porto: R. Gonçalo Sampaio, 329, 3º, 4150-367 Porto
E-mail: cosec@cosec.pt
Site: www.cosec.pt

Atradius Crédito y Caución, S.A. de Seguros y Reaseguros
Avenida da Liberdade, 245 - 3º C
1250-143 Lisboa
Telef: (+351) 213 190 370
E-mail: lisboa@creditoycaucion.pt
Site: www.creditoycaucion.pt

ESPAÑA, SA - Compañia Nacional de Seguros
Rua Garrett, 47 - 4º Esq.
1200-203 Lisboa
Telef: (+351) 213 224 520
E-mail: infolisboa@espanasa.com
Site: www.espanasa.com/pt

EURO INSURANCES DAC Leaseplan Insurance (LPS)
Lagoas Park Edifício 6
2740-244 Porto Salvo
Telef: (+351) 213 943 414
E-mail: servico.cliente@leaseplan.com
Site: www.leaseplan.pt

Europ Assistance - Companhia Portuguesa de Seguros, S.A.
Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 75 - 10º
1070-061 Lisboa
Telef: (+351) 213 860 003 / 808 201 000
E-mail: dcomereap@mail.telepac.pt
Site: www.europ-assistance.pt

Europäische Reiseversicherung AG
Avenida da Liberdade, 200
1250-147 Lisboa
Telef: (+351) 211 206 287
E-mail: europea.pt@erv.t
Site: www.europeadeseguros.com

O Jornal Económico

EDIÇÃO DIGITAL DESDE 0,99€/SEMANA*

*assinatura anual 51,99€

O Jornal Económico surge também em versão digital. As melhores notícias da economia nacional e internacional de forma portátil, inteligente, económica e amiga do ambiente. Para ler em qualquer lugar e através de qualquer dispositivo (computador, tablet ou smartphone).
Aproximamos a economia de si.

Subscreva já em: **jornaleconomico.sapo.pt/assinaturas**

COMPAGNIE FRANÇAISE D.ASSURANCE POUR LE C.E. COFACE, SUCURSAL EM PORTUGAL

Country Manager
José Monteiro
Director Informático
Luís Correia
Responsável do Serviço Técnico Comercial e Apoio ao Cliente
Gonzalo Imbid
Responsável Apoio ao Cliente - Grandes Contas
Maria João Lopes

Responsável do Departamento de Análise de Risco
Marlène Luís
Responsável de Indemnização, Assuntos Jurídicos e Compliance
Ana Matias
Responsável pela Área de Cobranças e Gestão Documental
Miguel Godinho
Delegação Territorial Sul
Antonio Aparício

(+351) 211 545 400
(+351) 211 545 401
Av. José Malhoa, nº 16-B – 7º Piso – Fracção B1 – Edifício Europa, 1070 – 159 Lisboa
coface.portugal@coface.com
www.coface.pt
NIPC: 980204208

João Horta e Costa
CCO - Chief Commercial Officer
Maria João Matos
CBDO - Chief Business Development Officer
Susana Alves
CHRO -Chief Human Resources Officer
Paulo Xardoné
CIO - Chief Information Officer
Frederico Oom
CFO – Chief Financial Officer
Ana Félix Ferreira
COO – Chief Operating Officer

Paula Casa Nova
CEO Europ Assistance Portugal

EUROP ASSISTANCE PORTUGAL
(+351) 213 860 003
Europ Assistance S.A.
Sucursal em Portugal
Av. Columbano Bordalo Pinheiro 75, 10º andar, 1070-061 Lisboa
www.europ-assistance.pt

Eurovida - Companhia de Seguros de Vida, S.A.
Rua Ramalho Ortigão, 51
1099-090 Lisboa
Telef: (+351) 217 924 700
E-mail: seguros@eurovida.pt
Site: www.eurovida.pt

Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A.
Largo do Calhariz, 30, 1249 – 001 Lisboa
Telef: (+351) 217 948 800 / 808 293 949
Site: www.fidelidade.pt

Financial Assurance Company Limited
Av. Duque de Ávila, 46 – Piso 3ºC
1050-083 Lisboa
Telef: (+351) 217 936 273
E-mail: fin_portugal@genworth.com
Site: www.genworth.com

Generali - Companhia de Seguros, S.A
Rua Duque de Palmela, 11
1269-270 Lisboa
Telef: (+351) 213 112 800
E-mail: agenerali@generali.pt
Site: ww6.generali.pt/generali/pt

GNB - Companhia de Seguros, S.A.
Avenida Álvares Cabral, 41
1250-015 Lisboa
Telef: 707 247 365 / 707 782 070
E-mail: info@gnb-seguros.pt
Site: www.gnb-seguros.pt

Greenval Insurance Company Limited
Avenida 24 de Julho, 74 - 76, Piso 1
Edifício BIG
1200-869 Lisboa
Telef: 707 223 223
E-mail: info@greenval-insurance.ie
Site: www.greenval-insurance.com

Hiscox Insurance Company Limited
Av. da Liberdade 90
1269-026 Lisboa
Telef: (+351) 213 178 559
Site: www.hiscox.pt

Inter Partner Assistance, S.A.
Largo Jean Monnet, 1 - 2º
1269-069 Lisboa
Telef: (+351) 213 102 400 / (+351) 213 102 424
E-mail: gestao.sinistros@ip-assistance.com
Site: www.ip-assistance.pt

Liberty Seguros, S.A.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 6
1069-001 Lisboa
Telef: (+351) 213 124 300 / 808 243 000
E-mail: producao@libertyseguros.pt
Site: www.libertyseguros.pt

Lloyd's Sucursal em Portugal
Rua Victor Cordon N10A, 4º e 5º pisos
1249 - 202 Lisboa
Telef: (+351) 213 883 479
E-mail: ana.berron@lloyds.com
Site: www.lloyds.com

London General Insurance Company Limited
Av. Fontes Pereira de Melo, 15 - 3º Dto
1050-115 Lisboa
Telef: (+351) 213 468 134
Site: www.combinedinsurance.com.pt

Lusitania, Companhia de Seguros, S.A.
Rua de São Domingos à Lapa, 35
1249-134 Lisboa
Telef: (+351) 210 407 510 / (+ 351) 220 407 510
E-mail: lusitania@lusitania.pt
Site: www.lusitania.pt

Mapfre Seguros Gerais, S.A.
Rua Castilho, 52
1250-071 Lisboa
Telef: (+351) 213 819 700
E-mail: sinistrosparticipacoes@mapfre.pt
Site: www.mapfre.pt

Médis - Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde, S.A.
Avenida Dr. Mário Soares - Edifício 10 - Piso 1 Tagus Park
2744-005 Porto Salvo
Telef: (+351) 213 819 700
E-mail: uac.medis@millenniumbcp.pt
Site: www.medis.pt

MetLife
Avenida da Liberdade, 36, 2º
1269-047 Lisboa
Telef: (+351) 213 475 031
E-mail: apoiocliente@metlife.pt
Site: www.metlife.pt

Multicare - Seguros de Saúde, S.A.
R. Alexandre Herculano 53
1250-010 Lisboa
Telef: (+351) 217 948 880
Site: www.multicare.pt

Mutua de Riesgo Marítimo, Sociedad de Segurs a Prima Fija (Murimar)
Rua Dominguez Alvarez, 44
Escritório 2.5,
4150-801 Porto
Telef: (+351) 220 122 816
E-mail: administracao@murimar.com
Site: www.murimar.pt

Mútua dos Pescadores, Mútua de Seguros, C.R.L.
Avenida Santos Dumont, Edifício Mútua n.º 57, 6º, 7º e 8º
1050-202 Lisboa
Telef: (+351) 213 936 300
Fax: (+351) 213 936 310
E-mail: geral@mutuapescadores.pt
Site: www.mutuapescadores.pt

N Seguros, S.A.
Zona Industrial da Maia - Sector IX
Lote 20 - Moreira da Maia
4470-440 Maia
Telef: 808 502 727 / 707 502 525
E-mail: info@nseguros.pt
Site: www.nseguros.pt

Ocidental - Companhia Portuguesa de Seguros, S.A.
Avenida Dr. Mário Soares (Tagus Park)
Edifício 10 Piso 1
2744-005 Porto Salvo
Telef: (+351) 210 042 490
E-mail: geral@ocidentalseguros.pt
Site: www.ocidental.pt

Popular Seguros - Companhia de Seguros, S.A.
Rua Ramalho Ortigão, 51
1099-090 Lisboa
Telef: (+351) 213 808 330
E-mail: geral@popularseguros.pt
Site: www.popularseguros.pt

Prévoir - Vie Groupe Prévoir S.A.
Rua Júlio Dinis, 826 - 2º
4050-322 Porto
Telef: (+351) 226 051 470
E-mail: prevoir@prevoir.pt
Site: www.prevoir.pt

PSN - Previsión Sanitaria Nacional
Avenida João XXI, 70 - R/C Dtº
1000-304 Lisboa
Telef: (+351) 210 436 910
E-mail: fcalle@grupopsn.es
Site: www.grupopsn.pt

Real Vida Seguros, S.A.
Sede
Av. de França, 316-2º, Edifício Capitólio
4050-276 Porto
Telef: (+351) 220 410 700
Lisboa
Rua Duque de Palmela, nº 37
1250-097 Lisboa
Telef: (+351) 210 992 475
Linha de Apoio
E-mail: info.clientes@realvidaseguros.pt
info.agentes@realvidaseguros.pt
Site: www.realvidaseguros.pt

RNA Seguros de Assistência, S.A.
Avenida Engº. Duarte Pacheco, Edf. das Amoreiras - Torre 1 - 12º Piso - Sala 1
1070-101 Lisboa
Telef: (+351) 210 443 660
E-mail: geral@rna.com.pt
Site: www.rna.com.pt

Santander Totta Seguros Companhia de Seguros de Vida, S.A.
R. Mesquita 6,
1070-238 Lisboa
Telef: (+351) 217 807 369
E-mail: santandertottaseguros@santander.pt
Site: www.santandertotta.pt

Seguradoras Unidas, S.A.
Avenida da Liberdade, 242
1250-149 Lisboa
Telef: 808 202 059 / 707 999 746
E-mail: geral@logo.pt
Site: www.logo.pt

Tranquilidade
Avenida da Liberdade, 242
1250-149 Lisboa
Telef: 808 202 059
E-mail: clientes@tranquilidade.pt
Site: www.tranquilidade.pt

Una Seguros
Av de Berna, 24 D
1069-170 LISBOA

Via Directa - Companhia de Seguros, S.A.
Avenida José Malhoa, Nº 13 - 4º Piso
1099-006 Lisboa
Telef: (+351) 213 212 001
E-mail: sinistros@viadirecta.pt
Site: www.viadirecta.pt

Victoria Seguros
Sede Social e Atendimento ao Cliente:
Edifício VICTORIA
Av. da Liberdade 200
1250-147 LISBOA
Telef: (+351) 213 134 450
Fax: (+351) 213 134 700
E-mail: lisboa@victoria-seguros.pt

XL Catlin
Plaza de la Lealtad, 4
28014 Madrid, Espanha
Telef: (+34) 917 023 302
Site: www.xlcatlin.com

Zurich Seguros
Av. República, 24-A
1050-192 Lisboa
Telef: (+351) 213 816 780 / 707 200 160
E-mail: zurich.helppoint.portugal@zurich.com
Site: www.zurich.com.pt

CORRETORES

Accive Insurance – Corretor de Seguros, S.A.
Av. Boavista 1277/81, 1º
4100-130 Porto
Telef: (+351) 222 164 560
E-mail: info@accive.pt
Site: www.accive.pt

Actaseguros – Corretores de Seguros, S.A.
Rua São Ciro 79A
1200-830 Lisboa
Telef: (+351) 213 901 382
E-mail: central@actaseguros.pt
Site: www.actaseguros.pt

AMÂNDIO O. PINTO, LDA.
Rua Santa Maria n. 1740
4535-400 Santa Maria de Lamas
Telef: (+351) 227 471 350
E-mail: apoiocliente@metlife.pt
Site: www.amandioopinto.com

A.Morais-Corretores e Consultores de Seguros Lda.
Rua Diu 5-A
2615-907 Alverca do Ribatejo
Telef: (+351) 219 580 934 / (+351) 219 581 816
E-mail: amorais@amorais.pt
Site: www.amorais.pt

Amplitude - Corretores de Seguros, S.A.
Rua Conde da Covilhã, 1637
4100-189 Porto
Telef: (+351) 229 364 030
E-mail: amplitude@amplitudeseguros.com
Site: www.amplitudeseguros.pt

António A. Brito Mesquita, Lda. Corretores de Seguros
R. Dr. Ricardo Jorge, 55 2º Esq.
4050-514 Porto
Telef: (+351) 223 325 372 / (+351) 223 325 945
E-mail: geral:abritomesquita@sapo.pt
Site: www.abmesquita.com

ANTONIO MARQUES - CORRETOR DE SEGUROS, E.I.R.L.
Rua António José Batista 16 - 2º Drt
2910-397 Setúbal
Telef: (+351) 265 546 088
E-mail: amseguros@amseguros.pt
Site: www.amseguros.pt

Aon Portugal - Corretores De Seguros, S.A.
Avenida Liberdade, 249, 2º, Lisboa
Telef: (+351) 210 001 000
E-mail: geral@aon.pt
Site: www.aon.com

Aprose
Edifício Infante D. Dinis
Praça da República, 93, Sala 301
4050 - 497 Porto
Telef: (+351) 222 003 000 / (+351) 223 322 519
E-mail: aprose@aprose.pt

ASAL - Agência de Seguros e Assistência, S.A.
Rua Joaquim Pedro Monteiro, nº 57
2600 - 166 Vila Franca de Xira
Telef: (+351) 263 286 860
E-mail: geral@asal.pt
Site: www.asal.pt

Archer & CIA – Corretores de Seguros, Lda
Avenida da Liberdade 90 – 3º
1269-026 Lisboa
Telef: (+351) 226 052 930
E-mail: archer.ca@archer.pt
Site: www.archer.pt

ART CORRETORES SEGUROS, S.A.
Rua Almirante Reis, 20
3850-121 Albergaria-a-Velha
Telef: (+351) 234 529 570
E-mail: info@artnet.pt
Site: www.artnet.pt

Atlas Seguros - Consultores e Corretores de Seguros S.A.
Rua Laura Alves, nº 12 – 3º
1050-138 Lisboa
Telef: (+351) 213 600 120
E-mail: geral@atlas-seguros.com
Site: www.atlas-seguros.pt

Beja Corretores de Seguros, Lda.
Rua Nicolau Coelho, nº 6, Agualva
2735-141 Cacém
Telef: (+351) 219 121 200 / (+351) 919 999 246
E-mail: geral@bejaseguros.pt
Site: www.bejaseguros.pt

Broqueraje – Sociedade Corretora de Seguros, Lda.
Avenida João Crisóstomo, 41 – 5º
1050-125 Lisboa
Telef: (+351) 213 170 890 / (+351) 919 189 512
E-mail: broqueraje@broqueraje.pt
Site: www.segurosbroqueraje.com

CALÇÃO - CORRETORES DE SEGUROS, S.A.
Rua Fundo da Gandra, 312
3730-255 Vale de Cambra
Telef: (+351) 256 423 367
E-mail: geral@calcaoseguros.pt
Site: www.calcaoseguros.pt

CBK MADEIRA - CORRETORES DE SEGUROS, S.A.
Rua da Sé 40
9000-066 Funchal
Telef: (+351) 291 205 020
E-mail: mjfortes@cbkmadeira.pt
Site: www.cbk.pt

CEGREL - CORRETORES SEGUROS, LDA.
R. Alfredo Mirante 12 A, Apartado 241
7350 - 903 Elvas
Telef: (+351) 268 639 250
E-mail: cegrel@cegrel.pt
Site: www.cegrel.pt

CORBROKER - CORRETORES DE SEGUROS, S.A.
Av. Liberdade nº 144/156 – 6º Esq
1250-146 Lisboa
Telef: (+351) 213 245 140
E-mail: seguros@corbroker.pt
Site: www.corbroker.pt

CORPOS - CORRETORA DE SEGUROS, LDA.
Rua 12, nº 583 - 1ºH, Apartado 749
4501-901 Espinho
Telef: (+351) 227 342 691 / (+351) 227 343 593
E-mail: corpos@corpos.pt
Site: www.corpos.pt

COSTA DUARTE - CORRETOR DE SEGUROS, S.A.
Av. António Augusto Aguiar, 130-4.º
1050-020 Lisboa
Telef: (+351) 213 504 440
E-mail: geral@costaduarte.pt
Site: www.costaduarte.pt

Credite EGS – Corretores de Seguros, S.A.
Avenida da Igreja, 42 - 5º
1700-239 Lisboa
Telef: (+351) 217 220 100
E-mail: geral@credite-egs.pt
Site: www.credite-egs.pt

Crown Pier Corretores Seguros, LDA
Rua Nova dos Mercadores,
n.º 3.06.01M, Parque das Nações
1990-179 Lisboa
Telef: (+351) 210 993 492
E-mail: geral@crownpier.pt
Site: www.crownpier.pt

Diagonal - Corretores de Seguros, S.A
Avenida Álvaro Pais, nº 13
Loja 7 (Multicentro Entrecampos)
1600 - 007 Lisboa
Telef: (+351) 217 928 500
Site: www.diagonalseguros.pt

Dias da Costa - Corretores de Seguros, Lda.
Rua Aquilino Ribeiro, 135
4465-024 S. Mamede de Infesta
Telef: (+351) 938 214 700
E-mail: geral@diasdacostaseguros.com
Site: www.diasdacostaseguros.com

EMPREMEDIA - CORRETORES SEGUROS, LDA.
Rua de S. José, nº 35 -2ºA
1150-321 Lisboa
Telef: (+351) 213 219 650
E-mail: geral@empremedia.pt
Site: www.empremedia.pt

FERREIRA & MACEDO, S.A.
Estrada de Benfica 474-A
1500-105 Lisboa
Telef: (+351) 217 121 830
E-mail: ferreira.macedo@netcabo.pt
Site: www.ferreiramacedo.pt

F. REGO - CORRETORES SEGUROS, S.A.
Apt. 439 - Av. da República
740, 2º – sala 23-25
4431-967 Vila Nova de Gaia
Telef: (+351) 223 745 760
E-mail: geral@frego.pt
Site: www.frego.pt

G. A. - corretores de seguros, LDA
Rua Abade Martins de Faria, nº202- Beiriz
Apartado 60 - 4494-909 Póvoa de Varzim
Telef: (+351) 252 696 705
E-mail: geral@gaseguros.pt
Site: www.gaseguros.pt

Gabinete De Corretores De Seguros De Olímpio De Magalhães, Lda.
Rua De Camões, 218 5º, salas 3- 4
4000-138 Porto
Telef: (+351) 223 393 440
E-mail: gcs@netcabo.pt
Site: www.gcs.pa-net.pt

Globo Corretores Seguros, LDA.
Rua do Bocage, 8A
2745-084 Queluz
Telef: (+351) 214 356 141
E-mail: info@globoseguros.pt
Site: www.globoseguros.pt

ILIDIO MAIA CASAIS CORRETORES SEGUROS, LDA.
Pcta. Dr. Francisco Sá Carneiro, Lt. 89
2775-286 Parede
Telef: (+351) 214 588 420
E-mail: geral@imcseguros.pt
Site: www.imcseguros.pt

Iperseg – Corretores de Seguros, Lda.
Av. Calouste Gulbenkian
Lote MS46 R/C Dto.
8000 – 072 Faro
Telef: (+351) 289 892 500 / (+351) 917 339 864
E-mail: geral@iperseg.pt
Site: www.iperseg.pt

J.Neves Corretor de Seguros
Avenida da República, 1786
4430-194 Vila Nova de Gaia
Telef: (+351) 223 755 358
E-mail: geral@jnevesseguros.com
Site: www.jnevesseguros.com

João Mata, Lda.
Rua Camilo Castelo Branco, 2-1º
1150-084 Lisboa
Telef: (+351) 213 187 000
E-mail: seguros@joaomata.pt
Site: www.joaomata.pt

LUIS FERRAZ - CORRETORES DE SEGUROS, LDA.
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa
728 – 3º Sala 325
4050 Porto
Telef: (+351) 226 007 021
E-mail: geral@luisferraz-seguros.pt
Site: www.luisferraz-seguros.pt

Luso-Atlântica - Corretor de Seguros S.A.
Rua Silva Albuquerque 17-A/B
1700-360 Lisboa
Telef: (+351) 211 149 239
E-mail: geral@lusoatlantica.pt
Site: www.lusoatlantica.pt

Marsh Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo,
51 - 6º E
Apartado 1072 - 1052-803 Lisboa
Telef: (+351) 213 113 700
E-mail: marsh.portugal@marsh.com
Site: www.portugal.marsh.com

MDS - CORRETOR SEGUROS, S.A.
Sede: Av. da Boavista 1277/81,
piso 0, 4100-130 Porto
Telef: (+351) 226 082 410
E-mail: mds@mdsinsure.com
Lisboa: Praça Marquês de Pombal n.º 3ª 4º andar, 1250-161
Telef: (+351) 210 108 100
Site: www.mdsinsure.com

Median Corretores de Seguros, S.A.
Avenida Júlio Dinis, nº.6-3º.
1050-131 Lisboa
Telef: (+351) 217 990 850 / (+351) 210 443 722
E-mail: geral@median.pt
Site: www.median.pt

MEDIATOR - SOCIEDADE CORRETORA SEGUROS, S.A.
Av. Fontes Pereira de Melo, 17 - 1º
1050-116 Lisboa
Telef: (+351) 213 113 210
E-mail: mediator@verspieren.org
Site: www.mediator.pt

Medibroker- Corretor
e Consultor de Seguros, S.A.
Rua Diogo Macedo, 114- 3ª A e B
4400-107 Vila Nova de Gaia
Telef: (+351) 223 774 270
E-mail: geral@medibroker.pt
Site: www.medibroker.pt

MENDES & SILVA,CORRETORES
CONSULTORES SEGUROS, LDA.
Rua N.ª Senhora das Dores 71-A, loja D
2401-904 Leiria
Telef: (+351) 244 723 440
E-mail: geral@ms-seguros.pt
Site: www.ms-seguros.pt

MSE – Corretores e Consultores de
Seguros, S.A.
Avenida Fontes Pereira de Melo
nº 51, 7º Esq., 1050-120 Lisboa
Telef: (+351) 210 998 406
E-mail: administrativo@mse-seguros.pt
Site: www.mse-seguros.pt

OTS, CORRETORES
DE SEGUROS, LDA.
Av. António José Gomes, 64–B/1ºA
2805-086, Cova da Piedade
Telef: (+351) 213 475 031
E-mail: apoiocliente@metlife.pt
Site: www.ots.pt

PAIXÃO - CORRETORES
SEGUROS, LDA.
Rua do Comércio, R/ C
2540-003 Bombarral
Telef: (+351) 262 099 130
E-mail: info@paixaoseguros.com
Site: www.paixaoseguros.com

PLC - CORRETORES
DE SEGUROS, S.A.
Av. Infante Santo, 48 - 2º esq.
1350-179 Lisboa
Telef: (+351) 213 932 010
E-mail: plcseguros@plcseguros.pt
Site: www.plcseguros.pt

Privy - Corretores
de Seguros, S.A.
Rua Queirós Ribeiro, 54
4920-289 V.N. Cerveira
Telef: (+351) 225 073 760
E-mail: info@segurosprivados.pt
Site: www.segurosprivados.com.pt

Publisegur- Corretores
de Seguros, LDA.
Largo S. João – Garden Shopping Center
Loja 43 a 45
6300-752 Guarda
Telef: (+351) 271 223 316
E-mail: publisegur@publisegur.pt
Site: www.publisegur.pt
Ramalho's - Corretores
de Seguros, Lda.
Avenida do Estadio, 213/219
4405-625 Vila Nova de Gaia
Telef: (+351) 227 300 050
E-mail: geral@ramalhoseguros.pt
Site: www.ramalhoseguros.pt

RAúL CARVALHO, LDA.
Rua José Narciso Martins da Costa,
594/596, Apartado 8
4796-909 S. Martinho do Campo
Telef: (+351) 252 840 400
E-mail: mail@raulcarvalho.pt
Site: www.raulcarvalho.pt

Rede Corretores
de Seguros, S.A.
Rua dos combatentes do Ultramar, 28
4580-077 Paredes
Telef: (+351) 255 780 836
E-mail: geral@redeseguros.pt
Site: www.redeseguros.pt

SÁ PEREIRA DO LAGO – CORRETORES
DE SEGUROS, LDA
Apt. 207 – Av. Fernão de Magalhães
136, 2o – sala Q
3000-171 Coimbra
Telef: (+351) 239 851 810
E-mail: geral@spl.pt
Site: www.spl.pt

SABSEG SEGUROS - CORRETOR
DE SEGUROS, S.A.
Avenida Almirante Gago Coutinho, 164,
1700-033 Lisboa
Telef: (+351) 217 513 300
Site: www.sabseg.com

SAM - CORRETORES SEGUROS, LDA.
Rua Cidade da Covilhã, nº 7
2005-244 Santarém
Telef: (+351) 211 450 780
Site: www.scal.pt

SCAL, Mediação de Seguros, S.A.
Rua Cidade da Covilhã, nº 7
2005-244 Santarém
Telef: (+351) 211 450 780
Site: www.scal.pt

SECOSE - CORRETORES SEGUROS,
S.A.
Av. Miguel Bombarda, nº 61 - 7º
1050-161 Lisboa
Telef: (+351) 213 186 200
E-mail: secose@secose.pt
Site: www.secose.pt

Seguitex- Corretores
de Seguros, LDA
Avenida do Fojo nº 65
4715-570 Este S. Pedro Braga
Telef: (+351) 253 603 250
E-mail: geral@seguitex.pt
Site: www.seguitex.pt

SEGURAJUDA - CORRETORES
DE SEGUROS, LDA.
Rua Nova do Calhariz 19
1300-425 Lisboa
Telef: (+351) 213 635 504
E-mail: segurajuda@segurajuda.pt
Site: www.segurajuda.pt

SEGURASSISTE - CORRETORES
E CONSULTORES DE SEGUROS, S.A.
Rua de S. José (à Av. da Liberdade) - nº
15 - 2º
1150-321 Lisboa
Telef: (+351) 213 426 663
E-mail: segurassiste@segurassiste.com
Site: www.segurassiste.com

Seguramos - Corretores
de Seguros, LDA.
Rua Basílio Teles 35 - 9º Esq
1070-020 Lisboa
Telef: (+351) 252 450 360
E-mail: sugestões@seguramos.pt
Site: www.seguramos.pt

Solarsegura – Corretores
de Seguros, Lda.
Rua José Veríssimo Duarte
Edifício O Solar, Loja 2
2540-110 Bombarral
Telef: (+351) 262 600 100
E-mail: solarsegura@solarsegura.com
Site: www.solarsegura.com

Solução - Corretores
e Consultores de Seguros, S.A.
Campo Grande nº56-7ºC
1700-093 Lisboa
Telef: (+351) 227 660 700
E-mail: geral@solução.pt
Site: www.solucao.pt

Sequeira, Lima - Corretores
de Seguros, Lda.
Rua da Misericórdia, 17
2590-037 Sobral de Monte Agraço
Telef: (+351) 261 941 525
E-mail: info@sequeiralima.com
Site: www.sequeiralima.com

Sosel – Corretores
de Seguros S.A.
Av. Dr. António José de Almeida, nº30
3680 Oliveira de Frades
Telef: (+351) 232 760 200
Site: www.sosel.pt

UNISEGUROS - CORRETORES
SEGUROS, LDA.
Rua José Falcão, 57 - 5º Drt.
1000-184, Lisboa
Telef: (+351) 213 523 210
E-mail: geral@uniseguros.pt
Site: www.uniseguros.pt

Universal - Corretores
de Seguros, Lda.
Rua das Pretas, 24
9000-049 Funchal
Telef: (+351) 291 20 66 20/39
E-mail: web@universal-seguros.com
Site: www.universal-seguros.com

VERSPIEREN PORTUGAL – Corretores
de Seguros, S.A.
Avenida Conde Valbom, 30 - 6º
1050-068 Lisboa
Telef: (+351) 217 220 100
E-mail: geral@verspieren.pt
Site: www.verspieren.pt

Villas-Boas ACP - Archer & Camacho
Corretores de Seguros. S.A.
Rua do Campo Alegre,
606 – 3º, sala 305
4150-171 Porto
Telef: (+351) 226 052 700
E-mail: infoporto@villasboasacp.pt
Site: www.porto.villasboasacp.pt

VILLAS-BOAS ACP, CORRETORES
ASSOCIADOS SEGUROS, LDA.
Av. Liberdade nº 90
1269-026 Lisboa
Telef: (+351) 213 236 000
E-mail: info@villasboas.pt
Site: www.villasboas.pt

Willis Towers Watson
Lisboa
Rua Barata Salgueiro, 33
Lisboa 1250-042
Telef: (+351) 213 222 800
Porto
Avenida Sidonio Pais, 379
Piso 2; Sala 8
Porto 4100-468
Telef: (+351) 220 026 700
Site: www.willistowerswatson.com

As informações deste diretório foram recolhidas junto da entidade reguladora e das empresas em março de 2020, pelo que poderão ter ocorrido ou vir a ocorrer alterações a que somos alheios. Esta listagem é representativa do setor, mas não inclui a totalidade das empresas existentes.